Universidade Federal Fluminense
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Ciência Inexata
Corrida de cavalo & Antropologia

Rafael Velasquez

Niterói,
2015

Universidade Federal Fluminense
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Ciência Inexata
Corrida de cavalo & Antropologia

Rafael Velasquez

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Niterói,
2015

Banca Examinadora

_____

Prof[a]. Dr[a]. Laura Graziela F. F. Gomes
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Orientadora

_____

Prof. Dr. Martin Christoph Curi Spörl
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

_____

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo

Esta dissertação tem por objetivo apresentar e descrever os processos de construção do conhecimento do turfista-apostador, fazendo ênfases ao público e suas relações sociais dentro do hipódromo da Gávea, Rio de Janeiro, para a efetivação das apostas. Chamo tais conhecimentos de "hipólógicos" e a parte social, de "circuito de barbada". Inicio minha análise a partir dos significados e os sentidos do cavalo-espécie, bem como dos próprios cavalos de corrida que são a fonte da incerteza da prática e que dão o animo aos processos de interpretação hipológica. Descrevo o jogo de aposta, suas modalidades e as estratégias que os aficionados mais utilizam e discuto os papeis mais pedagógicos profundos do jogo. Por fim, finalizo explorando as trocas de informações, isto é, de barbadas, que tornam a aposta nas corridas de cavalos um jogo social.

Palavras-chaves: Corrida de Cavalo; Turfe; Antropologia do Conhecimento; Teoria Antropológica, Antropologia da Aposta

Abstract

This thesis aims to present and to describe the gambler's knowledge processes, with emphasis to the public and their social relations within the Gavea's Hippodrome, Rio de Janeiro, for the realization of the bet. I call this knowledge of "hippology" and the social part of "barbada circuit". I start my analysis from the meanings and senses horse-species, as well as own racehorses that are the source of the practice uncertainty and giving encouragement to the hippological interpretation processes. I describe the betting game, its modalities and strategies that punters most use and I discuss the most profound teaching roles in the game. At last, I finish exploring the exchange of information, I mean, the barbadas, which make bets on horse races a games also social

Keywords: Horse race; Turf; Anthropology of Knowledge; Anthropology Theory, Gamble Studies

Aos cavalos que fizeram e os que ainda fazem os homens sonharem.

Sumário

Agradecimentos 8
Introdução: Eu sou um cavalo 10
E assim tudo começa 11
O *revisited* e as intermitências 12
De dentro e de perto, e de muito perto 14
Os rapazes 18
Sociabilidade de turfista 19
O Hipódromo da Gávea e a cidade do Rio de Janeiro 20
Encilhando o texto 21
Capítulo1: Os quadrúpedes e os seus bípedes 24
Glória feita de sangue 26
Abaixo da constelação de *Sagittarius* 33
Acima de qualquer suspeita 42
Heróis inesquecíveis: o caso de Bal A Bali 46
Algumas considerações 55
Capitulo 2: A Ciência Inexata 58
Aprender a apostar 68
A *expertise* hípica 74
O programa 77
Analisando o programa 80
Propensão genética 82
Estatísticas 83
Reputação e moral 85
Olhar 88
Os 10 mandamentos de Bull 91
Tornar-se cada vez mais catedrático 96
Capítulo 3: Barbada & Malandragem 102
O ‘inferno’de Boneca 104
Barbada: jogo e laços 105
A malandragem: o jogo é o *potlatch* 117
Arena de reputação 122
Conclusão: Cavalos, Rateios & Barbadas 128
Apêndice A – Mapa do Hipódromo Brasileiro 133

Apêndice B – Glossário de termos turfísticos 135
Bibliografia: 138

Agradecimentos

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) por me conceder uma bolsa de estudos.

Ao acolhimento que tive do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF), onde não apenas aprendi mais sobre antropologia, mas a ser, antes de tudo, um profissional.

Agradeço aos professores Luiz Fernando Rojo, Martin Curi que se prontificaram em compor a banca para discutir esta pesquisa e também ao Vitor Andrade de Melo que leu, discutiu e incentivou a pesquisa ainda em seu estado de projeto.

Sou imensamente agradecido a Professora Laura Graziela Gomes por acreditar e confiar em mim até quando eu mesmo não acreditava. Mas do que uma orientadora, Laura se tornou um grande amiga.

Também sou grato à professora Simoni Lahud Guedes por suas aulas sempre inspiradas. Entre diversas coisas, aprendi com ela que nessa carreira estamos sempre em divida com a leitura, isto é, que após a leitura um trabalho se percebe que ainda não lemos outros tantos. E que é assim mesmo, não tem fim.

Agradeço também as aulas de Eliane Cantario O'Dwyer, Marco Antonio da Silva Mello, Ana Paula Mendes de Miranda e Edilson Márcio da Silva. Como também as aulas não-oficiais e clássicas da Cantareira com nossos professores e colegas de PPGA que são os laivos da Escola Antropológica Fluminense. Uma dessas pessoas em especial é a Roberta Boniollo.

A sala do Núcleo de Estudos da Modernidade onde escrevi substancialmente este trabalho e também aos seus habitues, em especial, Tatiana Laai, Richel Rizério, Isabela Rangel e Luciana Murgel.

Ao Marcelo e a Fernanda da secretária do programa, por toda assistência que tive desde meu ingresso.

Aos companheiros da turma de mestrado 2013 pelos circuitos de trocas de ideias e cerveja, em especial ao Reginaldo Ribeiro, Gabriel Lin, Vitor Pimenta Talitha Rocha, Thalita Parizotto, Betânia Mueller, Patrícia Louise, Tiago Duarte Dias e Andreh Santos.

A Andréa Soares que foi uma pessoa importante que encontrei para discutir parte do conteúdo escrito e por me ajudando a enxergar e a reconhecer erros e desconexões.

Agradeço enormemente ao Jokcey Club Brasileiro que me recebeu. Agradeço a Gabriela Schomer que me abriu as primeiras portas dentro do Club. Ao, então, presidente Carlos Eduardo Palermo, Mayra Frederico e Sergio Barcelos por me concederam entrevistas. Milton Lodi, Dr. Ismael, Samir Abujamra e que me ensinaram bastante.

Por último, mas não menos importantes, aos rapazes que foram o corpo e a alma para a realização desse trabalho. E que me ofereceram inúmeras barbadas etnográficas. Não os cito um por um, pois seus nomes estão figurados ao longo dessas páginas.

Meu muito obrigado.

Introdução: Eu sou um cavalo

> I'm a dark horse running on a dark course
>
> George Harrison , *Dark Horse*

Este trabalho fala sobre os processos de produção de conhecimento nas apostas equestres. E versa sobre os processos sociais e cognitivos que levam o torcedor-apostador a selecionar um entre tantos outros cavalos, num páreo, para apostar.

E este trabalho foi possível porque, antes, houve uma aposta. Outras apostas foram se somando, evidentemente, durante a sua realização até a conclusão da pesquisa. A verdade é que não imaginava onde isto poderia levar e muito menos prever quais seriam os resultados obtidos. Foram apenas apostas neste percurso, tendo sempre que optar por isso e não aquilo. Escolhendo entre um e não outro(s) caminho(s). Quase sempre escolhendo por alguma coisa que não sabia bem ao certo onde poderia me levaria. Algumas vezes acertando e errando outras tantas. Não estou insinuando que fui levado pelo acaso, de modo algum. Todas as venturas foram escolhas minhas e se cheguei aonde cheguei foi por minha inteira responsabilidade.

De alguma forma, a maior aposta feita foi em mim mesmo. Apostei como quem aposta num cavalo, ao menos é assim que hoje metaforizo a cena. E não foi de forma consciente. Talvez estivesse sempre lá, não sei, o que daria a razão para me identificar tanto como *Dark Horse*, de George Harrison. Ou então por eu ser sagitariano, nascido com uma semana para acabar novembro. Nunca me identifiquei com o que dizem sobre os sagitarianos, na realidade sempre achei uma tremenda bobagem esses assuntos astrológicos. Mas de certa maneira me identifico com que Keith Richards (2010), também sagitariano, disse sobre ser sagitariano: "metade homem, metade cavalo e tem licença para cagar na rua". Enfim, pode ser que tudo seja uma coincidência engraçada ou apenas uma grande forçação de barra.

De qualquer modo, acredito que nada seja por acaso. E como tudo, tem – e tem essa mania chata de precisar ter – um começo.

E assim tudo começa

Considero-me um apreciador da obra do escritor norte-americano Charles Bukowski. Um dia relendo uma coletânea de suas crônicas me dei conta que jamais havia assistido a uma corrida de cavalo e que sequer conhecia alguém, além do próprio escritor, que frequentasse as corridas. Além do que lia dele, não fazia a menor ideia de como eram as corridas. Na minha imaginação, pelas descrições das crônicas, desenhava um lugar tomando por fumantes tuberculosos, alcoólatras incorrigíveis e pervertidos crônicos, isto é, um espaço no mínimo muito divertido. Mas será que é mesmo assim? E como deve ser a dinâmica da corrida dos cavalos? Essas perguntas me incomodavam. Acreditava que a falta deste repertório era responsável para uma compreensão inferior das crônicas do Bukowski, sobretudo nas que ele usava as corridas como metáfora. E eu queria ter essa experiência. Assim, comecei a desejar entrar em um hipódromo.

Por coincidência, na mesma época em que me batiam esses anseios por uma nova experiência, encontrava-me próximo da "reta final" do curso de graduação em Ciências Sociais e, por tal razão, precisava encontrar um tema para fazer meu trabalho de final de curso. A esse respeito, encontrava-me completamente desmotivado pelos estudos e as pesquisas sobre os quais havia investido por um período curto de tempo. Não conseguia manter o interesse por mais do que um ou dois semestres. Então, durante uma aula de antropologia, no momento em que um colega apresentava um seminário, tive um *insight*: por que não tornar as corridas de cavalo meu objeto de trabalho de final de curso? Solucionaria, assim, dois problemas de uma só vez! Perguntei, ao fim da aula, à professora que ministrava a disciplina o que ela achava de uma pesquisa sobre corridas de cavalo. Sua resposta foi curta e direta:

– Eu acho ótimo. Vá a campo!

Poucos dias depois já tinha algumas informações para onde deveria ir e que horário chegar. Arrumei minha mochila para a uma "expedição etnográfica" particular. Pus dentro dela tudo que acreditei que poderia ser importante levar: caderno pautado, caneta, lápis, máquina fotográfica, bússola e um livro de antropologia emprestado da biblioteca da universidade. Não usei nem metade das coisas, mas tudo bem. Eu estava era bastante empolgado com aquilo. Era sábado, estava um dia bonito e quente que poderia ter ido à

praia, mas optei pela empreitada. Subi no ônibus da linha 439 (Vila Isabel – Leblon, via Túnel Rebouças) com aquela sensação de estar indo para o desconhecido, como se estive indo para um arquipélago remoto na Oceania, adentrando uma densa floresta tropical ou o sertão. Eu estava no ônibus e romantizava aquele momento, tanto que quando o ônibus passou pelo Parque Lage, eu sentia que estava mais próximo d*o coração das trevas*, sabendo que estava prestes a encontrar, em pessoa, o Sr. Kurtz.

Longe de ser uma aldeia cravada em algum rincão, o Hipódromo está na cidade, num bairro nobre. E mais, era na minha cidade natal e não numa cidade de um país exótico. Eu não podia mais fantasiar as coisas. Desci na Praça Santos Dumont, fui em direção a suntuosa entrada da tribuna social, com o seu pórtico no estilo neoclássico. Como nunca estive aqui antes?, pensei. O mármore branco, o bronze, as arandelas, a sanca com cavalos pintados à mão, os lustres de cristal eram sinais de outro tempo, de uma *belle époque*. O público enfileirando-se para apostar nos balcões de carvalho maciço. Alguns sentavam agrupados nas mesas do salão de aposta acompanhando as carreiras pelos televisores. Fiquei tão admirado com aquilo tudo que só mais tarde fui ao ar-livre para ver as corridas com meus próprios olhos. Quando fui para beira da pista e senti o efeito do baque dos cascos dos Puros-Sangues Inglês, em velocidade, já não era mais o mesmo – só muito mais tarde ia me dar conta disso. Estava descortinado o mundo da equitação em alta velocidade que lia nas crônicas do Bukowski e das apostas ao passo que me tornava antropólogo.

O *revisited* e as intermitências

Esta "expedição" ½ bukowskiana ½ antropológica resultou na monografia "Cavalos, Rateios & Barbadas" (VELASQUEZ, 2012), sob a orientação da professora que me mandou à campo: a Drª Laura Graziela Gomes. Nele busquei levantar os significados e os sentidos que os frequentadores davam as suas ações. Naquele momento me deparei com a questão da "barbada" que foi o destaque na monografia.

Para fazer esta dissertação foi preciso não apenas rever as notas da expedição passada, mas fazer outra incursão a campo. E ao retornar houve a sensação de *revisited*, de refazer tudo outra vez, tentando voltar ter novamente a perspectiva que tinha antes (de

estranhamento), mas ao mesmo tempo diferente da primeira vez (com familiaridade). É como dizem, desde os tempos dos primeiros filósofos, nunca se banha no mesmo rio duas vezes. Não apenas o conteúdo do rio será diferente como o próprio banhista também será.

O retorno, a reconsideração e a revisão do trabalho que fiz antes me pareceram paradoxalmente repetitivos e ao mesmo tempo tão diferentes. Reencontrar os rapazes, onde a relação pareceu permanecer ao que era antes e ao mesmo tempo sendo de outra consistência.

Ao retornar ao campo, pude testemunhar algo que os turfistas consideram raro de acontecer: um cavalo ser tríplice coroado e entrando, assim, no fascínio do público.[1] O que me levou a reconsiderar algumas coisas e tornou visível outras que antes não ficaram tão claras.

O trabalho de pesquisa etnográfico é mais do que a marca, é o ritual de iniciação do antropólogo.[2] Poderia dizer que a pesquisa etnográfica é singular pela a convivência e a interação mais ou menos prolongada com seus pesquisados e, se possível, vivendo como ele e "*como se fosse*" um deles, mas sem ser viver "*como eles*". Eu iniciei a pesquisa, ainda na graduação, em 2010 e a conclui em 2012. Retomei no final de 2013 indo até quase o final de 2014.

Não pense você, leitor, que a pesquisa foi um feliz contínuo entre a entrada e a saída. Na realidade, durante todo esse tempo houve intermitências por tentativas frustradas de inserção, desinteresses e outros compromissos que acabaram me afastando, por períodos curtos, do campo. Entre 2012 e 2013 houve momentos em que não ia para pesquisar, mas para me distrair, me divertir. Não acredito que isto diminua o trabalho realizado, pelo contrário, apenas trouxeram outras cores e peculiaridades ao trabalho que de outra forma, talvez, não seriam possíveis.

[1] Apresento este caso no primeiro capítulo.

[2] Há inúmeros trabalhos que discutem esse processo de iniciação do antropólogo por meio do trabalho de campo. Não é do meu interesse aqui discutir isto, pois não acredito que tenha nada de novo para acrescentar sobre isso que os trabalhos como de DaMatta (1978), Peirano (1995) e Cardoso de Oliveira (2006), já não tenham dito, para limitar apenas as discussões de âmbito nacional a esse respeito.

De dentro e de perto, e de muito perto

Alguém me contou uma piada muito boa sobre as três grandes áreas das ciências sociais que nunca mais esqueci, além de engraçada é muito didática. E, em minha opinião, é o melhor resumo de um curso de metodologia das ciências sociais. A anedota é seguinte:

> Estava acontecendo uma orgia.
> Passou um antropólogo, que ao ver, foi lá participar diretamente do que estava acontecendo.
> Depois passou um sociólogo. Ele viu o que estava acontecendo, mas preferiu ficar só observando o que acontecia, de longe.
> Por último, passou um cientista político que quando viu o que estava acontecendo ligou imediatamente para a polícia.

A sutileza do trabalho etnográfico reside justamente no seu movimento de deslocar a perspectiva. Na busca por um ponto de vista "de perto e de dentro" que seja capaz de identificar, descrever e refletir acerca dos aspectos que ficam alijados da perspectiva oposta, a "de longe e de fora" (MAGNANI, 2003). Isto não quer dizer que uma perspectiva seja melhor ou mesmo superior do que a outra, apenas que seus alcances e seus limites são completamente distintos.

Essa perspectiva interna está presente na literatura clássica antropológica, que foi sistematizada por Malinowski (1978). Ele sugeriu que "nesse tipo de pesquisa, recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quanto deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo" (p. 13). Costumou-se chamar esta prática de "observação participante". Evans-Pritchard (2005) dá à observação participante uma explicação que pessoalmente gosto bastante. Diz:

> Eles [, os antropólogos,] querem dizer com isso, na medida do possível e do conveniente, o pesquisador deve viver a vida do povo que está estudando. [...] Percebi que, se eu queria saber como e por que os africanos faziam certas coisas, o melhor era fazê-las eu mesmo: possuí uma cabana e um estábulo, como eles; cacei com eles, com lança e arco-e-flecha; aprendi o ofício de oleiro; consultei os oráculos; e assim por diante (p. 246).

Se eu queria saber o que os turfistas pensavam sobre suas práticas e quais eram os conhecimentos que eles mobilizavam para escolher um determinado cavalo e não outro, o melhor a se fazer era fazer o mesmo. Se eu estava interessado em entender os sentidos e os significados das associações entre eles, a única coisa que poderia fazer era estar com eles e agindo como um deles. E por se tratar de uma prática numa arena de disputa lúdica, é muito difícil não ser envolver inteiramente. Pois como escreveu Huizinga (2010) "todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador" (p. 11).

A escolha por participar, é claro, foi inteiramente minha. Quando ainda estava no início das incursões no hipódromo, ficava bastante reticente em apostar. E num ambiente como esse, onde o foco de atenção são as corridas e tudo que a perpassa, perguntas de um intruso curioso, sempre questionando sobre os *comos* e os *porquês* disso e daquilo, se tornava bastante inconveniente para eles; um estorvo.

Alguns chegavam a pensar que eu estava era querendo saber das apostas que eles estavam fazendo ou então querendo palpites. "Olha, você tem que jogar pela sua convicção", falou-me Dr. Lafayette, cortando minhas perguntas, "Eu não vou te dizer como eu estou fazendo o meu jogo. Sabe, vai que é o seu dia... Não. Não quero me meter e te atrapalhar".

E mesmo que tentasse sustentar uma imagem de "estou aqui só para pesquisar" não dava muito certo. Pro seu Alberto não entrava na cabeça o que eu pretendia ali. Ele sempre me apresentava aos seus conhecidos dizendo "este aqui é um jovem turfista" ou então como "este é a renovação do turfe". Jota Santos para mim era uma incógnita, ele parecia entender e ao mesmo tempo ignorava, tanto que quando me encontrava sugeria, com frequência, que não voltasse mais para ali. Para ele eu devia aproveitar a juventude que resta para levar as meninas ao motel e ficar longe do hipódromo, pois ali era, segundo ele, um "cemitério de malandro".

Com o tempo percebi que o melhor que poderia fazer era deixar fluir. E só observar. Sem ficar inquirindo ninguém. Fazendo algo que acredito que seja muito similar ao que Colette Pétonnet (2008) qualificou como "observação flutuante". Esta observação, diz ela,

> consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la "flutuar" de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes (p. 102).

Por mais estranho que possa parecer, foram nos diálogos e nas conversas ao acaso que as pessoas respondiam justamente aquilo que estava perguntando sem que nem ao menos precisasse perguntar. Pode parecer confuso isso, mas é verdade. As pessoas estavam dispostas a falar sobre as corridas e sobre as apostas, bastava apenas não questionar. Ganhando ou perdendo tinham sempre algo a comentar com qualquer um que estivesse próximo. Era uma questão se estar lá e disponível.

Após acompanhar alguns páreos seguidos dentro do salão tudo que queria era um pouco de ar puro. E quanto estava saindo em direção à pista um senhor que caminhava em minha direção me parou.

– Olha isto aqui! Acertei!

Por não saber muito bem o que comentar achei que seria melhor ser apenas cordial:

– Meus parabéns!

– Eu devo ser mesmo um herege.

– Por que diz isso?

– Olha isto aqui – Abriu a mão para me mostrar o bilhete amarelo da aposta. Estava escrito o nome do cavalo: "GODMUSTBECRAZY". E como demorou a ficha cair, ele continuou:

– God must be crazy! Você sabe o que quer dizer "God must be crazy"?

Olhei para ele procurando alguma resposta que fosse além desse teste de cursinho de inglês. Sem demora ele voltou a dizer euforicamente:

– Deus deve estar maluco. É isso mesmo! Deus deve estar maluco! Deus deve estar maluco! Sou ou não sou um herege mesmo para jogar num cavalo desse?! Deus do céu!

No seu semblante estampava um misto de indignação e ao mesmo tempo de uma satisfação cretina que não sabia se era bom ou não ser um herege.

Com o tempo, a observação flutuante vai deixando de ser flutuante. Laços começam a ser feitos. Os rostos vão se tornando familiares. Não só reconhecia como também era reconhecido por eles. Às vezes, ao passar próximo de alguma mesa, era convidado com a finalidade de jogar a conversa fora, ficar observando e rindo do comportamento esquisito de alguns turfistas, trocando conversas de obscenidades e falando sobre as corridas. Não era nada mal.

Num plano bastante pessoal, o envolvimento nas apostas foi tomando gosto e as relações aprazíveis. Olhava os programas de corrida procurando decifrar os números e os nomes buscando o cavalo que poderia ganhar. Ficava orgulhoso e satisfeito por acertar e também ria quando via que o cavalo que escolhi vindo lá no fundo, de último. Houve momentos em que eu preferia ficar apostando para me distrair, esquecer os problemas que estavam do lado de fora do hipódromo. Estando no jogo com os rapazes eu esquecia dos aborrecimentos familiares e do relacionamento.

Como se sabe, nem tudo na vida são flores, e minha pesquisa e minha vida pessoal se embaralhavam. Houve um momento em que ter escolhido as corridas de cavalo como campo de pesquisa começou a me trazer aborrecimentos. Uma (ex-)namorada, na época, com quem compartilhava ideais de direitos animais e vegetarianos, passou a me ver como o pior ser humano da face da terra. O que eu fazia era abominável para ela a tal ponto que a relação terminou. Fora alguns colegas de graduação que acham que eu esta indo me divertir e não pesquisar, isso quando não desmereciam dizendo que o assunto não era relevante.

Por tudo isso, estar no hipódromo passou a fazer sentido para mim. Não que ele preenchesse qualquer vazio que sentisse, mas também não o aumentava. O espírito taciturno que me circulava encontrava lá a sua exorcização. Nestes momentos de disputa e rivalidade, assim como a sociabilidade e as associações que lá aconteciam, preenchiam de prazer o simples estar ali. De qualquer modo, esta experiência singular de apostar me levou a ter uma perspectiva de perto e de dentro, mas de muito dentro. Sendo eu mesmo também um turfista[3] ao passo que não deixava de ser um antropólogo.

[3] O termo turfista vem de *turfe*. Turfe é o nome que se dá as corridas de cavalo, logo turfista é o conjunto de pessoas envolvidas na prática.

Os rapazes

Eduardo e Barroca foram personagens essenciais para a minha pesquisa, tanto na primeira como na segunda expedição. Eles sempre tinham histórias para ilustrar as minhas perguntas, e mais do que isso, de alguma forma me cooptaram. Sentado na arquibancada com eles, assistindo e debatendo sobre os cavalos aprendi bastante. E como havia uma circulação bastante grande de pessoas que vinham conversar, dar informações e também discutir com eles sobre as corridas, acompanhá-los era uma estratégica para observações etnográficas.

Quando retornei havia um número maior de pessoas que acompanhavam as corridas com eles, alguns amigos que não cheguei a conhecer das outras vezes e outros mais recentes. Durante todo o texto preferi me referir ao grupo como "rapazes". Não foi por eufemismo, uma vez que os indivíduos são todos de idade avançada, tanto que aqueles que estavam na casa dos 50 eram considerados "jovens" ou "garotos". A grande maioria estava aposentada ou em vias de pedir aposentadoria, como 70 e 80 anos de idade.

As noções de grupo, patota, gangue ou panela não pareciam adequadas para me referir a eles. Ideias como estas sugerem associações que são ou fechadas e excludentes ou que criam oposições de "nós e eles". Ao usar "rapazes" foi para dar uma ideia de uma associação livre e espontânea, que são as acontecem dentro do hipódromo.

Ninguém era obrigado a estar ali compartilhando o mesmo espaço e não havia a figura de uma pessoa centralizadora entre os rapazes. Mas ao mesmo tempo era um território relativamente demarcado atrás e ao lado do caixa da arquibancada. Isto é, quem quisesse os encontrar, saberia exatamente onde procurar. E para quem ali fosse saberia exatamente quem poderia encontrar, independente se um ou outro faltasse. Uso "rapazes", então, como uma associação bastante fluida de pessoas, mas com um "território" mais ou menos delimitado.

Os rapazes são Eduardo, Barroca, Gilson, Sérgio, Comandante, Oswaldo, Professor entre outros tantos eram figuras certas de serem vistas e encontras ali. Mas também os poderia avistá-los em outros locais, mas era lá, em cima da tribuna, o local, mais certo encontrar a maioria deles. Alguns participavam de outros espaços, evidentemente. Você

poderia encontrá-los conversando com pessoas de outros "territórios", com outros rapazes, o que não parece haver qualquer problema nisso.

Diga-se de passagem, o território era muito estratégico para eles. Além de está ao lado do guichê de aposta, o que era muito conveniente para as suas apostas, estavam defronte para linha de chegada o que oferecia uma visão melhor da ordem de chegada. De outros locais, a perspectiva não era tão boa como essa. Da Tribuna pofissional, que fica a direita desta, tem se uma perspectiva um tanto enganosa. E da Tribuna Popular, que é do lado esquerdo, a ponto de vista não é tão claro. (Para uma noção do espaço ver o Mapa do Anexo A).

Sociabilidade de turfista

Durante todo o tempo em que estive no hipódromo, a paisagem humana, por assim dizer, se manteve a mesma, com pouca ou quase nenhuma variação. Falando em linhas gerais, tanto do lado dos profissionais das corridas como do público que acompanha e aposta nas corridas, trata-se de um espaço predominantemente do público masculino, com destaque para idades acima dos 50 anos[4].

A presença feminina nunca foi escassa nessa paisagem; só não tem a mesma força que a masculina. Do lado dos profissionais encontram-se algumas joquetas, treinadoras e muitas veterinárias[5]. Nas tribunas é frequente a presença feminina circulando. Vemos as mulheres, frequentemente, acompanhando seus maridos, seus pais ou seus avôs. Vez ou outra apareciam em grupos de jovens (de rapazes e moças) curiosos que se aventuram nas apostas, mas evidentemente não se preocupam tanto em se socializar com as apostas mas, sim, em fotografarem e serem fotografados e fazem "selfies". Além disso, existem as funcionárias dos caixas de aposta, faxineiras, gerentes que são alvos de comentário maliciosos, vez ou outra. As mulheres que são apostadoras engajadas são pouquíssimas, e

[4] Trabalhos como os de Moraes (2009) no Paraná, de Cassidy (2002 e 2014) em Londres e Presterudstuen (2014) em Fiji mostram que as corridas em outros locais também são espaços de masculinidade.
[5] Trabalhos como os de Adelman (2012) e Adelman e Moraes (2008) exploram a questão de gênero entre as joquetas.

tive contato bastante parco com elas para saber se existe alguma peculiaridade entre elas e os homens.

Moraes e Adelman (2008) enxergam no hipódromo um *espaço de homossocialidade*, onde os padrões de sociabilidade e as interações são exclusivamente dominados por homens e onde se constrói um discurso de exclusão da participação das mulheres. Tal ponto de vista me pareceu muito determinante e capaz de omitir que se tenha uma participação feminina, que vi acontecer ali. Acredito que não seja uma questão inteiramente de sexo, mas de gênero – o gênero, no caso, sendo o de turfista. Ser turfista implica em características masculinas ou masculinizantes que para uma mulher possa participar precisa se tornar, em gênero, um "igual" – turfista. Assim ao pensar a sociabilidade turfística estarei de alguma forma preso ao conceito de sociabilidade de gênero, como defende Rojo (2014), de que o gênero não está necessariamente ligado ao sexo, mas a identidade.

A convivência com os rapazes e em meio aos rapazes, as conversas e as brincadeiras era sempre muitos masculinizadas, quando não havia mulheres presentes. Preferi pensar o hipódromo como um espaço de sociabilidade entre os apostadores e de como se transformam em apostador, deixando para outro momento uma investigação mais relativa à sociabilidade entre os sexos ali dentro. Mas de qualquer modo, não vi o hipódromo e essa sociabilidade como uma exclusão das mulheres ali. Pois os homens as apreciam com os olhos e até gostam quando têm mais mulher. "Hoje isso aqui está florido!", disse-me um dos senhores após passar um grupo de mulheres cheirosas ao nosso lado.

O Hipódromo da Gávea e a cidade do Rio de Janeiro

Situado entre três bairros nobres da zona sul carioca, a saber, o Jardim Botânico, a Gávea e a Lagoa, o Hipódromo da Gávea ocupa uma área de aproximadamente 640 mil m². Um tamanho que se pode considerar relativamente grande, pois é igual e até maior do que alguns bairros da cidade, como o bairro vizinho, o Leblon.

Este hipódromo foi construindo sobre um terreno pantanoso, mediante o incentivo do banqueiro Linneo de Paula Machado (1880-1942), para abrigar o Jockey Club

Brasileiro. O charco, vizinho ao Jardim Botânico, foi aterrado, em parte, com resíduos do desmonte do Morro do Castelo entre 1904 a 1922, tendo sido inaugurado no ano de 1926 (CARVALHO, 1998), sua construção implicou transformação urbana na região. Ainda hoje quase que 100% das tribunas do hipódromo mantêm os materiais originais desde a sua inauguração.

Além da arquitetura, as normas e as regras do turfe brasileiro seguem influenciando pelo modelo europeu de corrida, isto é, o inglês e o francês, tanto na criação equina como de espetáculo turfístico (BLAY, 1994).

Antes da existência do Jockey Club Brasileiro, a cidade do Rio, teve outros Clubes de corrida e, para admiração do cronista Luís Edmundo (2003), na virada do século XIX para o XX que a cidade, que ainda não tinha nem cem mil habitantes, chegou a ter cinco hipódromos e todos cheios. Mas o Hipódromo do JCB teve apenas como "rival" de público o Derby Club, no bairro de Vila Isabel, onde hoje fica o Estádio do Maracanã; posteriormente, o clube se fundiu ao Jockey Club Brasileiro.

Uma característica fundamental das corridas de cavalo na cidade do Rio de Janeiro é a participação de uma elite aristocrática de políticos, empresariais e militares, sobretudo da cavalaria, nas competições que não apenas contribuíram para o fomento das corridas equestres como também nas transformações políticas e sociais na sociedade carioca e brasileira. Trabalhos históricos como os de Blay (1994 e 2007) e de Melo (2000, 2010, 2011) são mais competentes a esse respeito. Hoje isso parece estar sendo configurado de outra forma, mas talvez ainda seja muito precipitada qualquer afirmação.

Encilhando o texto

Quem escreve se vê às voltas tendo que explicar ou explicitar as razões do escrito ser de determinada maneira. O uso da primeira pessoa não foi por modismo pós-moderno – como se costuma acusar –, mas na tentativa de transmitir ao leitor aquilo que eu, autor, observei e vivi como pesquisador, não apenas participando, mas sendo cúmplice do que acontecia.

A dissertação tem como objetivo apresentar os processos de produção do conhecimento turfístico que são constantemente elaborado e reelaborado para realização da aposta. Busco, assim, descrever as mobilizações das expertises e das informações equestres,

que chamei de “hipológico”, para efetivação da aposta. Tomo esses procedimentos como científicos, uma vez que entendo o processo cognitivo da aposta hípica como semiótico, isto é, uma interpretação dos dados históricos dos cavalos e dos sinais corporais transmitidos por eles.

Como o cavalo não pode dizer, com palavras, o que sente, cabe ao turfista interpretar os sinais emitidos por eles. Essa interpretação corre o risco do erro e do equivoco, tornando, portanto, numa incerteza. Um cavalo que trota de cabeça baixa pode ser lido como desanimado, falta de vigor e de confiança, mas ele pode estar procurando algo no chão ou entretido com uma sombra que se projeta. A incerteza do turfe é o que torna a riqueza da sua natureza; a dependência de uma criatura que está além do próprio interesse humano e o surpreendendo.

No primeiro capítulo, *os quadrúpedes e seus bípedes*, apresento o que são os cavalos. Iniciando na relação entre os homens e os cavalos, como no caso da cavalaria da Idade Média, culminando na criação criteriosa dos cavalos que produziram os modernos corredores: o Puro-Sangue Inglês. Exploro o lado simbólico e metafórico que estes animais assumem para o público aficionado pela corrida e para adjetivar o mundo social. Termino analisando a história do cavalo Tríplice Coroado, Bal A Bali, de maneira a ilustrar tanto o fascínio e a admiração do público como para demonstrar parte dos mecanismos de seleção da aposta.

Em *a ciência inexata*, o segundo capítulo da dissertação, realizo uma descrição exaustiva sobre das modalidades de apostas e de como são feitas as interpretações dos dados dos cavalos no programa e leitura dos sinais emitidos pelos cavalos. Após explorar as estratégias de análise dessas informações, busco interpretar os também o significado pedagógico desse estudo hipológico como também da própria aposta hípica.

Por fim, em *barbada & malandragem* invisto nas relações de interação entre os apostadores no jogo e para o jogo. Faço uma na leitura a partir *Ensaio sobre a Dádiva*, de Marcel Mauss (2003), para pensar nas trocas de informações, isto é, de palpites e barbadas, como um mecanismo de constante produção e manutenção das informações hípicas como das próprias relações. E como a aposta no hipismo de alta velocidade é uma disputa, há nesse procedimento, suspeitas de malandragens, tornando essas trocas mais tensas, interessantes e competitivas.

No final, o leitor tem nos anexos, um mapa do hipódromo da Gávea e glossário de termos turfísticos para auxiliá-lo na leitura.

Espero que as falhas e quaisquer omissões involuntárias que caso tenha cometido não dificulte ao leitor a visualização dessa arena social que é o hipódromo. E, desse modo, possa se divertir tanto quando eu me diverti ao fazer esse trabalho.

Capítulo1: Os quadrúpedes e os seus bípedes

Flying horse don't make a sound
Flying hooves don't touch the ground
Walk in circle lose your track
Can't go on but can't go back
Motörhead, *Iron Fist*

My kingdom for a horse
William Shakespeare, *Richard III*

Compreender as ações e os sentidos que os frequentadores das corridas de cavalos fazem e dão a esta atividade exigirá alguma complacência em entender o que são estes animais que participam dos páreos. Os cavalos não são meras peculiaridades do páreo hípico; eles são vitais para que as corridas possam existir. Mas mais do que isso, eles são o vértice profundo e absorvente do das apostas nas corridas. Dizendo de outro modo, é preciso que exista por parte dos aficionados uma identificação e paixão por estas criaturas para que o jogo tenha sentido, caso contrário não fará sentido e logo será abandonada a prática. E, portanto, ao abordar sobre tais e quais quadrúpedes estaremos discutindo igualmente sobre os bípedes.

Desde tempos imemoriáveis os cavalos e os homens, de diferentes raças e culturas, estiveram (como ainda estão) muito próximos partilhando relações afetuosas e outras... nem tanto. E esta parceria entre eles se tornou demasiado evidente que não por menos "o médico George Cheyne, em 1705, explicou que o Criador fez o excremento dos cavalos ter bom cheiro porque sabia que os homens estariam sempre na vizinhança deles" (THOMAS, 2010, p. 24).

Os equinos auxiliaram a humanidade aplicando suas forças e energias tanto na agricultura ou como na indústria. Como também nos transportou em suas costas em longas andanças seja por áreas campestres ou pelos centros urbanos. E houve aqueles que os preferiam como companheiros ideais durante os deslocamentos, como Michel de Montaigne (2010): "odeio qualquer outro transporte que não o cavalo, tanto na cidade como nos campos" (p. 470).

Eles nos ajudaram nas caçadas como ainda nas explorações das matas do Novo Mundo. Sem eles "os europeus jamais conquistariam a América" (THOMAS, 2010, p. 37).[6] E o historiador norte-americano Alfred W. Crosby (2011), neste ponto, é enfático em sua afirmação:

> Se os europeus tivessem chegado ao Novo Mundo e à Austrália dispondo da tecnologia do século XX, mas sem animais, não teriam provocado uma mudança tão grande quanto a que causaram desembarcando lá com cavalos, vacas, porcos, cabras, carneiros asno, galinhas, gatos e outros bichos. Como esses animais se autorreproduzem, a eficiência e a velocidade que podem alterar o meio ambiente, mesmo em escala continental, é superior à de qualquer máquina que tenhamos até hoje concebido (p. 182).

E nos tempos de guerra, estas criaturas foram os fatores surpresas para vencer os inimigos nas batalhas. E pode-se dizer até que contemporaneamente eles continuam a surpreender e além de fascinar os aficionados pelos páreos hípicos. Ganhando reputação e, alguns deles, imortalizando seus nomes como "deuses".

A consciência destas estreitas relações entre homens e a natureza, precisamente com animais, são essências, como argumentou Haudricourt (2013), para que se possa explicar o comportamento e a história social que nela se traduz. "E nós vivemos numa sociedade onde os bichos servem para serem comidos, pensados, usados para insulto e também para trazer sorte e a mudança de posição social" (DaMATTA, 1983). Creio que não seja demasiado exagero afirmar que dentre todos os animais foram os cavalos que mais contribuíram para a história humana – não que os bovinos e os caninos não tivessem seu lugar. Os equinos, me parece, ocupam um espaço mais especial;[7] possivelmente por ser um animal de comoção estética e também dos interstícios.

---

[6] Esta conquista não foi tão fácil quanto as palavras nos fazer acreditar. A cena do homem a cavalo visto pelos autóctones da Terra de Santa Cruz não provocou qualquer admiração, antes o medo. "O primeiro que para lá levou um cavalo, embora já os tivesse encontrado em várias outras viagens, descreve Montaigne (2010), causou-lhes tanto horror naquela posição que o mataram a flechadas antes de chegarem a reconhecê-lo" (p. 147).

[7] O valor da sentença é no âmbito do geral, porém está longe de se pretender enquanto universal. Nem os todos agrupamentos humanos conviveram e/ou possuem interesses por cavalos. Tomo como um exemplo o povo nilota do Sudão cujo seu principal interesse é o gado. E, de modo a traçar um paralelo com a citação de George Cheyne – de que na vizinhança do cavalo reside o homem –, "já foi observado que os Nuer poderiam

Glória feita de sangue

Séculos de outrora, o que importava era ter ou não *sangu*e. E isto valia igualmente para os seres humanos como para os animais. Era o sangue – entenda-se por isso a procedência hereditária – que distinguia e separava os indivíduos numa hierarquia social determinada. Os que tinham sangue nobre estavam acima dos demais numa na escala hierárquica – seja entre as espécies como dentro das próprias espécies. Havendo, portanto, homens diferentes de outros homens, cavalos e de cavalos, bois e de bois e cachorros e de cachorros.[8] E a projeção das categorias e valores humanos no reino animal se torna evidente.

> Tal retrato do mundo da natureza tinha implicações óbvias para a sociedade humana e havia pelo menos alguma verdade simbólica na história de que o rei Henrique VII ordenara a execução de todos os mastins, depois que estes acossaram um leão, "estando profundamente indignado, [...] um vira-lata tratante de má catadura ter atacado com tal vilania e violência o valente leão, o rei de todas as feras" (THOMAS, 2010, p. 84).

A Idade Média foi o momento mais importante na criação e na domesticação de diversos animais. E eles eram criados para duas funções basicamente: *a*) para servirem de alimento ou *b*) para o trabalho. Os cavalos estavam neste último grupo, para a "sorte" deles. Cada cavalo era destinado a ofícios específicos segundo sua raça e sexo. Desta forma,

> usa[va]-se o *sagmarius*, cavalo de carga e de tração, para as carroças, ao lado do *destrier* (cavalo de combate, com freio, ferradura, sela alta, estribo, testeira) para o cavaleiro com esporas, do palafrém (cavalo de passeio), da égua para as damas, do rocim (cavalo de uso comum) e do cavalo robusto para charrete e arado (DELORT, 2006, p.62).

---

ser chamados de parasitas da vaca, mas pode-se dizer igualmente que a vaca é um parasita dos Nuer, cujas vidas são gastas em garantir o bem-estar dela" (EVANS-PRITCHARD, 2008: 45).

[8] A noção de igualdade existia, mas sem jamais mitigar a desigualdade. "Pois para o homem medieval a noção de igualdade aponta para a iminente igualdade na morte, e não para uma longínqua igualdade em vida" (HUIZINGA, 2013).

Desses cavalos o mais valorizado era o de combate[9]. No século XIII um grupo de homens montados nestes cavalos se tornaram a expressão mais característica do feudalismo: *a cavalaria*. A cavalaria formou, "em todo o ocidente, um corpo muito bem delimitado no centro do edifício social. Adot[ando] a superioridade e a excelência outrora ligada à noção de nobreza" (DUBY, 1989, p.31). A imagem do ideal do cavaleiro corajoso e cortês foi tão forte que "impôs-se igualmente aos reis cristãos, mesmo que esta segunda função não tenha suplantado as funções de justiça e prosperidade" (Le GOFF, 2011, p.91).

E o sucesso desta instituição traduz-se por três fatos complementares, como aponta Duby (1989):

O primeiro é o *fato técnico* que consiste no homem a cavalo. Pois, complementando, "o cavaleiro formava um todo com sua montaria e esse 'projétil vivo' beneficiava-se da potência que lhe confere o galope do cavalo" (FLORI, 2006: 187-8). O segundo é *um fato social*: "a ligação entre o gênero de vida reputadamente nobre e o uso do cavalo, ligação ainda muito mal estudada, mas certamente muito profunda e muito antiga". E por último, *um fato institucional*, que é limitação do serviço das armas a uma elite restrita. Portanto, "um cavaleiro não [era] (...) somente um guerreiro a cavalo, mas um membro reconhecido da aristocracia. Cavaleiro torn[ou]-se título nobiliário" (FLORI, 2006, p.185). Havia uma fusão de valores da cavalaria com a nobreza, mas não isto significasse que os cavaleiros se tornavam nobres livres (DUBY, 1989, p. 39).

E a história da raça do cavalo de corrida se inicia aí. Sua criação veio da necessidade militar em buscar por deslocamentos mais furtivos. E isso aconteceu misturando os sangues de garanhões árabes e berberes importados e furtados (BARCELLOS, 2002) para se chegar ao cavalo moderno de corrida, isto é, o Puro-Sangue Inglês (*Thoroughbred*).

Foram três os garanhões os fundadores da raça: Godolphin Arabian, Bierly Turk e Darley Arabian que no fim do século XVII e início fizeram nascer "uma raça de cavalos, destinada a competições, a mais fascinante já surgida até hoje" (CARVALHO, 1998, p. 14).

[9] No século XVI Henrique VIII lançava instruções destinadas ao estimulo da criação de cavalos para a guerra (THOMAS, 2010: 82).

Estes três garanhões como sugere Thomas (2010), "representavam uma espécie de Adão, Noé ou Guilherme, o Conquistador, equinos" (p. 82-3). Nessa história, como bem observou Cassidy (2002), há uma omissão importante: as das éguas. "As éguas, que serviram como catalisadores de forma que a raça pudesse ser estabelecida, são raramente mencionadas. Pois apenas os antepassados masculinos desta espécie são visíveis, o sangue original é de gênero e, portanto, diluído quando combinado com o sangue feminino no intuito de gerar um potro" (p.163).[10] Isto se nota nos estudos de pedigree dos sobreanos e dos cavalos em atividade, onde o que interessa saber quem é o pai e o avô materno.

E o puro-sangue tornou-se sensação nas corridas organizadas "às quais a *gentry* acorria com um entusiasmo que seguia crescendo, desde o período elisabetano. No final do século XVII, as corridas de cavalo de raça tinham se tornado uma obsessão aristocrática" (THOMAS, 2010, p. 82). Não que as corridas não existissem anteriormente, sem a presença puro-sangue, mas com eles ganharam potência. E de lá até os nossos dias, estes animais se mantiverem ao lado da aristocracia e da nobreza.

Aos propósitos deste trabalho, vale observar que o Puro-Sangue Inglês passa a "existir" por intermédio da manipulação humana, isto é, por meio de cruzamentos de raças e, posteriormente, de sangue equestre. Isto se tornou possível por meio do registro dos cavalos pelos ingleses no *Studbook* em meados do século XVIII, registrando a filiação dos potros nascidos. No Brasil o *Studbook* aparece no século seguinte em 1870 na cidade do Rio de Janeiro, mas o primeiro registro de caráter nacional data de 1891, sob a égide do Ministério da Agricultura (CARVALHO, 1998, p. 39).

Este registro é mais do que o controle dos animais nascidos e mortos, ele é um mapa e registro completo da qualidade e do sangue destes animas. E como o objetivo dos criadores dos cavalos é o aperfeiçoamento do cavalo de corrida, produzindo animais mais habilidosos e velozes, este registro é o seu "método" para a "construção" de bons corredores.

[10] Tradução minha. No original: "*The mares who functioned as catalysts in order that the breed might be established are rarely mentioned. Because only the male ancestors of this species are visible, the original blood is gendered and, thus, diluted when combined with female blood in order to create a foal*".

> Por não se tratar de uma ciência exata, criar bons cavalos de corrida sempre dependeu muito mais da capacidade de observação e mesmo da intuição das pessoas, do que de regras padronizadas de conduta. Parece evidente que afluência econômica para garantir as melhores terras e acesso às boas matrizes e linhagens conta muito; entretanto, é a capacidade de combinar de modo efetivo todas essas variáveis que faz a diferença entre fracasso e sucesso no desempenho do ofício" (BARCELLOS, 2002, p. 16).

Para homens e mulheres dentro da indústria do *bloodstock* entender sobre o pedigree não é mera curiosidade, é a essência da atividade. Ouvi de alguns proprietários que a genética não é tão precisa com se poderia imaginar. Há inúmeras nuances que tornam impossível prever completamente o fruto do acasalamento entre os cavalos. Entretanto, como diziam, parecia haver apenas uma única lei regente: cruzar ruim com ruim não pode dar coisa boa, mas se cruzar bom com bom *pode ser* que dê coisa boa, mas que também não é certo. Portanto, a regra é, em si, a própria incerteza.

> A experiência já provou que o errado pode dar certo e vice-versa. É a "incerteza gloriosa" que sustenta o turfe; ela conserva a chama da esperança, sem a qual não haveria o turfe, trabalho, amor ou vida. A sabedoria, o autoconhecimento e a cultura ajudam, mas mesmo os sábios e os cultos não sabem o que lhes reserva a jornada. É bom que assim seja (ABUJAMRA, 2011, p. 149).

Pesquisando entre criadores de puro-sangue, Cassidy (2002) apresenta uma perspectiva interna da criação dos cavalos de corrida a respeito das coberturas e dos pedigrees. Embora o espetáculo das corridas cavalares ter o sentido da aposta pelos aficionados e para o público comum, este momento é "(...) para muitos indivíduos da indústria [equestre] a finalidade do espetáculo das corridas é testar a raça do puro-sangue. O teste do hipódromo meramente estabelece os méritos relativos de cada membro de cada geração e, deste modo, permite que decisões sejam feitas em relação a sua criação seletiva" (p. 157)[11].

[11] No original: "(…) *to many individuals within the industry the purpose of the spectacle of racing is to test the thoroughbred breed. The racecourse test merely establishes the relative merits of each member of each generation and thus enables decisions to be made regarding its selective breeding*".

Como o objetivo da criação é este um contínuo aperfeiçoamento do puro-sangue, nem todos os potros retornarão para a reprodução, mas somente aqueles que se destacam em suas performances nas corridas, sobretudo os vencedores de provas importantes. E o sêmen de tal garanhão passa a valer uma boa quantia de dinheiro para que possa "encher" uma égua. Essa seleção, como já apontei, não se dá de forma aleatória. É preciso saber combinar as filiações. Tomo como ilustração o caso do potro Zenabre, em que houve uma "cruza errada", descrito por Abujamra (2011) – acredito que o leitor familiarizado igualmente com discussão do parentesco na antropologia irá perceber um grau similar de preocupação com o parentesco (humano):

> Certo dia, José Paulino comentou comigo: – Estive olhando os potros de ano. Conferi os pedigrees de todos e só agora percebi que fiz uma cruza errada. Muito errada.
> – Qual delas?
> – A da Ramington. Filha de Seventh Wonder não podem ser cobertas por Pharas.
> – Mas essa cruza já foi feita antes.
> – Foi com a Kuriosa, que deu uma potranca fraquinha. – E explicou: – Pharas é neto de Pharos. Remington também. Isso não é bom e eu me esqueci. O pior é que a égua tem uma outra linha de Pharos. São três linhas de Pharos no pedigree desse potro.
> José Paulino sabia que muitos defeitos eram irrelevantes em cavalos, salvo quando se tratasse de transmissão hereditária – defeitos transmitidos através de mais de uma geração – que ele chamava de "taras". Pharos transmitia certos problemas e um dos mais frequentes era fraqueza de joelho. Naquela conversa, ele antecipou que, com três linhas de Pharos, o risco era grande. O potro chamava-se Zenabre.
> Reproduzo (...) o pedigree de Zenabre, para que o leitor possa localizar, sem demora, os pontos fracos a que José Paulino se referia [*em negrito e itálico*]. (p. 140)

Zenabre, castanho escuro, 1961[12]

Pharas, 1948	Pharis, 1936	***Pharos, 1920***	Phalaris, 1913	Polymelus, 1902
				Bromus, 1905
			Sacapa Flow, 1914	Chaucer, 1900
				Anchora, 1905
		Carissima, 1923	Clarissimus, 1913	Radium, 1903
				Quintessence, 1900
			Casquetts, 1913	Captivation, 1902
				Cassis, 1896
	Astronomie, 1932	Asterus, 1923	Teddy, 1913	Ajax, 1901
				Rondeau, 1900
			Astrella, 1912	Verdun, 1906
				Saint Astra, 1904
		Likka, 1925	Sardanaple, 1911	Prestige, 1903
				Gemma, 1903
			Diane Mallory	Nimbus, 1910
				Ferula, 1910
Remington, 1954	Seventh Wonder, 1935	***Pharos, 1920***	Phalaris, 1913	Polymelus, 1902
				Bromus, 1905
			Scapa Flow, 1914	Chaucer, 1900
				Anchora, 1905
		Benvenuta Cellini, 1928	Graig Na Eran, 1918	Sunstar, 1908
				Maid Of The Mist, 1906
			Bunworry, 1921	Great Sport, 1910
				Waffles, 1917

[12] De maneira a simplificar a representação do pedigree apresentada por Abujamra, retirei as informações acerca da pelagem e da nacionalidade de cada ascendente, conservando apenas o ano de nascimento. Tirando a égua Remington que é brasileira, os demais são ingleses ou franceses, apenas um irlandês. No pedigree lê-se nas linhas superiores como as linhas masculinas e, por conseguinte, a inferior como a feminina.

<table>
<tr><td rowspan="8"></td><td rowspan="8">Sultan’s Way, 1947</td><td rowspan="4">Turkhan, 1937</td><td rowspan="2">Bahram, 1932</td><td>Blandford</td></tr>
<tr><td>Friar’s Daughter, 1921</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Theresina, 1927</td><td>Diophon, 1921</td></tr>
<tr><td>Teresina, 1920</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Road Law, 1939</td><td rowspan="2">Rhodes, 1933</td><td>Pharos, 1920</td></tr>
<tr><td>Book Law, 1924</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Jury, 1929</td><td>Hurry On, 1913</td></tr>
<tr><td>Trustful, 1924</td></tr>
</table>

A criação criteriosa dos puros-sangues ingleses não admite a reprodução feita via inseminação artificial – isto é uma característica mundial. Todas as coberturas acontecem, portanto, *in natura*. Mais do que o sêmen, o próprio garanhão é a parte essencial na reprodução, “porque o calor, o peso e a energia do intercurso deve entrar na égua para que a concepção, ou pelo menos a boa concepção, ocorra” (CASSIDY, 2002, p. 166); a reprodução *in vitro* além de colocar o fundo genético em risco e se perde a capacidade, para aficionados pelas carreiras hípicas de explicarem “racionalmente” as habilidades dos corredores. No artigo, citado, Cassidy sugere que neste universo moral desta indústria “circunscreve tanto cavalos e homens. Por liberar a procriação sexual, a inseminação artificial enfraquece os princípios estruturais da criação do puro-sangue. Ao fazê-la, causa considerável ansiedade entre os seus guardiões humanos” (p.168).[13]

Como veremos mais adiante, conhecer a filiação dos animais é uma prática não exclusiva dos criadores e proprietários de puro-sangue. O sangue é um capital hipológico importante para aficionados catedráticos nas corridas; quanto mais nobre e glorioso for o sangue maior será a possibilidade de o cavalo ser valorizado – seja nos leilões como nas apostas.

[13] O original dos trechos citados: “(...) *because the heat and weight and energy of intercourse must go into the mare for conception, or at least good conception, to occur*”. “(…) *contains both horses and humans. By unshackling procreation from sex, AI* [*artificial insemination*] *undermines the structuring principles of the thoroughbred breed. In doing so, it cause considerable anxiety amongst its human guardians*”.

Abaixo da constelação de *Sagittarius*

As corridas de cavalo exigem do público *engajamento*. Sem este engajamento as corridas, assim como qualquer outra atividade lúdica ou não, perderá para o indivíduo não apenas o interesse, mas, sobretudo, o sentido. E ele se desencadeia com a identificação que o sujeito estabelece com o animal, neste caso do bípede com o quadrúpede – tal como Henrique IV (rei dos homens) tinha com o leão ("rei dos animais").

O espetáculo do hipismo em alta velocidade, isto é, o turfe, é uma de competição lúdica em que homens disputam entre si através do dinheiro apostando no animal ou no conjunto de animais que acredita que irá(m) vencer o(s) páreo(s). Este dinheiro não só acentua a rivalidade, mas torna a disputa dramática. Pois, como um cronista me comentou, a vitória e a derrota do cavalo está presente na vida apostador perdendo ou ganhando dinheiro. O apostador pode sair do hipódromo tendo dinheiro suficiente para comprar presentes ou quitar uma dívida ou então nada disso – a ideia mesma de ruína e ascensão.

O prêmio é o somatório do Movimento Geral das Apostas (MGA) rateado pelo o número de apostadores que apostaram em cada cavalo e em cada modalidade de aposta.[14] Desta peculiaridade de rivalidade resulta num ambiente tomado pela malandragem e de acusações entre os aficionados numa arena. Acredito isto seja melhor ilustrado com as algumas frases que ouvi durante meu trabalho de campo:

– Isso aqui é um cemitério de malandro – definiu Jota Santos, ex-jóquei e ex-treinador que se limita a acompanhar e apostar nas corridas, quando lhe perguntei sobre o ambiente em que estávamos. – O sujeito aqui acha que é mais esperto que o outro, mas estão tudo aí... morrendo, e nem sabem.

E teve um sujeito que estava indócil com a vitória de um determinado cavalo montado por um determinado jóquei. E eu estava ali, a alguns metros dele, e veio na minha direção bufando fogo pelas narinas:

– Esse tal... devia terminar a prova e entrar no camburão! Esse aí, meu rapaz, é um ladrão! Isso mesmo: um picareta! É isso que ele é! Todos eles são! – com seus gestos

[14] Não é o Jockey Club quem paga o prêmio. Ele, desse Movimento Geral de Aposta, apenas subtraí uma percentagem para sua própria receita e a outra parte ele distribui para o vencedor ou vencedores. A percentagem de retirada é variada para cada modalidade de aposta.

pareceu envolver outros, além dos jóqueis, dentro dessa categoria. – São todos uns roubados! Fodidos de merda! Bate a polícia aqui não fica um!

E quem melhor para elucidar isso senão Quequé? Personagem que conhecido em todas as tribunas da Gávea (e de Cidade Jardim![15]), trabalha para um stud carioca e ronda por entre várias outras cocheiras. Este antigo turfista tinha quase sempre uma "profecia" para os páreos, quanto não tinha apontava os que tinham chance. Um dia sentados assistindo as corridas resolvi tirar uma dúvida com ele:

– Não entendo porque falam ladrões aqui dentro, nunca vi nada de suspeito em ninguém. Como é que pode alguém ser roubado aqui dentro e ninguém ver ou prender?

– Não é assim que funciona. Ninguém aqui coloca a mão dentro do seu bolso, nós roubamos é ali – apontando com o dedo –, na pista.

Ora, se roubam "*ali, na pista*", roubam sendo *o* cavalo. Este prolongamento metafórico seria apenas uma ligação mediada pelo dinheiro apostado? O dinheiro confere a devida seriedade ao jogo. O papel do dinheiro como colocou melhor do que ninguém Whyte (2005), sobre os rapazes da esquina de um bairro proletário ítalo-americano:

> Seja o que for que joguem, os rapazes da esquina quase sempre apostam no resultado. Quando não há nada em disputa, o jogo não é considerado uma rivalidade real. Isto não significa que o elemento financeiro seja mais importante que tudo. Frequentemente ouvi as pessoas dizerem que a honra de vencer era muito mais importante que o dinheiro em questão. Os rapazes da esquina consideram jogar por dinheiro o verdadeiro teste de habilidade, e, a menos que um homem se saia bem quando há dinheiro na disputa, não será considerado um bom competidor. Isso ajuda a determinar a posição de indivíduos e grupos uns em relação aos outros (p. 156).

Pode-se concordar com Huizinga (2010) quanto diz que "no jogo existe alguma coisa 'em jogo' que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação" (p. 4). E assim faço das palavras de Geertz (1989), sobre as brigas balinesas de galo,

[15] Hipódromo da cidade de São Paulo.

as minhas por concordar que "está em jogo muito mais do que o simples lucro material: o saber, a estima, a honra, a dignidade, o respeito – em suma, o *status*" (p. 199).

De qualquer forma, o dinheiro está mais associado ao jogo em si do que necessariamente aos cavalos. Ele apenas potencializa, de maneira utilitária, a conexão entre o humano e o equino. Mas por trás disso há um esquema simbólico ou significativo que estreita a relação entre eles. E uma vez isto estabelecido no sujeito, o engajamento no mundo do turfe se torna mais profundo do que num mero aventureiro que vá as corridas com a finalidade arriscar a sorte "sazonalmente". [16] E é por isso que alguns afirmam que para se tornar um turfista é preciso antes de mais nada ter gosto/prazer pela coisa, se não, não dá certo. Tanto é que Marco Aurélio Ribeiro (Matungão), falecido locutor do JCB, na sua coluna no Jornal do *Jornal do Turfe* (05/01/11) lançou a seguinte máxima:

Frases que merecem ser lidas

Neste espaço matungo-cultural, mais uma frase que merece destaque: ***"Turfe é paixão, o resto é Esporte" (Matungão)***

Esta "paixão" e o "gosto pela coisa" é do próprio cavalo que se fala. A pessoa tem que gostar de cavalo. Praticamente todos que conheci no hipódromo tinham algum tipo de apreço por cavalos; para uns era mais o fascínio estético e para outros a fascinação do divertimento semiótico em entender o que os cavalos "diziam". Um dos rapazes, empresário, havia me perguntado se eu já havia montado a cavalo.

– Quando era criança, andei nesses pangarés de praça. Nunca um cavalo assim.

– Não é a mesma coisa. Andar de cavalo é muito gostoso!

– E você já pensou em comprar um, montar um stud?

– Já pensei nisso, mas no momento não. Sou novo aqui, ainda estou aprendendo a entender de cavalo. Não quero comprar cavalo, não agora.

[16] No mesmo sentido, as pesquisas de Leitão e Gomes (2013) no *Second Life* que refletem não somente a construção de avatares, mas o seu engajamento recíproco com eles. Sem um mínimo de identificação e envolvimento com o(s) seu(s) avatar(es) o usuário perderá qualquer o interesse em permanecer imenso este ambiente digital.

E um passeio despreocupado pelos perfis dos aficionados nos grupos sobre turfe nas redes sociais revelará várias fotografias de cavalos ou ilustrações equestres. E um certo momento o celular de um figurão da tribuna tocou. Não foi surpresa para ninguém que o som do toque fosse o relincho. Ou seja, *vive-se os cavalos*. Há uma identificação maior do que o dinheiro apostado. Na próxima seção retornarei a falar sobre isso,

Retorno ao Geertz (1989) e as rinhas de Bali para encontrar o significado desta identificação. Pois os balineses também possuem uma identificação profunda com os seus galos. E a noção de *galo*, para eles, para tem a funcionalidade de duplo sentido, seja sob a forma de trocadilho, piadas ou mesmo obscenidades. Os galos, deste modo, funcionam como uma espécie de "pênis separados, autofuncionáveis, órgãos genitais ambulantes, com vida própria" (p. 188), e pontua que "são símbolos masculinos *par excellence*" (p. 189), sobretudo para os proprietário dos galos. Na língua portuguesa (porém de forma não exclusiva) a ideia de *cavalo* expressa a função e o sentido análogo a isso que não se restringe ao proprietário dos cavalos, mas ao mundo social.

Como consta no dicionário Houaiss, o emprego para a palavra *cavalo*, enquanto metáfora, é para um indivíduo violento, pessoa rude, grosseira, estúpida. Igualmente usamos *equino* para designar estes mesmos indivíduos de poucas luzes. *Equífero*, cavalo selvagem, funciona como uma maneira sofisticada para dizer que alguém não é civilizado. E quando não falamos, sugerimos: "... *se cai de quatro não levanta*". Até os "parentes" próximos do cavalo carregam essa dubiedade, como o *burro*, a *mula* e o *asno*. E o termo designado aos cavalos de procriação, o *garanhão*: associado aos homens dados as mulheres, femeeiro, 'Don Juan', bem dotado. *Égua* também adquire os mesmos usos de cavalo, mas também serve para dizer de uma mulher que se prostitui – no nordeste é uma expressão usada para espanto e admiração. Potranca é toda égua nova de até 3 anos, e por extensão de sentido é uma mulher jovem, bonita, provocante e serve para qualificar atributos carnais. Soma a isto também os verbos de cavalaria tais como montar e cavalgar, que são revestidos das mesmas ambiguidades e são conjugados para as ações sexuais.

E mesmo acontece também na língua inglesa, onde a palavra *horse* (cavalo), em inglês colonial, "é *'orse* ou *'oss* e nesta forma divide com seu companheiro asno (*ass*) uma inconfortável aproximação com o traseiro humano" (LEACH, 1983, p. 177). Além dessa representação tais ideias cavalares também servem para adjetivar o mundo. E em campo

situações de analogias ocorriam com alguma constância. Considero duas circunstâncias entre mulheres e cavalos bastante interessante. Na primeira o cavalo me é descrito *como se fosse* uma mulher; noutra é exatamente o oposto, é a mulher que é adjetivada *como se fosse* uma égua.

Tive uma conversa com Jota Santos sobre a avaliação dos portes físicos dos cavalos – para a compra de um potro, mas que servia igualmente para apostar. Ele sugeria a observação atenta do corpo do animal, avaliando se era harmonioso. E destacava três aspectos que, segundo ele, eram fundamentais. Primeiramente, ver se o potro possui uma "cabeça de princesa", isto é, uma cabeça não muito grande e alinhada com o restante do corpo. Em seguida, se tinha uma boa "peitaria", "um peitoral largo e bonito". E, por fim e não menos importante, se tem "bunda de cozinheira".

– Espera – Não consegui me conter com aquilo. – "Bunda de cozinheira"? Ora, mas por que bunda de cozinheira?

– Porque é um bundão! – Explicou abrindo os braços e caindo as gargalhadas.

O outro momento foi com os rapazes, logo após o fim de um páreo. Estava entre eles, como de costume. Nós discutamos sobre a corrida que acabara de terminar e já falávamos da próxima. Um deles, num gesto de cabeça, apontou para uma jovem que perpassava a tribuna há uns metros de distância de nós. Era uma jovem muito aprazível aos nossos olhos num vestido cinza esvoaçante que revela as lisas coxas. O seu andar e seu corpo hipnotizaram a todos. O primeiro de nós inaugurou os comentários, sem deixar de segui-la com os olhos:

– Que *potranca*!

– E que *canter* bonito! De categoria! – acrescentou outro.

– Isso é favorita de *pule* de 1 Real! – o terceiro entrando na brincadeira.

– Essa corre em *prova de grupo*. – disse o quarto.

– Só *a inscrição nesse páreo* é para lá de mil Reais. – outro.

– Isso é páreo para ele correr. – disse o terceiro apontado para mim, o mais novo entre eles.

Ela foi transformada numa égua de corrida. O seu caminhar se tornou o galope de apresentação (*canter*). Sua beleza e sensualidade eram incontestáveis que se tornou favorita

de pule de um. E que não é uma "égua" qualquer, mas uma especial por "correr" em prova de grupo. A inscrição é o investimento que ela mereceria e etc.

Claro que tais analogias entre mulheres e cavalos não são exclusivas no turfe, as "heroínas das tradições legendárias relativas à orgia báquica, *têm nomes em cuja composição entra, com notável frequência, o componente* hippé*... ou recebem epítetos que despertam igualmente a ideia de qualidades relacionadas a cavalos*" (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1998). Evidente que essa descrição do feminino é uma visão masculina sobre a mulher, dos seus atribuídos valorizados. O cavalo "simboliza os desejos exaltados, os instintos" (CIRLOT, 1984) e a "impetuosidade do desejo, da juventude do homem, com tudo que ela contém de ardor, de fecundidade, de generosidade" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998).

"Quando um nome animal é usado deste modo, como uma imprecação, isto indica que o próprio nome está investido de potência. Isto claramente significa que a categoria animal é de algum modo tabu e sagrada" (LEACH, 1983, p. 174). O tabu é tudo aquilo que num sistema de classificação – seja de um objeto, de uma pessoa ou de uma ideia – que seja capaz de confundir ou contradizer as classificações ideais, como sugere Douglas (2012) em relação à condenação com as noções de contaminação. [17]

Isto porque tais categorias são organizadas em estruturas binárias, como explica Leach. Duas categorias são estabelecidas por oposição. Assim, uma categoria *A* é estabelecida em sua relação com a categoria *B*. *A* é definida por ser *não-B* e vice-versa. Porém a presença de uma terceira categoria, a *C*, que compartilhe atributos tanto de *A* como de *B* será tomando como tabu. Uma vez que não se é nem uma coisa e nem outra, ou ser as duas coisas. Estando no aquém e além.

Leach (1983) e Sahlins (2003) apresentam – cada qual a sua maneira – a relação que cavalo assume na relação humana, sobretudo para nós ocidentais. Ambos estão em diálogo com *o pensamento selvagem*, de Lévi-Strauss (1989), discorrendo sobre sistemas culturais com relação ao tabu alimentar.

[17] E na literatura antropologia não faltam exemplos desta natureza. O tema da ambiguidade, desse nem lá e nem cá, é riquíssimo. Acredito que um dos trabalhos mais destacados seja o de Victor Turner (2005), sobre os rituais ndembu.

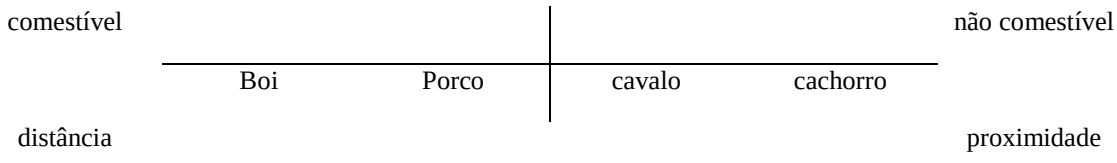
A razão da produção e do consumo na sociedade ocidental, para Sahlins, não é ordenado por uma prática utilitarista, cuja sua lógica é a maximização das relações de meios e fins, mas sim por um esquema simbólico e significativo. Esta é uma qualidade partilhada por toda a humanidade, porém cada sociedade se distingue por seus esquemas significativos. Assim, portanto, é a cultura que constitui a utilidade.

Uma das diferenças entre as culturas está na categoria de comestibilidade. Para nós animais domésticos como cavalos, cachorros, porcos e bois são distintos quanto ao consumo de carne. Para nós consumir carne de cachorro e de cavalo é algo inimaginável, o que não significa que não possam ser comidos. Para outros povos, isto é, outros sistemas culturais, no entanto cavalos e cachorros são passíveis de entrarem na dieta alimentar.

Para Sahlins (2003) a razão que postula o sistema ocidental americano de consumo da carne é está na relação que tais espécies animais estão com a sociedade humana. "Todos estão", explica,

> em alguma medida, integrados à sociedade americana, mas claramente com status diferentes, os quais correspondem aos graus aos graus de comestibilidade. A série divisível, primeiro nas duas classes de comestíveis (bois-porcos) e não comestíveis, e, dentro de cada classe, entre categorias de carne mais e menos preferida (bovina *versus* suína) e categoria mais e menos rigorosas de tabu (cachorro *versus* cavalos). A diferenciação parece estar na participação como sujeito ou objeto quando em companhia do homem (p. 174)

Esta relação de proximidade e de distanciamento é essencialmente significativa nesta comestibilidade. Quanto mais próximo os animais estiverem da afetividade humana, mais eles se tornam sujeitos, mais se tornam "como um de nós". E o consumo da carne deste animal é compõe a metáfora do canibalismo.



Também seguindo a mesma linha de proximidade e distância, Leach explica que a classificação do que é passível de se comido é "um problema da linguagem e da cultura, não da natureza". Para ele, "A 'nossa' classificação não é apenas correta, ela é também moralmente justa e marca a nossa superioridade. O fato de que pernas de rã sejam petiscos para os gastrônomos da França, mas não sejam de modo algum comida na Inglaterra, faz com que os ingleses se refiram aos franceses como *Frogs* (Rãs)" (p. 175). O corolário disso é, evidentemente, a discriminação cultural.

Ao nomear o mundo o indivíduo aprende a construir seu próprio ambiente, classificando-o, de maneira que as coisas sejam entendidas de formas nítidas e não-ambíguas. "A linguagem nos fornece os nomes para distinguir as coisas; o tabu inibe e reconhece aquelas partes do contínuo que separam as coisas" (p. 178). É a linguagem que molda nosso ambiente posicionando o indivíduo no centro do espaço social ornando-o de maneira culturalmente lógica e segura.

E tais categorias estão distribuídas em áreas neste espaço social em termos da distância do "eu". Fazendo com que o sujeito classificador estabeleça as fronteiras e sua identidade em relação ao mundo. Leach nos dá o seguinte esquema, reproduzo:

Ego (eu) . . . . . Irmã . . . . . Prima . . . . . Vizinha . . . . . Estrangeira
Ego (eu) . . . . . Casa . . . . . Fazenda . . . . . Campo . . . . . Longe . . . . . (Remoto)
Ego (eu) . . . . . Animal de estimação . . . . . Animal doméstico . . . . . "Caça" . . . . . Animal selvagem

Neste esquema a relação da proximidade e da distância está relacionando com "uma tendência universal para fazer uma associação ritual e verbal entre o comer e a relação sexual" (p. 184). Estas associações são variáveis conforme a sociedade e o sexo. Uma das perspectivas possíveis, a de um "eu" masculino europeu, as mulheres e os animais são classificados e distribuídos a selecionar, de modo muito similar, com quem posso estabelecer relações sexuais e o que se pode comer. Seguindo os pressupostos de Leach a distribuição no espaço segue a seguinte sequência:

"Eu"	
Irmãs – categoria fortemente incestuosa.	*Pets*, Animais de estimação – categoria fortemente

	não comestível.
Primas – o casamento com esta categoria ou é proibido ou fortemente desaprovado, mas relações sexuais pré-maritais podem ser toleradas ou mesmo esperadas.	Domesticados, *farm animals* – estão próximos, porém não tão perto de nós. Alguns deles são comestíveis.
Vizinhas, Amigas – categoria da qual se espera que um dado 'eu' irá normalmente obter a amizade e a inimizade são aspectos alternados de uma mesma relação estrutural.	Caça, animais de campo – categoria com a qual alternamos amizade e hostilidade. São comestíveis na sua forma sexualmente intacta, mas são mortos somente nas estações apropriadas do ano de acordo com um conjunto estabelecido de rituais de caça.
Estrangeiras – sabemos que existem, mas com as quais nenhuma relação social é possível.	Animais selvagens – não se encontram sobcontrole humano e são não comestíveis.

Os cavalos são tabus justamente porque estão nestes intervalos entre uma coisa e outra. É o animal que está entre a proximidade a distância de nós. Nos tempos de paz e de guerra. Na cidade e no campo. Seu simbolismo é andrógino: masculino enquanto representação mais bruta e viril ao passo que feminino enquanto seus atributos estéticos, a força e a suavidade.

A projeção dos homens sobre os cavalos não é apenas o ideal masculino, mas a evocação do erotismo. E retomando as brigas de galo, Geertz (1989) expõe que ao se identificar com seu galo, "o homem balinês está se identificando não apenas com seu eu ideal, ou mesmo com seu pênis, mas também, e ao mesmo tempo, com aquilo que ele mais teme, odeia e, sendo a ambivalência o que é, o que o fascina – 'Os Poderes das Trevas'" (p.190). E o mesmo é válido para nós e os cavalos. Neste mesmo sentido, a projeção simbólica, erótica e depreciativa sobre os animais é um modo pelo qual os homens atribuem "aos animais os impulsos da natureza que mais temia[m] em si mesmo – a ferocidade, a gula, a sexualidade – apesar de ser o homem, e não os animais, que guerreava ativo durante todo o ano" (THOMAS, 2010, p. 54). Trata-se de um processo no qual os homens reciprocamente definem os animais em termos de si mesmo e se definem em termos desses animais (SAHLINS, 2003).

Ao olhar para os cavalos, os homens, através deste espelho bestial, encontram a si mesmos. E isto provoca tanto respeito como temor.

Acima de qualquer suspeita

Há coisas mais do que simbólicas nos cavalos de corrida. Estes equinos são os vértices profundos e absorventes do turfe. Como coloquei acima, há um clima de suspeita sobre os homens que impregna o hipódromo onde todos são malandros. Isto é natural, uma vez que é um jogo em que o somatório das apostas – o prêmio – é rateado pelo número de apostadores vencedores. Mas são os cavalos os responsáveis por minimizarem as suspeitas porque eles são a diferença desta atividade.

Isto porque os cavalos, diferente dos seres humanos, são incorruptíveis. Isso é uma ideia comum pelas tribunas do hipódromo. É impossível – creio eu – subornar um cavalo, seja com alfafa extra ou com cenouras frescas, para correr mais ou "entregar o jogo". Além do mais, o cavalo não pode informar seu estado psicológico e emocional do dia: se está confiante, se triste, com medo, uma dor de barriga, se está com vontade de correr entre tantas outras coisas. A comunicação neste nível é impossível. O exame veterinário só diz sobre as condições físicas do cavalo: se apresenta claudicância, se está com hemorragia etc.

O problema está com os homens e não com os animais. Nas corridas do principio do século XX no Rio de Janeiro, conta Luís Edmundo (2003), aconteciam diversos tipos de "patotas" e "tribofes", que nas suas palavras eram "burlas com que se explora a ingenuidade de apostadores" (p. 532). Os casos descritos por ele são engraçadíssimos pela natureza bisonha da própria burla. Hoje elas nos parecem até atrapalhadas de desenho animado e de cinema de humor pastelão.

Um dos casos aconteceu no extinto prado Vila Guanari. Corriam, neste hipódromo, duas éguas,

> Hirondelle, francesa, muito veloz e Marimba, nacional, vagarosíssima, que sem cotação esportiva. Entre ambas havia uma semelhança física notável. Eram da mesma cor esbranquiçada, da mesma idade, do mesmo porte, apenas a égua brasileira mostrava, sobre cada um das ancas, duas manchas em forma de meia-lua, largas e de cor marrom. Ora, acontece que, sob a iniciativa de um dos diretores do prado, prepara-se, certo dia, um tribofe bastante original. Inscreve-se Marimba para correr num páreo, mas, na hora da corrida, quem aparece é

> Hirondelle, transformada, pela perícia de um pintor, mostrando nas ancas, pintadas à aquarela, as quatro manchas, largas, marrons, em forma de meia lua... Ninguém joga, naturalmente, no *bacamarte*.[18] Jogam, porém, os patoteiros urdidores do plano. Corre o páreo e Hirondelle ganha a corrida, de ponta a ponta. *Poule* gorda, aí para uns trezentos ou quatrocentos mil-réis. Com o esforço da corrida, porém, feita num dia de intensíssimo calor, em 3.600 metros, desbotam as meias-luas pintadas a marrom nas ancas de Hirondelle, de tal forma revelando toda a fraude. O primeiro a ser malhado, nesse dia, é o jóquei, descido pelo povo, a cacete, de sua magnífica montada, quando transpunha a cancela da raia, em direção ao encilhamento. Depois é que veio o fogo na casa da *poule*, o fogo purificador e infalível em todas essas terríveis e constantes refregas. Vila Guarani, no entanto, impavidamente, dias depois, como sempre, renascia das próprias cinzas, como a Fênix da lenda (p. 534-5)

Hoje esse tipo de "tribofe", de trocar cavalo, é impossível de acontecer. Existe fiscalização e todos os potros têm na carteira de identidade todos os seus sinais físicos, manchas, os redemoinhos nos pelos, que são chegados. Além do mais, há um identificador eletrônico implantado no pescoço dos animais que imediatamente os reconhece com o passar do sensor.

O mais "comum" hoje em dia de maledicência é o *doping*, que é o emprego de medicamentos, substância ou agente físico ou químico capaz alterar o desempenho do animal. Existe no prado um departamento de *antidoping* para recolher material para prova, além de checar se o animal está apto para correr. No Código Nacional de Corrida (CNC) há um capítulo dedicado a repressão ao *doping*, onde se prevê a punição para tais infratores. E mesmo com isso casos acontecem. Não é o cavalo dopado que perderá a reputação perante o público, mas o treinador responsável.

Claro que os cavalos não correm sozinhos, em cima deles vão os jóqueis. Estes, por sua natureza humana, são passíveis de se venderem. O papel do jóquei é de conduzir o animal na pista da forma apropriada, controlando seu equilíbrio e imprimindo ritmo ao animal. O papel do jóquei é secundário, se comparado ao do cavalo. Para autoridades

[18] A expressão *bacamarte* hoje parece ter caído em completo desuso, empregando a palavra *azarão*, quando muito, *zebra*. Não foi do meu interesse fazer um estudo histórico de tais expressões.

mundiais do turfe, como Frederico Tesio, "o melhor jóquei é aquele que perturba menos o cavalo" (BARCELLOS, 2002, p. 101). Existem critérios na escolha do cavalo para se apostar e que levam em consideração o jóquei. Falarei disso noutro momento.

E mesmo que alguns jóqueis sejam considerados excelentes, turfistas dizem que nenhum deles "dá perna" para o cavalo correr. No máximo, eles podem fazer com que o cavalo corra menos. Há, para estes casos, uma comissão de corrida que aplicará as devidas penalidades previstas pelo CNC. De qualquer forma, é a reputação destes homens que está em jogo.

Por tais características os equinos estão acima de qualquer suspeita. Eles se tornam superiores aos homens por amenizar o impacto da corrupção e da ganância humana. Ou seja, o cavalo por tal poder se torna uma espécie de Leviatã, este soberano animalesco capaz de "proteger" os homens deles mesmos[19].

A potência animal está em sua capacidade de imprevisibilidade. E é esta capacidade que faz com que as corridas de cavalo sejam tão diferentes e, ao mesmo tempo, mais atraentes do que outros jogos, para esse público. Isto fica bastante claro com a seguinte cena.

Cheguei cedo no hipódromo. Encontrei o Eduardo, economista aposentado, 80 anos, sozinho. Sentei ao seu lado para conversar enquanto os cavalos não entravam para fazer o *canter*. Uma senhora, por volta de uns 80/90 anos, sentada próxima de nós, atrás, conversava animada com o Bigode, caixa da pule, e com mais um homem ao seu lado. Conversava animada sobre o jogo-do-bicho. Contava como arriscava o palpite e as histórias de outras jogadas dela. Pelo tom de voz imaginei que tenha ganho uma quantia razoável. Fala das suas estratégias de "cercar".

Assim que o homem saiu, Edu, que também mantinha ouvidos na conversa, pediu licença por se intrometer. Perguntou a senhora qual o jogo que ela fazia. No que está o respondeu:

– Eu cerco o bichinho, meu filho. Vou bem na cabeça. Só cercando...

[19] A imagem é propositadamente hobessiana da desconfiança do homem sobre seu semelhante, que é reduzida pela presença de um soberano: Segundo Hobbes: "a natureza fez os homens tão iguais" que se acaso "dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo, que é impossível [...] ser gozada por ambos, eles tornam-se inimigos" (*apud* RIBEIRO, 2006).

Com esta resposta deu-se por satisfeito. E retornou para mim abrindo um sorriso com uma piscadela:

– Essa aí joga na desvantagem.

– Mas por que na desvantagem? – quis entender.

– No jogo-do-bicho você já começa perdendo.

– Por quê?

– Veja bem, no jogo-do-bicho são vinte e cinco números, certo? Cada número é um bicho, você sabe. No jogo que ela faz você escolhe um número contra os outros vinte quatro, que o bicheiro tem de vantagem. A probabilidade do bicheiro é maior que a sua. É desvantagem.

Eduardo pegou um pedaço de papel e com a caneta começou a fazer os cálculos, para provas o que dizia. E, de fato, quem joga "na cabeça", joga com 4% contra os 96% do bicheiro. Diante disso, não me contive e cometei:

– Ora, mas aqui também é assim. É um jogo de azar como o jogo-do-bicho. Aqui também tem suas probabilidades.

– A-HÁ! – soltou isso como se já estivesse esperando por tal e qual raciocínio. E prosseguiu – Mas aqui é diferente, na corrida tem o *fator animal*!

Mas que diabos é este fator animal senão a própria capacidade de imprevisibilidade. Como disse nas linhas anteriores, os cavalos estão acima de qualquer suspeita. O cavalo não pode ser corrompido, assim como também não pode relatar suas condições físicas e psíquicas para o páreo. O cavalo é um enigma sobre as quatro patas que os espectadores tentam desvendar por meio de estudos hermenêuticos do histórico de campanha, dados estatísticos aliados ao conhecimento de pedigree e semiótica atenta sobre os sinais que o futuro vencedor irá revelar antes da largada.

E se o cavalo é um enigma, a corrida, que é a reunião de vários, é outro. É isso serve tanto para os espectadores aficionados como também para os criadores e produtores. Todos sabem que em um páreo muita coisa pode acontecer. O jóquei poder perder o equilíbrio atrapalhando o desenvolvimento do cavalo ou até cair dele. A ferradura do cavalo pode abrir. O cavalo pode mancar, sentir uma lesão, se assustar, tropeçar... e até se ferir mortalmente. A condição da pista pode deixar o cavalo desconfortável ou muito à vontade. Um cavalo que apresentava uma campanha ruim pode de repente surpreender na reta final.

O cavalo pode ficar "preso" atrás dos seus oponentes sem conseguir ter espaço para se desenvolver. Enfim, uma infinidade de coisas, previstas e imprevistas, podem acontecer no decorrer de um páreo.

Isto está subscrito na mentalidade de qualquer bom turfista. É era por isso que uma das máximas do Eduardo era: "*cada corrida é um filme diferente*". Ou na opinião de um comentarista de turfe de Cassidy (2002): "você pode correr este páreo cinco vezes e ter cinco diferentes vencedores" (p. 161). E é esta "incerteza gloriosa" do turfe que faz com que as corridas sejam um estimulante meio de disputa entre os apostadores como entre os proprietários de cavalos. No comentário de Samir Abujamra "antes ou durante uma corrida haverá incerteza, mas é tudo muito emocionante, uma gloriosa expectativa. Como o turfe é chamado de 'o esporte dos reis', espera-se que os perdedores se comportem como cavalheiros, com a classe que deve caracterizar a nobreza".

Para se ter uma ideia do quão é está incerteza que os cavalos estimulam, acredito que a melhor cena seja da jovem que acabara de assistir pela primeira vez um páreo hípico e se admira com as histórias dos prováveis acontecimento trágicos e emocionantes que pode acontecer numa prova. Curiosa ela indaga o nosso já conhecido Quequé:

– Qual foi a coisa mais incrível que você já viu acontecer numa corrida?

Para uns segundos com o dedo apoiando os lábios meditando. Até que responde:

– Ah sim! *Foi eu acertar sa'porra!*

Heróis inesquecíveis: o caso de Bal A Bali

A resposta de Quequé talvez seja mais adequada numa comédia *stand up*, mas para vários aficionados aquilo era o imprevíssivel das corridas. E nas corridas há sempre uma surpresa, algumas delas são cavalos especiais. Estess cavalos deixavam laivos profundos nas memórias dos apaixonados pelas carreiras hípicas. Alguns foram cavalos que lhe deram um bom retorno ou cavalo que tiveram vitórias espetaculares ou que pareciam impossíveis. De qualquer modo, são sempre os cavalos que testemunharam correr e nunca aqueles que outros viram correr – os cavalos do seu tempo.

Seria demasiadamente exaustivo listar os nomes dos cavalos que os apostadores têm por inesquecíveis. Uma ida ao hipódromo para perguntar aos aficionados os seus cavalos inesquecíveis nos fará ouvir sobre muitos. Eles, com prazer, contarão sobre os seus heróis. Geralmente são cavalos tríplices coroados ou vencedores consagrados; quase nunca cavalos que corriam em provas comuns. Aliás, vale lembrar que no salão das pules na tribuna social há um mural com fotos de todos os cavalos tríplices coroados, com uma placa com os nomes e as cores do stud de seu proprietário. E eu tive a sorte durante o trabalho de campo no ano de 2014 de ver surgir um novo herói equestre se não para os turfistas cariocas ao menos para mim: Bal A Bali.

Contar um pouco da história de Bal A Bali além de revelar o surgimento de um herói para o público será também uma boa ilustração para introduzir o leitor para as discussões que se seguiram no próximo capítulo.

Bal A Bali é um macho castanho nascido no dia 22 de setembro de 2010, de criação do Haras Santa Maria de Araras e comprado em leilão pelo Stud Alvarenga. Falando em termos turfísticos ele é filho do amaricano Put It Back em égua Clackson. "Égua Clackson" é um modo de dizer que o seu avô materno é o Clackson. Isto talvez fique mais claro olhando o pedigree, tal como tirado do Studbook Brasileiro.

Bal A Bali, cas, 2010	**Put It Back**, cas, 1998	Honour And Glody, cas, 1993	Relaunch, tor, 1976
			Fair To All, cas, 1986
		Miss Shoplifter, cas, 1991	Exuberant, ala, 1976
			Articulate Robbery, cas, 1980
	In My Side, ala, 1996	**Clackson**, ala, 1976	I Say, cas, 1963
			Quarana, ala, 1968
		By My Side, ala, 1990	**Ogygian**, cas, 1983
			Blint, ala, 1982

Estava retornando para mais um período de pesquisa de campo. Eu estava desatualizado sobre os cavalos que haviam iniciado naquela temporada. E era véspera da primeira prova da Tríplice Coroa de potros: GP Estado do Rio de Janeiro, prova de Grupo I

para produtos de 3 anos em 1600 metros na grama. E não sabia grandes coisas a respeito aqueles cavalos. Mas os apostadores já arriscavam seus favoritos.

Bal A Bali havia estreado com vitória confortável nas carreiras no dia 2 de fevereiro de 2013 numa páreo de 1000 metros. Depois disso, ele teve mais seis páreos corridos: cinco vitórias em provas listed e de grupo e com apenas um terceiro lugar, no GP Conde de Herzberg, 1500 metros, por vários corpos para Farrier e ultrapassado por Baccelo, na reta final.

Seu retrospecto exato para antes da prova era o seguinte:[20]

BAL A BALI – Put It Back e In My Side (Clackson) – Haras Santa Maria de Araras – M – C 22/09/2010 – RS

V. Borgues ***57*** ***D. Guignoni (CT)*** ***Stud Alvarenga***

01/12/13	1º (6) 2	V. Borgues	56	A	480	1,6	GP-5	1'38"08	1,0	GP3	3º
26/10/13	1º (6) 3	Jean Pierre	57	A	484	1,6	GM-3	1'33"64	1,0	L	2º
14/09/13	1º (8) 5	V. Borgues	57	A	490	1,6	GM-2	1'33"37	1,2	CB	3º
26/05/13	3º (10) 6	V. Borgues	56	A	482	1,5	GP-2	1'30"62	2,8	GP2	3º
31/03/13	1º (7) 7	V. Borgues RO	56	A	476	1,4	GP-9	1'27"45	1,8	GP3	2º

A cotação de Bal A Bali fechou em 1,3 demonstrando franco favoritismo do público apostador, pelo desempenho apresentado nas provas anteriores e que consta no retrospecto do programa. Sem decepcionar o público, na entrada da reta Bal A Bali, por fora, saiu da

[20] A primeira vista a leitura do retrospecto parece ser um labirinto de nomes e números. É preciso estar acostumado com a sequência de cada dado. Na primeira linha são os dados do pedigree do cavalo: nome, filiação, criação, sexo, pelagem, data de nascimento e local. Na linha de baixo é o nome de jóquei que irá montar e o seu peso, o nome do treinador e o proprietário que o cavalo está para o páreo em questão. A terceira em diante são os retrospectos das cinco últimas corridas: a primeira coluna é a data da corrida, a seguinte diz qual foi a colocação que o cavalo teve, entre parênteses o número de participantes e depois a baliza. Em seguida vem o nome do jóquei, seu peso, o ferrageamento – que é o material da ferradura que caso é A de alumínio –, o peso que o cavalo correu, a distância, pista – G de grama – e estado – M de macia e P de pesada – o número em seguida representa a distância da cerca móvel, o tempo do páreo, o rateio do cavalo, a categoria da prova – GP, grande prêmio (prova de grupo), CB de Copa e L de listed. Por fim a última coluna é a colocação na entrada da reta. Esta foi apenas uma mostra do retrospecto, ficam de fora o número do páreo e os nomes dos primeiros colocados e a relação de distância do primeiro colocado, mas acredito que esta omissão não acarretará em nada a compreensão. Farei uma discussão mais acertada sobre o retrospecto no próximo capítulo.

terceira para primeira posição, ganhando distância com facilidade dos oponentes. Quando o potro chegou à linha dos 100 metros final, o locutor Fernando Freire Cury comenta: “Corre muito Bal a Bali” e no fim se refere ao vencedor como “máquina”.

A segunda prova da Tríplice foi no mês seguinte, no dia 16, no GP Francisco Eduardo de Paula Machado. Páreo de 2000 metros. E como é um evento importante o público no hipódromo era maior do que nos dias normais. O Jockey preparou uma festa com pula-pula e atividades para as crianças enquanto os apostadores se acotovelam nas filas para comprar as pules. Aficionados mais preparados já trazem de casa alguns apontamentos para o hipódromo.

Oito cavalos foram inscritos para correr a prova:

Happy Fritz do Stud Red Rafa com uma pule de 44,8 para 1.

Barolo, defendendo as cores do Haras Santa Rida da Serra, pagando como maior azar do páreo com 50,7 para 1.

Desejado Zuca e, como seu faixa, Bal A Bali, para o Stud Alvarega, com cotação prejudicial de 0,8.

Bayley do Haras Anderson com uma pule de 33,8.

Bercalo, Stud Capitão, 33,8.

Hendrix, defendendo a cor solferino do Haras Nacional, que trouxe da argentina um dos grandes jóqueis da atualidade, J. Ricardo. Levando uma cotação de 36,8.

E por fim, Kalik Light do Haras Doce Vale com 18,5.

Apenas pelo rateio se percebe que Bal A Bali estava sendo superestimado. Alguns aficionados diziam, com frequência, sobre o cavalo: “Há muito tempo que não via um cavalo assim”. Mas além de Bal A Bali outros dois também estavam sendo superestimados: Farrier, que o venceu, e sua meia-irmã Brilhantíssima (que também concorreu a tríplice coroa de éguas, mas uma lesão a impediu de continuar). E o JCB havia divulgado o evento no jornal anunciando Bal A Bali e, em segundo plano, o retorno de J. Ricardo nas pistas do hipódromo da Gávea

Estava sentado ao lado dos rapazes. Para eles era burrice apostar na ponta e, pior ainda, no placê, pois se teria apenas o dinheiro devolvido. A vitória era tida como que garantida. O que era mais interessante economicamente era apostar na modalidade dupla e exata, pois apesar do favoritismo da dupla do Stud Alvarenga ainda sim pagava melhor.

Dada a largada para os 2000 metros. Ninguém dizia palavra; apenas a voz do locutor Luiz Urubatan Carlos. Olhos na pista ou nos televisores. Bal A Bali estava na frente, mas muito próximo dos demais. Hendrix lutando pela ponta na reta oposta. Nos metros finais, Bal A Bali foi saindo do meio dos outros e ia ganhando distância, mais e mais distância. Nos 100 metros finais Luis Uburatan anuncia: "E na ponta Bal A Bali, ele vai ser candidato a tríplice coroa!". E o público já estava de pé, aplaudindo o cavalo. E o jóquei que acena para o público. Cruzaram o disco ovacionado, o jóquei e o cavalo. Quebrando o recorde.

"Isso é uma máquina! Máquina de correr! Máquina de correr!", gritavam alguns. Se os olhos do público estavam marejados não posso afirmar, mas os meus estavam. Fui tomado pela emoção coletiva. Outras corridas aconteceram depois dela, mas não da mesma forma e nem com a mesma intensidade emocional.

Dia 16 de março. Novamente o público compareceu em massa para a reunião. E o número de espectadores parecia só aumentar com aproximação do páreo principal: nos 2400 metros do GP Cruzeiro do Sul, o páreo que provavelmente Bal A Bali terá sua consagração com a Tríplice Coroa.

Foi um páreo com treze cavalos de onze proprietários diferentes. Essa carreira, antes de começar, já parecia prometer um ótimo espetáculo, J. Ricardo retornava para pilotar novamente Hendrix e o Stud Estrela Energia contrata o jóquei Ted Durcan, da Grã-Bretanha, para correr nessa reunião. A formação foi a seguinte:

	Cavalo	**Jóquei**	**Treinador**	**Proprietário**
1	Hendrix	J. Ricardo	V. Nahid (CT)	Haras Nacional
2	Desejado Zuca	F. Henrique	J.C. Sampaio (CT)	Stud Alvarenga
"	Bal A Bali	V. Borges	D. Guignoni (CT)	Stud Alvarenga
3	Gigante De Ouro	H. Fernandes	D. Minetto (CT)	S. Domingues de Araújo
4	Olympic Dunkerque	D. Duarte	R. Solanes (CT)	Haras Regina
5	El Caudilho	A.M. Souza	R. Solanes (CT)	Stud Estelinha
6	Barolo	M. Mazini	V. Nahid (CT)	H. Santa Rita da Serra
7	Bayley	C. Lavor	Ad. Menegolo	Haras Anderson

8	Mr.Hat	M. Almeida	G. Duarte	Stud Estrela Energia
“	Energia Fribby	Ted Durcan (GB)	G. Duarte	Stud Estrela Energia
9	Kalik Light	B. Reis	V. Nahid	Haras Doce Vale
10	Miracle Maker (arg)	V. Gil	J.C. Sampaio	H. Santa Maria de Araras
11	Bossoftheboss	A. Queiroz	V.S Lopes	S. São José dos Bastiões

E antes dos cavalos entrarem na pista para realização do canter, surgiu entre os rapazes a notícia de que o Estrela Energia estava com planos de estragar a festa do Alvarenga. A história já estava escrita. Um dos cavalos do Estrela iria disparar de modo a cansar antes do tempo o grande favorito da prova. E o fecharia, para perder espaço, facilitando para o faixa ganhar. Sergio ao ouvir a “notícia” comentou que este “era um plano suicida”. A notícia abalou as convicções de uns e outros a acham simplesmente bobagem essa história.

Alguns minutos depois, surgiram novas preocupações, dessa vez sobre a filiação de Bal A Bali. Seus pais, Put it Back e In My Side, nunca ganharam nenhuma prova de 2.400 e também nunca geraram produtos vencedores nessa distância. E mais, um detalhe: Bal A Bali nunca correu está distância.

Estas incertezas passaram a refletir no totalizador: o favoritismo de pule de 0,8 por 1 subiu para 1,2. Apesar de ter subido pouco, foi significativo. O que para uns era certo tornou-se uma incógnita. “Pode ser que...”

Eduardo, que estava do meu lado, quis me situar ao que provavelmente iria testemunhar. “O Jockey Club Brasileiro deve ter uns 80 anos. Você sabe quantos cavalos foram tríplices coroados? Onze! Isso é muito difícil de acontecer. É raro”. Assim como ele e outros relembravam o tempo de Itajara, cavalo tríplice coroado em 1987 que também foi muitíssimo aplaudido em sua época. “Itajara também era assim, lembra? Isso aqui ficava lotado de gente para vê-lo correr...”, disse outro turfista para Eduardo. Estavam comparando os tempos e os cavalos, evidentemente.

Dada a largada. Mr. Hat tomou vários corpos de distância, atrás veio Bossoftheboss, lideraram a prova durante vários e vários metros. Bal A Bali vinha de quinto, depois sexto,

acompanhando a turma. Hendriz, sob o comando de J. Ricardo, na curva da reta final foi tomando vantagem. Silêncio por parte do público.

Quando Luiz Urubatan narra que por fora vinha Bal A Bali as tribunas levantaram. Será? Paulatinamente o potro tomou o terceiro lugar, depois o segundo. Os primeiro gritos das tribunas se manifestaram, tanto contra como favor, de bocas incrédulas conforme avançava aos galopes. "Por dentro Ricardo, por fora V Borgues, a antiga e a nova geração brigando cabeça com cabeça", soou no alto-falante. Sem demonstrar dificuldade o cavalo que defendendo as cores azuis e brancas do Stud Alvarenga foi se distanciando, cada vez mais a frente.

O público já comemorava nos 100 metros finais. "Isso é uma máquina!", gritaram novamente. "Superior! Superior!". Eram apenas elogios, mesmo de quem apostou contra.

O potro cruzou o disco mais uma vez muito aplaudido. E o público se aglomerou no corredor do Paddock para ver de perto o castanho. "Lindo!", comentou uma mulher que tentava o fotografar com o celular. "Verdadeiro campeão!", comenta outro para qualquer um que estive perto. Incansável eram os elogios. Todos queriam ter um registro deste herói em seu apogeu.

Os aficionados pelo esporte recontavam a sua perspectiva do acontecido com prazer. Contando e recontando suas análises e narrativas do páreo. Essa é a paixão que os move, este era o deleite pelo qual tanto esperam. "J. Ricardo é um verdadeiro craque. Ele sabia que Hendrix era inferior e fez um lance puramente técnico para tentar ganhar. Foi uma condução espetacular", Milton Lodi me ofereceu seu ponto de vista. Estava animado, com a corrida maravilhosa que assistiu.

O equino vencedor retornou à pista com o manto de tríplice coroado 2014 montando pelo seu jóquei. Colocam-lhe uma ferradura de flores no pescoço. Uma legião o seguia, atrás do cavalo, todos queriam sair na fotografia ao lado do proprietário, do jóquei e do cavalo.

Encontro Quequé voltando da fotografia. "Está feliz com o resultado?", fiz esta pergunta banal. "Ganhou correndo uma distância que jamais correu e quebrou o recorde!", Quequé deixou claro para o etnógrafo que neste dia Bal A Bali se tornou um Deus. Esta era a sua consagração.

Após a vitória rolaram boatos e mais boatos sobre as negociações da venda de Bal A Bali para o estrangeiro. Especulavam sobre os valores e os compradores, árabes ou americanos. As opiniões se dividiam. Chegaram a especular que haviam comprado apenas 80% do cavalo. Muitos queriam saber se Bal A Bali estaria ou não no páreo mais importante do JCB: o GP Brasil.

Quando foi anunciado que Bal A Bali correria o GP Doutor Frontin voltaram as especulações sobre uma possível venda desfeita. Pouco se tinha de informação sobre as negociações, mas as hipóteses eram várias. O GP Paulo de Frontin, como dizem, é uma prova preparatória para o GP Brasil. E aconteceu no domingo de dia das mães, em 2.400 metros e em grama pesada. E foi mais uma vitória para Bal A Bali. Mas diferente das outras, esta vitória gerou interpretações antagônicas entre os aficionados. De um lado Bal A Bali estava "morto" e do outro continuava um craque.

Apenas seis cavalos foram inscritos nesse GP, a saber:

1) Novamente a parelha do Stud Alvarenga: Bal A Bali, por V. Borgues, e Desejado Zuca, com F. Henrique;

2) El caudilho, montado por A.M. Souza pelo Stud Estelinha;

3) Ferragamo do Stud Rad Rafa, pilotado por H. Fernandes;

4) Gigante de Ouro, com M. Almeida, de propriedade de Sinval Domingues de Araújo;

5) Miracle Maker, do Haras Santa Maria de Araras, com o jóquei V. Gil.

A corrida se deu com o castanho El Caudilho tomando a liderança, seguido por Gigante de Ouro, Bal A Bali e Desejado Zuca seguiram tranquilamente em terceiro lugar. Logo atrás vinham Ferragamo e Miracle Maker, seguindo assim até a reta oposta. Até que V. Borgues tocou Bal A Bali para tomar a ponta, para uns ele se precipitou aí. Na perseguição apareceu Ferragamo, chegando à curva da reta final.

Bal A Bali veio liderando, ganhando corpos de vantagem, mas Ferragamo seguia firme. Nos metros finais o potro do Stud Red Rafa diminuiu surpreendentemente a distância do líder. Bal A Bali por focinho vence a prova com o tempo de 2'29"13.

Ordem de chegada: 1° Bal A Bali, 2° Ferragamo, 3° Gigante de Ouro, 4° Desejado Zuca, 5° El Caudilho e, por último, Miracle Maker.

Esta foi a décima vitória de Bal A Bali numa campanha de 11 corridas.

Cabe explicitar que o tempo de quando foi tríplice coroado foi de 2’23”25 e seu peso marcava 476kg. Neste ele se apresentou com mais dez quilos.

Sua vitória com Ferragamo o alcançando dividiu as opiniões. Para alguns que ainda tinham fé no cavalo estava claro que Bal A Bali não tinha sido “apertado” para vencer a prova, de modo a ser poupado para o GP Brasil. E ainda sim, continuava sendo uma “máquina de correr” e o favorito a vencer o Brasil.

O outro lado apregoava o fim das vitórias consecutivas do filho de Put It Back. E consecutivamente dentro desta leitura Bal A Bali não iria ganhar o GP Brasil. Houve quem dissesse que o vencedor seria Catch A Flight, de propriedade do Haras Santa Maria de Araras, que ficou em 3° lugar no GP São Paulo.

No dia seguinte os sites de notícias do turfe pareciam refletir estas duas interpretações. No site do JCB, Fernando Lopes escreveu sua crônica em tom otimista: “mesmo sem estar no auge de sua forma, a não concretização de sua venda o retirou do ritmo normal dos treinamentos, Bal A Bali provou que o craque não gosta de perder”. Já no site Raia Leve aparece pelas letras de Luiz Melão a dificuldade que foi a vitória: “Em final *apertado*, Bal A Bali fatura...” ou no site da ABCPCC que coloca “*a duras penas*, Bal A Bali bate Ferragamo...”. Evidente que essas análises e conjecturas projetam para o páreo de 8 de Junho, para o GP Brasil.

Um senhor, conhecido por ser discreto quanto a sua escolha sexual e muito respeitado por sua palavra e virilidade, surpreendeu a todos com uma modalidade de aposta que não envolvia dinheiro: “Dou o * para macaco se Bal A Bali ganhar o Brasil”. Alguns acharam que aquilo era muita vontade de experimentar coisas exóticas, porque Bal A Bali ia ganhar. “Eu sei que ele gosta disso, mas vê se tem cabimento um troço desse. Para macaco?! Tem que ter muita vontade ter novas experiências”. Mas no dia 8 junho, quando os cavalos se apresentam para o páreo. Este senhor desfez a sua aposta. Provavelmente viu algo no cavalo que o fez mudar de ideia.

E o páreo do GP Brasil foi o seguinte:

	Cavalo	**Jóquei**	**Proprietário**	**Treinador**	**Rateio**
1	Olympic Canada	W. Blandi (SP)	S. Irmãos do Turfe	Emerson Garcia (SP)	24,0

2	Beach Ball	V. Gil	H. St. Maria de Araras	R. Morgado Neto	3,9
“	Catch A Flight	B. Reis	H. St. Maria de Araras	R. Morgado Neto	3,9
3	Ferragamo	H. Fernandes	S. Red Rafa	V. Nahid	14,2
4	Bal A Bali	V. Borges	S. Alvarenga	D. Guignoni	1,5
“	Mojito	A. Domingos (Arg)	S. Alvarenga	D. Guignoni	1,5
5	Arroz Branco	-	C. Alvarenga Desejada	N. Souza	NC
“	Americando	F. Henrique	C. Alvarenga Desejada	D. Guignoni	50,4
6	Beauséjour	D. Duarte	S. Santa Rosa de Lima	V. Nahid	13,0
7	Sandbuck	J. Aparecido (SP)	S. Coral Gables	L.A. Singnoreti	43,6
8	Energia Destaque	M. Almeida	H. Estrela Energia	G. Duarte (CT)	20,9
9	Hendrix	J. Ricardo	H. Nacional	V. Nahid	5,2

Para alegria de muitos e para a surpresa de outros tantos a ordem de chegada do páreo foi: 1° Bal A Bali, 2° Mojito, 3° Beach Ball[21], 4° Ferragamo, 5° Beauséjour, 6° Energia Destaque...

Bal A Bali escreveu sua história se tornando um herói equestre para todos aqueles que o viram correr. Ele se tornou uma espécie de modelo ideal do que um verdadeiro cavalo de corrida é e deve ser. Ele se tornou um marco a espera que outro cavalo, no futuro, o possa superar.

Algumas considerações

A história dos cavalos sugere o que nós projetamos neles tanto os nossos defeitos como nossas qualidades, e é onde encontramos vigor e força que almejamos. O que seria do cavaleiro valente e cortês sem o seu bravo alazão? Ao passo que construímos os cavalos eles nos constroem, no sentindo mais simbólico. Não há figura mais imponente do que a do

[21] Beach Ball foi a única fêmea a correr o páreo.

homem a cavalo. E é por isso tal força que os heróis da historiografia, tanto brasileira como mundial, são quase sempre representados, não por acaso, a cavalo.

O cavalo esteticamente representa o que há de mais sensual no feminino e o que há de mais robusto no masculino. A dubiedade é a sua característica mais forte para se tornar o espelho bestial e o signo dos impulsos carnais. E com um leve olhar sobre a cultura pop encontramos nos cavalos figurando também o espírito livre, a liberdade. Dois bons exemplos são as canções *A Horse With No Name*, da banda America, e *Wild Horse* dos Rolling Stones.

E especificamente os cavalos de corrida? Eles são mais do que a sorte do jogo, são a imponderabilidade da corrida. O fascínio do público. Carregam o nome do seu proprietário e as convicções dos aficionados. O meio pelo qual os homens podem rivalizar entre si sem se destruírem. São a representação da honra. O dinheiro apostado não é nada, destarte as leis da honra se situam acima das leis de mercado.

As apostas nas corridas de cavalo, portanto, tem efeito pedagógico sobre as emoções. Sem os cavalos o efeito seria outro, e provavelmente a corrida não existiria. Eles nos ensinam a observar e a refletir. E como são os espelhos do homem a corrida é o reflexo da vida. Isso é o que há de mais profundo na compreensão. Apostamos nas incertezas da vida. Queremos acreditar que vamos acertar e nos desesperamos diante do perder. A derrota é dura, mas é a importante lição: o dinheiro não é tudo. “Dinheiro? À merda o dinheiro!”.

A grande pedagogia está no autocontrole, e, por conseguinte, no controle sobre o dinheiro. Não que não se tenha respeito pelo dinheiro, pelo contrário. Bukowski (2011), que em minha opinião, foi quem melhor explicitou isso, talvez por ser também um aficionado pelas corridas, nos seus diários: “Tive pouco [dinheiro] na maior parte da vida. Sei o que é um banco de praça, e o proprietário bater na porta. Só existem duas coisas erradas com o dinheiro: quando é demais ou de menos” (p. 9).

O papel do dinheiro é mediar as transações, “o ritual”, tal como as corridas, “medeia a experiência inclusive a experiência social. O dinheiro oferece uma padrão para medir o valor; o ritual padroniza as situações e ajuda assim a avaliá-la. O dinheiro faz a união entre o presente e o futuro”, diz Mary Douglas (2012, p. 88). E a função do cavalo é tornar esse futuro menos direto e ao mesmo tempo mais atrativo. Todos almejam, é claro, ganhar uma

boa quantia apostando de preferência pouco. O "viciado" que se arruína não está interessado na corrida e nos cavalos, mas na obtenção de dinheiro.

Outro aprendizado é relativa as paixões, tal como Barroca me aconselhava sobre o que era importante aprender ali dentro: "o importante é você sair daqui e não discutir com o porteiro, não chutar o cachorro e não brigar com a patroa. Sair bem consigo mesmo. Perdeu, perdeu." Sem aborrecimentos. É assim que os cavalos podem nos ensinar a sermos superiores.

– Vou te contar a história que aconteceu com um sujeito que conheci, disse Quequé. – Escute, vai ser importante para sua pesquisa. Anota aí.

Estava um sujeito perto da grade de tribuna assistindo os cavalos andando em circulo atrás da tribuna dos profissionais. E de repente escutou um negócio estranho.

"Ei, psiu!"

Olhou em volta e não encontrou ninguém. E mais uma vez ouviu "Ei, psiu! Aposta em mim". Quando voltou o rosto para os cavalos não acreditou, o cavalo dizia na sua frente:

"Aposta em mim."

E não pensou duas vezes, foi no guichê e apostou tudo nesse cavalo.

No páreo o cavalo disparou, correu, correu, correu e correu, mas nem se classificou. Quando o cavalo se retirou da pista o rapaz foi atrás tomar satisfação. "Escuta aqui, você disse para apostar em você e você vai e... *putaquemepariu*!, perde essa corrida! Tá de sacanagem comigo?

No que o cavalo o respondeu:

"Mas além d'eu falar você ainda quer que eu ganhe?".

Capitulo 2: A Ciência Inexata

Você tem as respostas das perguntas
Resolveu as equações que não sabia
E já não tem mais o que fazer a não ser
Verdades e verdades
Mais verdades e verdades
Para me dizer
A declarar!

Raul Seixas, *Loteria da Babilônia*

Cheguei cedo à Gávea. Atravessei o pórtico neoclássico, cumprimentei o porteiro e peguei o programa da reunião do dia. Atravessei o salão das apostas da tribuna social que estava ainda pouco movimentado. Subi a arquibancada, indo para o ponto onde os rapazes costumam se encontrar para assistir às corridas.

Não havia ninguém, apenas o Bigode que estava abrindo a caixa da pule. Sozinho, tomei a leitura do programa. Como restava "tempo" até os rapazes chegarem resolvi me dedicar a depurar as informações contidas no programa de corrida, num esforço de tentar interpretar aquilo como os turfistas interpretam. Numa frase: pensar como um deles.

Eduardo me encontrou assim: concentrado lendo e rabiscando o programa. E foi logo se aproximando:

– Aê garoto, tá aí estudando, heim? Estou vendo que hoje as pules irão despencar, heim!

– É. Tô aqui tentando *adivinhar* quem vai ganhar.

– Ih! Falando em adivinhar, deixa eu te contar a história de um sujeito.

Parei minha tentativa hermética de ler o programa e prestei atenção na história que tinha para me contar. Poderia ser interessante. E por que não seria? A historia foi mais ou menos assim:

> Estava o sujeito passando na praça quando encontrou um conhecido amigo de muitos anos.
>
> – Ô rapaz, como é que vai? Tudo bem?
>
> Conversa vai, conversa vem. O amigo, num dado momento, aponta para um outro sujeito que estava passando também ali pela praça.
>
> – Esse cara é incrível. Ele pode adivinhar tudo que você imaginar.
>
> – É mesmo?

– Veja você.

Chamou o rapaz e o apresentou ao seu amigo. E foi logo dizendo:

– Estava dizendo ao meu amigo aqui sobre sua capacidade de adivinhação. Diga, por favor, onde esse meu amigo mora.

– Você mora na rua tal, número tal e é casado com fulana de tal.

– Isso é armação! Vocês combinaram.

– Não. Nada disso – alegou o sujeito das adivinhações. E continuou: Sua carteira de identidade é tal e seu CPF é tal e tal.

– Tá certo!

Admirando com a capacidade de adivinhação o sujeito pediu mais uma prova: que adivinhe algumas coisas sobre uma mulher que também passava ali naquele instante. E ele foi logo dizendo:

– A calcinha é branca, seu CPF e tal e tal.

A mulher confirmou todas as respostas. Admirado o sujeito perguntou:

– Como você faz isso? Eu preciso aprender.

– Eu tenho um curso de adivinho.

– Então eu quero ser seu aluno!

– Vamos lá em casa que o curso começa hoje mesmo.

E o sujeito foi. Chegando na casa, o mestre pediu que ele entrasse no quarto.

– Agora tire a roupa.

O sujeito achou aquilo estranho, mas não desobedeceu.

– Agora fique de quatro em cima da cama, disse o mestre.

Como queria aprender adivinhar aceitou sem questionar. Quando olhou pra trás viu o sujeito passando vaselina nas partes.

– Você vai me comer?

– Aí, tá começando a adivinhar!

Você, leitor, deve ter percebido que não se trata de uma história "verdadeira", mas sim de uma piada. Claro que toda piada tem como propósito o gracejo e o riso, mas o "gancho" no qual se conta e o seu conteúdo não poderiam passar despercebidos, sobretudo para o antropólogo em campo. E até mesmo porque a expressão "*fazer o curso de adivinho*" se tornou presente, neste dia, nos momentos em qualquer um dos rapazes parecia querer adivinhar o vencedor de forma aleatória nos páreos – como se costuma dizer – "muito difíceis". E mais, com a piada ficava demasiadamente evidente que *apostar em corrida de cavalo não é adivinhação*.

E é justamente por não se tratar de mera adivinhação que as apostas hípicas não são compreendidas como um *jogo de azar*. Para os aficionados não faz sentido falar em jogo de azar. A expressão, apesar do uso corrente no nosso linguajar, é inadequada enquanto conceito analítico. E é justamente para evitar tal inadequação que me abstenho de utilizar o máximo possível de "jogo de azar". Para designar o público das corridas preferi empregar o termo "turfista" ou "aficionado"[22] e bem pouco o termo "jogador". Acho a ideia de jogador muito larga e polivalente, pois envolve todo tipo de jogo e de público. Ela traz consigo a ideia de jogar por jogar com ou sem engajamento. Em minha opinião usar o termo turfista me pareceu adequado para descrever aqueles aficionados pelo o turfe que participam diretamente da corrida e também apostando nela. Mas, sobretudo, o seu uso se circunscreve àqueles que se dedicam na avaliação da corrida com esmero. Assim, *com a restrição se aproxima da precisão*.

Como o objetivo da antropologia é produzir uma descrição (mais) próxima do "ponto de vista" do nativo, como diria Geertz (1989 e 2012), o que significa buscar a perspectiva mais próxima do outro, de como pensa e age sem julgamentos etnocêntricos ou preconceituosos – levando em consideração também a experiência pessoal do pesquisador com os pesquisados –, será preciso compreender para que se possa romper barreiras e ir além. E o que me informava a pesquisa era que a prática do turfe não era uma aposta como outras. Ela é diferente.

Na loteria federal, no jogo de roleta ou mesmo no jogo-do-bicho o jogador escolhe um número ou uma combinação deles para jogar *contra a banca*. Assim, o jogo da Quina da loteria federal, por exemplo, o jogador escolhe 5 números entre os 80 da cartela. A probabilidade de ganhar é 1 em 24.040.016 (vide o verso de qualquer canhoto). O mesmo acontece aos outros jogos em que se disputa contra uma banca. No livro *Quebrando a banca* de Ben Mezrich (2006), o autor apresenta seu dialogo com Damon Zimonowski, um dos seus informantes para elaboração do livro, um alto funcionário dos cassinos de Las Vegas, que mostra nitidamente que tipo de relação é esta entre a banca e os jogadores, dentro, é claro, da sua perspectiva particular.

[22] O uso do termo aficionado não deve ser levado no sentido de viciado (*addict*), mas sim no de dedicação.

> – No fundo [...], o que conta é a cobiça. Construímos cassinos porque queremos tirar dinheiro de vocês. E vocês vêm para cá porque querem tirar o nosso. O resto é só tapeação e enfeite: que chamariz usamos para atrair vocês e como vocês justificam tudo para si mesmos quando voltam para casa.
> – Mas não é um jogo justo [...]. Os cassinos cuidam para que o sistema esteja regulando a seu favor.
> Damon riu.
> – É a natureza de toda essa sacanagem. Não é nem um pouco diferente de qualquer outro negócio. Ninguém abre um cinema e deixa as pessoas entrarem de graça. Você cobra delas em troca de diversão. É o mesmo que faz Las Vegas. A vantagem que a banca leva é o preço do ingresso do cinema (p. 83-4).

Nestes jogos, evidentemente, a possibilidade de ganho repousa (ou parece repousar) muito mais num mar de esperanças, aguardando o resgate do feliz destino. E como não se lembrar da passagem de *O Jogador* de Dostoiévski (2011), onde Aleksei Ivánovitch reflete sobre a sorte na roleta?

> Por mais ridícula que seja esta esperança que depositei na roleta, me parece mais ridícula ainda a opinião geralmente aceita segundo a qual seria absurdo esperar alguma coisa do jogo. Por que o jogo seria pior do que outras maneiras de ganhar dinheiro, do que o comércio, por exemplo? É verdade que apenas um sujeito em cada cem tem a sorte de ganhar. Mas porque me inquieto com isso? (p. 18)

Tais questões de Aleksei encontram eco em Huizinga (2010), quando diz sobre a indeterminação entre o jogo e a seriedade – a seriedade do comércio ou da bolsa de valores. Em suas próprias palavras:

> O jogador de roleta não terá dúvida alguma em reconhecer que está jogando, mas já o mesmo não sucederá com o corretor de valores. Este último sustentará que a compra e venda ao sabor das altas e baixas da Bolsa fazem parte das coisas sérias da vida, ou menos da vida dos negócios, e constitui uma função econômica da sociedade. Em ambos os casos, *o fator operante é a esperança do lucro*. Mas, enquanto no primeiro caso o caráter puramente fortuito da coisa é geralmente reconhecido (não obstante todos os "sistemas"); no segundo, o jogador ilude-se a si mesmo com a ideia de que é capaz de prever a tendência futura do mercado.

> Seja como for, é ínfima a diferença de mentalidade entre ambos os casos (é minha a ênfase. p. 60).

Não se trata de condenar tais práticas de aposta ou mesmo querer ressaltar a aposta hípica como sendo a "mais correta". Não. Apenas dizer que cada jogo (no sentindo amplo do termo de prática lúdica) tem seu próprio ponto de absorção. Para os turfistas o ponto absorção da prática, como apontei no capítulo anterior, são os cavalos.

E há outro fator que diferencia a aposta hípica das outra modalidade de jogos de aposta. Nas corridas de cavalo não existe uma banca. E, portanto, ninguém pode "quebrar a banca". O Jockey Club não cumpre tal papel. A sua função é agrupar o volume de apostas e ratear o prêmio entre os vencedores. A aposta hípica é uma aposta onde a bolsa é o próprio dinheiro dos apostadores, subtraído de uma porcentagem do qual o Jockey retira para honrar despesas – chamado de Movimento Geral das Apostas (MGA). Cada modalidade de aposta tem seus próprios percentuais (Tabela 1) de quanto será revertido ao apostador e de quanto fica para o Club.

Tabela 1

Modalidade de Aposta	**% Apostador**	**% Retirada**
Vencedor	72,5	27,5
Placê	82	18
Dupla	67,5	32,5
Exata	64,5	35,5
Trifeta	68,87	31,13
Quadrifeta	65,87	34,13

A explicação mais didática que me deram sobre como funcionava tal sistema é a seguinte: se num páreo correrem 10 cavalos e existem 10 pessoas dispostas a apostar, cada um, 10 Reais em cada um dos cavalos, será de 100 Reais a bolsa de aposta, o MGA. Destes 100 o Club subtrai sua porcentagem e devolve o restante ao vencedor, isto é, 72,5. Mas, claro, falando na modalidade mais simples, nas outras modalidades acontece o mesmo, apenas o cálculo que será diferente.

E, além disso, outros motivos são mobilizados para corroborar para a falta de sentido para o emprego de "jogo de azar". É que nas corridas há sempre um vencedor, dentro e fora das pistas. Em toda corrida há de se esperar que um dos cavalos vença e que

ao menos uma pessoa tenha apostado nele. Ao menos era isso que Pita quis dizer quando ficou irritado comigo por ter acusado a prática de jogo de azar (entenda: eu estava irritado com eles por achar que estavam esquivando das minhas perguntas). Pita me fitou sério com as sobrancelhas rijas e retorquiu severamente: "Como pode ser um jogo de azar se sempre alguém ganha? – já com um tom de voz menos forte prosseguiu – Isso aqui é um quebra-cabeça fodido". Ou, de maneira mais polida, como me explicou Samir Abujamra:

> O turfe é um esporte no qual a pessoa assiste (como frequentador do hipódromo) e participa (como criador e/ou proprietário). É possível apostar, mas ninguém é obrigado a isso. Portanto, é um esporte, praticado ao ar livre, em que se assiste o desenrolar, com possibilidade de fazer uma aposta. Essa aposta se dá conforme a escolha de cada um, baseada na forma técnica dos concorrentes, mas há quem prefira apostar pelo nome, pela beleza ou por qualquer outro motivo. A loteria é tão somente uma aposta. A pessoa compra um bilhete com um número e depois fica sabendo o resultado do sorteio que define o número ganhador. O turfe não é jogo de azar, pois *permite que a pessoa estude a corrida com base em diversos fatores técnicos para, então, apostar*. A loteria é jogo de azar, já que não oferece nenhuma escolha, não depende de nenhum conhecimento (em comunicação pessoal).

Duas coisas são passíveis de ser extraída daí. A primeira e mais eminente é o claro questionamento da noção de jogo de azar, que em si é uma noção depreciativa.[23] Essa ideia

[23] Diga-se de passagem, a categoria "jogo de azar" aparece no decreto-lei nº 9.215 de 1946, mas não me parece muito bem delimitada. Neste decreto-lei consta apenas que a repressão aos jogos de azar é um "imperativo da consciência universal" [*sic*] e que a legislação penais de "todos os povos cultos" [*sic*] partilham de tais preceitos, que a "tradição moral jurídica e religiosa do povo brasileiro e [*sic*] contrária à prática e a à exploração e jogos de azar" [*sic*] e conclui alegando que da prática "decorram abusos nocivos à moral e aos bons costumes". Pórem nada que explique porque *azar*. Apenas no artigo 50 do decreto-lei 3.688, a lei das contravenções penais, aparece o que se considera como jogo de azar:

a) jogo em que o ganho e a perda dependem exclusivamente ou principalmente da sorte;
b) apostas sobre corridas de cavalos fora de hipódromo ou de local onde sejam autorizadas;
c) as apostas sobre qualquer outra competição esportiva.

O "azar" aparece sendo definido unicamente pela ausência do contrario, a sorte. E mais nada. As apostas nas corridas de cavalo não aparecem como um "jogo de azar", apenas apostas realizadas fora dele, isto é, num bookmaker. Acredito que o fato do turfe não ser taxado em lei como "jogo de azar", apenas as apostas em bookmaker, se deu unicamente ao fato de que os membros dos clubes de corridas ser fundado e mantido por membros da elite econômica, militar e política brasileira. Ao menos é o que se pode conjecturar a partir de leituras de trabalhos históricos sobre o turfe com Blay (1994) e Melo (2011). De qualquer modo isso não impede de que as corridas sejam popularmente consideradas como um jogo de azar.

sugere muito mais a existência de erros do que de acertos, atribuindo uma aleatoriedade ao ganho. E, assim, quem joga é, de antemão, visto como um perdedor. Como havia sugerido Mauss (1972): "A existência de uma categoria 'jogo de azar' só é válida para as nossas civilizações: inventamos nova categoria do espírito, no resto, do mundo o jogo de sorte é um jogo de sorte e de destreza" (p. 99). Isto está claro na existência de duas perspectivas sobre as pesquisas sobre os jogos de aposta, onde por um lado os antropólogos, trabalhando em sociedades de pequena escala, chegam a prováveis conclusões de que o jogo é um mecanismo de limitação de acumulação moralmente neutro ou uma inautêntica penetração capitalista; e do outro por sociólogos e psicólogos que pesquisando no seu universo ocidental chegam a conclusões sobre a irracionalidade e mentalidade débil dos seus aficionados nos jogos (CASSIDY, 2014).

A segunda coisa é a possibilidade de que "*a pessoa estude a corrida com base em diversos fatores técnicos para, então, poder apostar"* – como destaquei da fala do Sr. Abujamra. Isto é, esta se falando em uma habilidade e de um processo de conhecimento. Conhecimento este que confere ao turfista a capacidade de selecionar com determinados critérios (objetivos e/ou subjetivos) o cavalo no qual depositará e arriscará o dinheiro.

Se considerar esse "estudo" e este "conhecimento" como sendo uma interpretação de semiótica das tabelas numéricas das campanhas equestres e o exercício de interpretação dos sinais emitidos pelos cavalos, poder-se-ia dizer, sem receios, que os apostadores das corridas hípicas formam uma confraria de hermeneutas.[24]

Conversando com Milton Lodi, ex-presidente do JCB e proprietário de cavalos, sobre compra e venda, a preparação e as corridas *per si,* parecia que sempre estava falando nas existências de certos princípios (metodológicos) a serem observados e levados em consideração em cada um dos fatores. Coisa que, aliás, outros também me diziam, mas só me dei conta numa conversa com ele.

[24] Dizer que isso se dê de igual modo em toda parte é algo que não faço, pois o contexto pode levar a variações. Na pesquisa de campo de Presterudstuen (2014), os apostadores fijianos das corridas equestres consideram a aposta como "*a lottery*" (uma loteria). Bom, cabe explicitar que há corridas na ilha, apenas agências da TAB (Totalisator Agency Broad) e que a transmissão da corrida acontece unicamente por rádio e não visual. A escolha desses jogadores se dá muito mais ao acaso do que através de um estudo sistemático dos páreos. Para eles esta aposta é, portanto, um "*lucky game*".

– Então isso aqui, poderíamos dizer, é quase como uma ciência – disse eu por brincadeira, por causa do emprego frequente que ele fazia das palavras "técnica" e, sobretudo, "regras".

– Exatamente! Isto aqui é uma ciência, só que uma *ciência inexata*.

Outros pareciam, em certa parcela, concordar com a opinião da não-exatidão do resultado do estudo turfístico, mas receosos quanto ao emprego da palavra "ciência". Ciência confere algo que ocidentalmente nos parece demasiado sério e "seguro" demais para se comparar com as corridas equestres. Mas eles não percebem que ao afirmar que há regras e leis que imperam sobre as corridas isso se torna uma ciência? Talvez por ser apenas uma corrida de cavalo, um lazer dedicado às horas de ócio, não consigam conceder a aproximação. Quando perguntei ao Sergio Barcellos, reconhecido por ser um dos grandes entendedores de cavalo de corrida do Rio de Janeiro, o que ele pensava que as corridas e as apostas poderiam ser consideras como uma ciência, ele preferiu unicamente dizer que as corridas de cavalo, na sua totalidade, eram um "jogar xadrez com a natureza".

De modo a tentar compreender as corridas, resolvi encará-las, de fato, como uma ciência; não uma ciência qualquer, mas uma *ciência inexata*, pois há nela um principio de causalidade. Resolvo considerar os cavalos como *caixas-pretas* desta "ciência". "Caixa-preta" é uma expressão da cibernética usada "sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai" (LATOUR, 2000, p. 14). Ao equiparar os cavalos com caixas-pretas quero dizer que eles são enigmáticos em si (capítulo anterior), só havendo uma resposta certa quando o páreo está terminado, antes não. Mas a única diferença é que é preciso saber muito sobre os cavalos, porém não se pode "abri-los" e saber o que eles estão sentindo e pensando, nem antes e nem depois da prova. Não podem ser questionados. Eles simplesmente são.

No meu entender, o fato das corridas serem de lazer não invalida pensar analiticamente as corridas enquanto uma "ciência" (com aspas, com certeza). Pois há quase sempre referências às leis. E, ora, "quem diz lei, diz ciência" (MAUSS, 2003, p. 99)[25]. Leis

[25] A citação à Mauss foi proposital, tirada de *Esboço de uma teoria geral da magia*, não para aproximar magia da corridas, mas para provocar. Pois a magia também foi encarada para como uma espécie de ciência, na realidade, uma ciência antes da ciência.

que são evidentemente encobertas pela incerteza e pelo acaso. E aí me aproximo da ideia de uma "ciência em construção" que, como mostra Latour (2000), é marcada também por incerteza. Diz: "Incerteza, trabalho, decisão, concorrência, é isso o que vemos quando fazemos um flashback das caixas-pretas certinhas, frias, indubitáveis para o seu passado recente" (p. 16).

Ora, é a incerteza que confere a tensão. E é a tensão é o elemento que confere o valor ético, uma vez que ato de acertar exige o esforço pessoal e um capital de conhecimento sobre cavalos de corrida para a escolha de um ou de alguns animais para apostar.

Nominarei este capital "cientifico" que é constituído pelos conhecimentos sobre corrida de Puro-Sangue Inglês de *hipologia*. A hipologia consiste, precisamente, na técnica de avaliação e interpretação dos programas de corrida, dos sinais cavalares bem como outras variáveis relacionadas com as corridas essencialmente com relação a aposta. Uma espécie de semiologia. A hipologia do lado de cá, do público apostador. Porque há uma hipologia do lado de lá, da criação e da reprodução, que aqui não abordarei por estarem longe do meu escopo de investigação.

Encarar as apostas como uma ciência também sugere outra coisa: que há um processo racional (ou que se pretende racional) na seleção dos cavalos. O que deixa, portanto, apartado toda e qualquer adivinhação, superstições astrais, sonhos místicos, numerologia ou quaisquer outras crendices. Sendo apenas respeitada a sensibilidade de "ouvir cavalos".

Deixe-me que explique melhor. Não é que elas não existam estas seleções aleatórias e supersticiosas, mas acontece que no momento em que são verbalizadas tais explicações surgem olhares de suspeita ou de desprezo ou ainda comentários como "o que uma coisa tem a ver com a outra?". Isto, é claro, falando de turfista para turfista. Porque não se exige o mesmo cabedal explicativo de um aventureiro ou mesmo de um novato. Por exemplo, Donato, acima dos 50 anos, um dos aficionados "de tempos", havia acertado uma trifeta – segundo ele – "salvadora". Empolgado, quis explicar a lógica do seu jogo para o Bigode, o caixa da pule, e mais para quem quisesse ouvir.

– Olha aqui. Joguei no 2 porque tinha o melhor retrospecto. Não tinha como perder! Estava claro. Olha aqui – apontando para os números na revista que lhe parecia lógicos – E joguei esse 5 aqui porque eu nasci no dia 5 de agosto de... e no 4 porque minha filha é de...

Eduardo, sentando ao meu lado, comentou comigo:

– O que uma coisa tem a ver com a outra? Tudo bem ele examinar o retrospecto e ver que o cavalo é superior, mas o que tem a ver o dia que ele nasceu e a filha dele tem com isso?

– Vai ver é simpatia – sugeri.

– Você vai me desculpar, mas não tem cabimento uma coisa dessas! Não tem explicação. O quatro não entrou porque era a filha dele...

Se Donato fosse um iniciante, tudo bem, mas não era. Um iniciante pode alegar que apostou num determinado porque achou graça do nome, porque achou o cavalo bonito, porque a pelagem o agradou ou porque é o seu número da sorte. Mas para um turfista nada disso é racional. E quando um "forasteiro" acerta um cavalo por qualquer motivo aleatório diz-se, com razão, que "é sorte de principiante".

Portanto, muito mais do que sorte ou simpatia, a prática demanda estudo, dedicação, conhecimento e exegese; isto é, técnicas e saberes, que no limite são também sensibilidades de "ver" e de "ouvir" os cavalos. Ao menos é assim que tenho interpretado os interpretadores hípicos. Os elementos sobrenaturais explicativos não estão alijados, mas quando mais racionais ou mais alinhado dentro de uma lógica será melhor, socialmente falando. A lógica, nesse sentido, é o resultado da prova (– depois de ser corrida!).

Talvez pareça demasiadamente exaustiva e pouco conclusiva uma descrição dos mecanismos que são mobilizados pela hipologia. Mas para uma antropologia ou sociologia do conhecimento acredito que tal descrição possa dar dimensão mais exata da complexidade cognitiva que uma atividade lúdica como as carreiras dão aos seus participantes.

Aprender a apostar

A primeira lição a se aprender é apostar. Claro que saber como se realiza uma aposta não constitui necessariamente um conhecimento hípico, mas é básico. Isto implica não só em conhecer as modalidades de aposta, mas compreender o quê o totalizador está informando.

O totalizador – ou como os turfistas chamam, "a pedra" – é onde mostra as apregoações dos cavalos por modalidade a partir do mínimo. Quando fui a primeira vez no JCB a aposta mínima era 1 Real, e hoje está estabelecida em 2 Reais, mas a leitura do totalizador continua sendo pela aposta mínima de 1 Real. E não existe uma estipulação máxima para apostar: cada um é livre para apostar aquilo que acha que deve apostar.

Entre as duas tribunas ativas no JCB, a social e a popular, há perspectivas estigmatizantes que os frequentadores de uma fazem da outra. Do lado da tribuna social se crê que na tribuna popular se faz apostas menores, mínimas, e é onde fica o "povão", os "chinelões". Já da tribuna popular tem que do outro lado ficam os endinheirados e os "metidos à besta", onde as pessoas fazem apostas altas para se mostrar. Isto no campo imagético, mas há muita circulação entre uma e outra tribuna. O que retém alguém na tribuna popular para não poder entrar na outra são simplesmente os trajes.

Pessoas que nunca puseram os pés num hipódromo ou mesmo numa agência costumam querer saber *quanto é o prêmio que cavalos dão*. O prêmio é relativo. Como mencionei a pouco, a bolsa de prêmio das corridas de cavalo é decorrente do somatório do MGA. A cotação de cada cavalo dependerá do somatório do MGA dividido por cada aposta feita em cada um dos cavalos. Portanto, haverá em cada páreo um cavalo mais apostado que apresentará um rateio menor – logo chamado de "favorito" – e o cavalo menos apostado com uma atraente cotação alta – chamado de "azarão". Não é impossível haver páreos em que os rateios de boa parte dos animais estejam equilibrados, mas é raro (ao menos no JCB).

Seja qual for, a modalidade apostada, lê-se no totalizador o rateio a partir de um mínimo, no caso, 1 Real. Se na modalidade *vencedor*, digamos, o competidor 5 está indicando 4,3 quer dizer que pagará para cada um real este valor. Daí é uma operação

elementar de matemática multiplicar para saber quando ganhará quase tenha apostado mais: valor apostado *x* cotação do rateio.

Passemos agora para as modalidades de aposta.

A mais simples e mais praticada modalidade de aposta é a *vencedor* ou *ponta* que consiste em escolher um cavalo do páreo que deve ganhar:

Páreo	**1**
1º lugar	3

Assim, se o cavalo número 3 vencer receberá o valor correspondente ao seu rateio.

O *placê* é a modalidade com mais probabilidade de acertos. Nela o apostador escolhe um cavalo que pode chegar tanto em primeiro e como em segundo lugar.

Páreo	**2**
1º e 2º lugar	5

Portanto, se o cavalo número 5 chegar tanto em primeiro como em segundo lugar o apostador receberá o valor do rateio do placê dividido do primeiro e do segundo lugar.

Também se pode apostar na *dupla*. Essa modalidade permite duas variáveis, a dupla *simples* e a dupla *exata*. Na primeira, o indivíduo aposta nos cavalos que chegarão em primeiro e segundo lugar independente da ordem de chegada:

Páreo	**3**
1º e 2º lugar	3 – 8

Neste caso, se a ordem de chegada dos cavalos for 3 – 8 ou 8 – 3 ganhará o rateio que esta dupla simples registrar no totalizador. No caso da exata é diferente, terá que marcar exatamente a ordem de chegada. A pule ficará assim:

Páreo	**3**
1º lugar	8
2º lugar	3

Neste caso e nos que virão a seguir há a possibilidade de combinar a aposta, uma vez que os rateios das duplas exatas podem variar. Isto é a combinação 8 – 3 e 3 – 8 *podem* ter cotações bastante diferentes entre elas. Assim, numa mesma pule pode-se fazer a reversão ou mesmo colocar algum outro cavalo para segundo ou primeiro lugar. Mas cada combinação valerá com uma aposta em separado da outra.

A *trifeta* consiste em acertar, em ordem, os três primeiros colocados. Nem todo páreo há a possibilidade de realizar a trifeta. E ela pode ser direta ou simples:

Páreo	**6**
1º lugar	3
2º lugar	2
3º lugar	6

E pode ser feita a *trifeta combinada* de modo a certar se qualquer um desses como mostra abaixo:

Páreo	**6**
1º 2º 3º lugar	2 ou 3 ou 6

No exemplo acima apresenta 6 combinações, isto é, sei apostas diferentes (3 x 2). Pode-se apostar colocando mais de três. Com 4 cavalos são 24 combinações (4 x 3 x 2). E assim faz a progressão.

E pode-se também fazer a *trifeta parcial*. Nessa forma pode se escolha mais de um cavalo para alguma posição. Tomemos com exemplificação:

Páreo	**6**
1º lugar	3
2º lugar	2 ou 6
3º lugar	2 ou 6 ou 1 ou 4

A matemática nesses casos é levemente diferente, porém sua lógica permanece: 2 x 3 = 6 combinações.

A *quadrifeta* são os 4 primeiros colocados. A sua estrutura é idêntica a da trifeta, a diferença é unicamente o fato de ter o quarto lugar. Outra similaridade é que também não

está disponível em todos os páreos para se apostar. Não a exemplificarei o funcionamento dessa modalidade de modo a poupar o leitor de cansativas repetições.

E há as *acumuladas*. Elas podem ser de vencedor, de placê, de dupla e de exata. Acumuladas são apostas em dois ou mais animais de páreos distintos que têm o rateio multiplicado. O interessado em fazer acumulada deve selecionar a modalidade de aposta para acumular, os páreos com interesse e seus os respectivos cavalos. A tabela abaixo representa duas pules de acumuladas:

Vencedor		**Exata**		
Páreo 2	1	**Páreo 4**	1º lugar	3
Páreo 3	2		2º lugar	1 ou 2
Páreo 6	2	**Páreo 5**	1º lugar	2 ou 1
Páreo 7	3 ou 4		2º lugar	6
Páreo 9	1	**Páreo 7**	1º lugar	3
Páreo 10	4		2 lugar	2

As acumuladas podem ser feitas no *duro*, isto é, com uma única combinação de acumulada ou indicando mais de um cavalo – como no exemplo acima – e o jogador pode fazer esse tipo de aposta do *duro*, isto é em apenas uma combinação, ou com mais algumas indicações. E também pode fazer as *inversões*, multiplicando, portanto as pules e portanto as combinações e, logo, o valor delas.

Existem também as acumuladas especiais: *Pick 3*, *Pick 7*, *Betting 5* e *Super Betting*.

O Pick 3 (fala-se tanto ‘pick three’ como ‘pique três’) é acumulada de vencedor de 3 páreos. A indicação é obrigatória de animais para o 1º e para 2º páreo da reunião, sendo a 3º indicação a livre escolha. Nesta acumulada o turfista que acertar as três indicações receberá a bonificação de 100%.

Pick 3	
Páreo 1	1 ou 4
Páreo 2	2 ou 3
Páreo 4	1 ou 2 ou 3 ou 4

O *Pick 7* (diz-se tanto ‘seven’ como ‘sete’) é a acumulada que previamente se indica os vencedores dos últimos 7 páreos da reunião, podendo apostar mais de uma indicação por bilhete, com um mínimo de quatro combinações por bilhete. Consiste, é claro, em acertar os

setes vencedores. No entanto, em caso de nenhuma aposta atingir os 7 pontos necessários, serão considerados ganhadores quem tiver o maior número de pontos marcados e, em caso de empate, aqueles que tiverem pontos de maiores rateios ganham.

Betting 5 consiste em acertar as duplas dos cinco últimos páreos da reunião. A posta mínima é de oito combinações e livre para fazer quantas mais desejar. Acertando os cinco páreos, além do movimento apostado, receberá uma bonificação do JCB. E se ninguém acertar todas as exatas segue o critério: maior número de pontos e a soma dos rateios mais altos.

O *Super Betting* é o acumulado de exatas dos três últimos páreos da reunião. A aposta mínima é de duas combinações e, assim como em todas as outras, se pode aumentar o número de combinações. Aquele que acertar as três carreiras receberá, além do movimento líquido apostado do dia, uma bonificação do JCB.

Apresentada as modalidades, é necessário dizer que é preciso ter "senso" para apostar. Tomarei para ilustração uma cena de um GP, em que a presença de aventureiros nas apostas é maior, e assim, mas fácil de emergir as diferenças entre os *experts* e os principiantes. Estávamos sentados, os rapazes e eu, atrás do caixa da pule da arquibancada (o Bigode, sempre ele!) assistindo às corridas. Um senhor havia pagado por duas pules para dois diferentes cavalos. Minutos depois o mesmo senhor apareceu para apostar em mais outros dois cavalos e ainda fez um placê com um dos cavalos, e tudo apostando de 10 a 20 reais em cada uma das suas pules. Esperou-se educadamente o senhor se retirar, e os rapazes comentaram a jogada "de otário" que ele havia realizado.

– Está querendo se defender de qualquer forma.

– Não tem cabimento, apostou 50 Reais! Vários do que ele apostou a pule não está chegando nem perto. Olha! Fora que não tem nem para quem torcer, são tantos.

– Só acertando uma bomba, né?

Este caso explicita a existência do corolário de que o mesmo tipo de apostas, num mesmo páreo, em diferentes cavalos não apenas acarretará em prejuízo econômico, como representará uma ação, no fim das contas, de torcer contra si mesmo. Algo como ganhar por ganhar, tirando a emoção do jogo. A mesma regra vale para as combinações exageradas, em que se pode gastar mais do que ganhar. Assim, quanto menor for o valor apostado em combinações, melhor, pois quanto menor for a diferença da quantia paga da quantia

recebida, melhor. Uma ação baseada em sentido de obtenção lucro é sempre de gastar menos e ganhar mais.

O que a observação me mostrou foi que todas estas modalidades são jogadas, algumas mais outras menos, dependendo da preferência pessoal. Cada qual tem suas preferências por um determinado tipo de modalidade. Essas preferências são: o valor do rateio do cavalo favorito está baixa, mas na dupla paga mais ou porque prefere o risco de acertas as ordens de chegada. A trifeta e quadrifeta são as que frequentemente oferecem pules mais atrativas para lances mínimos e tenta-se aliar com as combinações parciais, mas sempre optando pelo valor menor. Mas, é claro, a escolha da modalidade de aposta e o tipo de combinação que se fará dependerá de que análise hipológica é mais interessante para jogar em determinados páreos.

Agora, as acumuladas especiais como o Pick 3, o Bettig 5, o Super Betting e, sobretudo, o Pick 7 são a grande fascinação. Pois de todas as outras apostas são as que oferecem a oportunidade de se ganhar uma quantia bastante considerável de dinheiro. E todos sabem que é o mais difícil acertar. Alguns chamam inclusive de "loteria" ou de "concurso". Loteria porque tem um fator de sorte em acertar todos os pontos. E o fator sorte também diz respeito em acertar também combinações que ninguém ou quase ninguém fez. Mas evidente que essa "loteria" não corresponde necessariamente a loteria que citei atrás.

Quem chega cedo, além de estudar os páreos que acontecem passa a "catar" informações para o Pick 7. Isto é, lendo os páreos, analisando os históricos de corrida e, claro, indo atrás de indicações e barbadas (abordarei sobre isso no próximo capítulo) para combinar no Pick e não raro encontraremos pules que pareçam exageradas quanto às combinações. Tomemos com um exemplo a seguinte pule:

PICK 7	
Páreo 4	3 ou 5 ou 8
Páreo 5	1 ao 8 (todos)
Páreo 6	2 ou 3
Páreo 7	6
Páreo 8	1 ou 3 ou 5 ou 6
Páreo 9	4ou 5 ou 7 ou 8 ou 9
Páreo 10	4 ou 6 ou 11

A pule em quadro é a representação do Pick 7 que um determinado turfista costuma fazer. Segundo ele, gosta de ir ao Jockey e de apostar, mas não entende muito de cavalo. Arriscava apostar vendo o canter, julgando o estado do cavalo e do que ouvia dos demais. Mas o seu jogo favorito era as acumuladas especiais. Para Pick 7, por exemplo, ele vai marcando a partir de informações dos entendedores e dos barbadeiros lhe passavam. A habilidade para o seu Pick 7 está nas combinações: marcando os cavalos que lhe davam como barbada e mais de um na categoria "possibilidades". E em páreos em que se costuma ocorrer grandes divergências de opinião ou em páreo de estreantes, a estratégia era jogar todos (como no 5º páreo acima), para não deixar de marcar o ponto.

Evidente que esse tipo de estratagema sai caro, e só é válida para quem tem dispositivos econômicos necessários para tal e não irá se arrepender de arriscar. E é claro que alguns acham isso um exagero desnecessário, porém são técnicas infalíveis de evitar "furar" o jogo logo no ponto mais fraco ou duvidoso. A diferença desse caso para o outro do que fez "aposta de otário" é simples: um joga nas modalidades simples e este é encarado como um "concurso". Portanto, é uma questão mais de "evitar" ou minimizar o "azar".

A *expertise* hípica

Sabendo se apropriar das modalidades e sabendo aplicar o dinheiro ao seu favor, o turfista tem como seu grande desafio adquirir a *expertise* hipológica. Isto é, precisa saber selecionar criteriosamente os cavalos. Em outras palavras: encontrar um meio que justifique, para si e para outrem, logicamente a sua aposta. Acertar é outra história.

Tal como o torcedor apaixonado por seu time de futebol que passa algumas horas do dia se dedicando à leitura de informações e notícias sobre futebol e sobre seu time, o turfista despende o seu tempo se informando e, logo, se formando sobre as carreiras hípicas. E é curioso como esta dedicação e formação levam essas pessoas a serem chamadas de "professor" ou apenas se sugere: "você deu uma aula!" – na tribuna do Jockey alguém ao dizer isso está afirmando que a explicação que a pessoa deu sobre quem seriam os ganhadores e os porquês foram precisos e certeiros, "dando uma aula em quem não sabe nada". A expressão consagrada no turfe carioca não é professor, mas *catedrático*.

A atribuição de catedrático é dúbia: um elogio e uma, *pari passu*, ironia. Quem melhor traça a caricatura do catedrático, em sua abrangência e ambiguidade, é o cronista Luís Edmundo (2003). Sua descrição é do princípio do século XX que *mutatis mutandis* se adéqua facilmente ao tempo hodierno.

> [...] o *catedrático*, tipo curioso do hipismo nacional, geralmente empregado público. [...] Esse homem, que se tem por um técnico formidável em assuntos de corridas, quando repousa na repartição (como um ótimo empregado público, deixando crescer a barba), se não está pensando, está lendo tudo o que existe sobre a próxima corrida e o que divulgam as gazetas da cidade. Conhece, por isso, todos os comentários e *potins* urdidos sobre a próxima corrida. O homem sabe coisas extraordinárias: a saúde do animal que vai correr, a resistência física do seu jóquei, a capacidade moral do seu proprietário, o que é muito importante, estado em que se encontra a raia, a verdade sobre cotejos que fazem ao lusco-fusco da madrugada e que morrem no segredo das sombras, sombras que não escrevem secção esportivas nos jornais... Além disso, está apto a informar a filiação, o peso ou a coudelaria de qualquer cavalo com matrícula nos prados da cidade, como diz, igualmente, o número de vitórias que ele já obteve, citando o nome dos jóqueis que o montavam e o tempo que levou nas carreiras, o que deram as *poules*... Um assombro! O *catedrático*, porém, espécie de oráculo de Delfos, conhecendo tudo, até o nome do cavalo que vai ganhar, quando joga, é aquela fatalidade: – perde sempre! Mas vai ficando cada vez mais *catedrático*... (p. 530-1).

É isso: um aprendizado contínuo. Afinal de contas, "um dia no hipódromo pode ensinar mais que quatro anos de universidade", ao menos é esta opinião de Charles Bukowski (1985) na crônica "Adeus, Watson", onde ele se imagina no papel de "professor" (evidentemente ambiguidade) de literatura e, consequentemente, de corrida de cavalo.

> se me convidarem para dar aulas de formação literária, uma das condições prévias será obrigar o aluno a assistir corridas de cavalo uma vez por semana e apostar pelo menos 2 dólares em cada páreo. não para se exibir. quem joga para se exibir NO FUNDO quer ficar em casa, só que não sabe.

> meus alunos ficariam, automaticamente, melhores escritores, embora a maioria passasse a se vestir mal e talvez até tivesse que ir a pé pra faculdade.
> já me vejo no papel de professor.
> – Então, Miss Thompson, como é que foi?
> – perdi $18.
> – em que cavalo apostou no páreo principal?
> – Coringa Caolho.
> – aposta de otário. esse cavalo estava perdendo quase 3 quilos de peso, o que atrai os apostadores, mas também implica numa melhoria de categoria dentro de condições permitidas. a única ocasião em que a troca de categoria dá vitória é quando os prognósticos desfavorecem o cavalo. Coringa Caolho apresentava o melhor índice de velocidade. outra atração pros apostadores, mas o índice se baseava no apronto de 1.200 metros, onde a velocidade é sempre maior, comparativamente, do que nas corridas mais importantes. além disso, o cavalo fechou em 6, de modo que o pessoal imaginou que venceria o páreo de 1.100 metros. Coringa Caolho não participou de nenhuma corrida de 2 curvas nos últimos 2 anos. não é nenhum acaso. é um foguete, mas em distâncias curtas. Ninguém devia se admirar de ter chegado por último.
> – Como é que foi?
> – perdi cento e quarenta dólares.
> – em que cavalo o senhor apostou no páreo principal?
> – no Coringa Caolho. terminou a aula (p. 85).

A hipologia é uma "ciência" incompleta. Sua incompletude se dá pelo caráter incerto da natureza dos cavalos e pela imponderabilidade oferecida pelo páreo. Apesar de toda esta incerteza existem princípios que são observados pelos os turfistas, pois se sabe quem nem todos os cavalos têm as mesmas chances de ganhar. E que existem fatores que regulam a natureza. Na máxima de Eduardo, "*a regra da corrida de cavalo é a exceção*". E é por isto que existe a apreciação, a análise e o estudo dos páreos. É necessário interpretar os sinais que estão ali, é preciso decifrar os códigos e encontrar as barbadas. O objetivo, portanto, é encontrar a *sua* certeza (subjetivo).

Cada turfista tem sua idiossincrasia ao apostar. Tenho completa consciência de os processos cognitivos mobilizados por eles tenham muito mais particularidades do que o tento aqui apresentar. Existem as preferências individuais por um determinado tipo de

análise ou outra, o que é perfeitamente normal. De qualquer forma acredito que a peculiaridade que não invalide a descrição.

O programa

O processo começa pela leitura do programa. O programa é uma folha elaborada e distribuída pelo JCB, disponível gratuitamente ao público na entrada e nas proximidades dos caixas. Nele se encontra a relação de todos os cavalos que irão montar e em qual páreo e em ordem de baliza, os jóqueis que irão montar e outras diversas informações. Ao ler o programa está se fazendo uma avaliação "*no papel*" ou "*na folha"*, como se costuma dizer. Isto quer dizer que é uma avaliação sem que necessariamente se esteja com o cavalo diante dos olhos. Tomemos como ilustração o 8º páreo da 357ª corrida de domingo de 25 de maio de 2014, que devido a largura fragmentarei em 3 partes:

8º Páreo — Às 18h05m

Recorde: 1m03s10 – Dollar Fighter (09.04.1996)
Bolsa: R$ 17.278,80, sendo 7.700,00 ao proprietário vencedor; R$ 2.310,00 ao 2º; R$ 1.540,00 ao 3º; R$ 770,00 ao 4º e R$ 385,00 ao 5º colocado.
Criadores e profissionais de acordo com o C.N.C
Produtos de 3 anos sem vitória no Rio e em São Paulo. Peso tabela (I)

Exata/Dupla/Trifeta — **1100 v**

Número e Produto		Peso	Jóquei ou aprendiz	Peso	Baliza	Treinador	Campanha Total					
							Areia e Grama			Só Grama		
							S	V	C	S	V	C
1	Girador	Est.	M Almeida	57	1	LJ Reis	05	01	04	***01***	***00***	***01***
2	Bravo Gianni	491	B Pinheiro 3	57/4	2	J Jaime	13	00	10	***05***	***00***	***04***
3	Empire Fair (L)	466	A Maciel 2	57/5	3	B Piovesan	05	00	02	***03***	***00***	***00***
4	Journaliste (L1)	424	AF Matos	57	4	LJ Resis	04	00	02	***03***	***00***	***02***
5	Dom de Correr	468	D Duarte	57	5	JC Coutinho	04	00	02	***01***	***00***	***00***
6	Heart-Free	504	B Reis	57	6	VS Pedersen	02	00	00	***02***	***00***	***00***
7	Bebê Macio (L1)	485	R Salgado	57	7	M Ferreira	07	00	03	***04***	***00***	***01***
8	All Straws	474	Jean Pierre	57	8	SB Vieira	10	03	04	***00***	***00***	***00***
9	Inesquecivelzeppe	Est.	V Borges	57	9	O Loezer	04	01	03	***00***	***00***	***00***

Neste pedaço aparecem as informações básicas a respeito do páreo e dos cavalos, em ordem: o número do páreo, seu horário, a distância da pista e o tipo de pista, as modalidades de apostas para o páreo, e em seguida, quem foi o recordista dessa distância e o seu tempo.

O “V”, em questão, indica que é a pista variante de areia.[26]

A bolsa referente aos proprietários vencedores e logo abaixo a descrição chamada de cavalos que irão correr o páreo (no caso, cavalos de 3 sem vitória, ver a s parte).

Embaixo é a linha dos competidores: o número, nome, peso da apresentação anterior (*est* é abreviação de estreante, portanto sem peso)[27]. Depois vem o nome do jóquei ou do aprendiz que leva um número correspondente a sua classe. Depois, o peso que o jóquei ira montar (no caso dos aprendizes há descarga de peso de acordo com a classe, por isso a diferença dos demais), o número da baliza, o nome do treinador e os números das campanhas: “S” de saídas, “V” de vitórias e “C” de colocações. A letra “L” ao lado do nome do animal representa medicado com Lasix, e L1 medicado com Lasix pela primeira vez.

Segunda parte:

3 Colocações, Data e Última Apresentação					Dist/ Pista	Tempo	Ratei o	Sexo/Pelo Idade Origem		
3	2	3	11.04	1.(07) Euro Gais 4 ¼ pr	1.2nl	75s4	6,0	MT	3	PR
2	***2***	***7***	28.02	4.(06) Vai Levando 10 ¾	1.2am	79s2	3,2	MC	3	SP
u	4	3	20.04	***8***.(10) Basil 8 ½	1.0gm	58s0	37,4	MC	3	PR
3	***3***	***7***	13.01	7.(08) Bordello 24 ½ cj	1.2np	71s2	12,3	MC	3	RS
5	6	***6***	10.03	4.(07) Morena Marina 5 ¼	1,1np	70s5	3,6	MC	3	PR
0	0	***U***	03.05	7.(09) Olympic Dusseldorf 6 ¼	1.0gm	57s5	6,0	MC	3	RS
x	u	***3***	24.02	***u***.(13) Jorge Baú 21 ¼	1.5gl	90s3	27,0	MC	3	RS
7	4	u	05.05	7.(09) Baigorra 18 ¾	1.3nm	81s8	2,9	MC	3	RS
u	3	1	21.03	U.(06)Viyageur de Paris 10 ¾ pr	1.1ne	68s0	8,0	MC	3	SC

As colunas com as três últimas e a última apresentação é, como se lê, da esquerda para direita. Segue a lógica da tabela anterior, negrito e itálico para grama. O “x” representa colocação acima do 9º lugar e “u” de último.

A última apresenta a data da última apresentação, a colocação, quantos cavalos no páreo, quem foi o primeiro e se for o primeiro, quem foi o segundo e depois quantos

[26] A pista pode ser de areia (A) ou de grama (G), a variante em questão é uma curva na pista de areia. No programa oficial há o desenho da pista com o trajeto que as competições irão percorrer o que aqui não foi possível fazer.

[27] A atualização do peso atual é informada através dos televisores, anunciado pelo locutor e também disponível no quadro do Paddock.

"corpos" de distância desse primeiro colocado[28] ou do segundo depois a sigla de onde correu (caso não seja no Rio). Em seguida, a distância, 1.2 é abreviação de 1.200 metros. A sigla a seguir refere-se a pista. Quando é "a" é areia, "g" é grama e "n" é de noite. Depois vem a condição da pista: "l" de leve, "m" de macia, "p" de pesada e "e" de encharcada (tabela 2).

Em seguida, o tempo da prova, que é medido pelo primeiro lugar; logo depois, o rateio que o cavalo fechou nesse dia. Depois vem o sexo, M de macho (portanto, F para fêmeas), ao lado a pelagem: *t* tordilho, *c* castanho e *a* alazão. Sigla do estado de origem.

Terceira e última parte:

B	Cor da Blusa	Filiação	Criador	Proprietário
1	Br, símbolo lar/br/az-mar/boné lar/az lts.vts	Bonapartiste/Ellefrance	Eloi José Quege	Stud Allstar Brasil
2	Az-mar.,mgs.rosa/az-mar. Em xdz,boné rosa	Choctaw Rigde Procuradora	Hermano Antonio Henning	Fernando Antonio F. Monteiro
3	Ouro e azul em metade vertical	Redattore/Noble Dear	Haras Springfield	Eduardo Carvalho Ludibianca
4	Ouro,gregas,mangas e boné azul	Arambaré/Legendo of Tijucas	Haras Malunga	Stud Marisa Star
5	Br, pala verde esc/bege esc, mgs Br/vd/bege	Quais/Irmã Angélica	Haras dos Girassóis	Haras The Best
6	Az-mar,estrelas,mangas e boné azul-celeste	Elusive Quality/Innocent Lady	Haras internacional	Stud Liporace
7	Grená, cruz de santo andré e boné ouro	Good Reward/Dica	Stud Eternamente Rio	Stud Ilse
8	Ouro,cruz de santo andré e boné verd	True Confidence/Straw Baby	Ismar Fagundes de Azambuja	José Luiz de Azevedo Marinho
9	Azul,cruz sto.andré verde e cinza,boné azul	Tiger Heart/Alfattah	Haras Tessarollo	Coudelaria Bob Mussi

A primeira coluna é uma descrição abreviada das cores do proprietário que o jóquei irá vestir. Depois vem a coluna sobre os a filiação dos potros, pai/mãe (no presente instante, por pedido dos turfistas, foi colocando entre parêntese o avô materno). Depois o nome da pessoa física ou jurídica do criador do cavalo e o nome da pessoa física ou jurídica do proprietário.

Além do programa, há a revista *Turfe Brasil* que oferece, além das informações contidas nos programas, um retrospecto completo de cada um dos cavalos no páreo. A

[28] Essa medida se refere ao corpo do cavalo, que é de aproximadamente 2 metros. O fracionamento do corpo é: um terço, meio corpo, palheta (antes do pescoço), pescoço, ½ pescoço, cabeça, ½ cabeça, focinho, milímetro.

revista é vendida semanalmente a partir das quintas-feiras, com as corridas dos principais hipódromos nacionais. Há também disponíveis outros programas que oferecem algumas informações e palpites. Mas é a revista, de qualquer forma, que apresenta informações mais completas. Ela é "a bíblia do turfista" – como definiu Eduardo. A maioria esmagadora do público estuda por meio da revista, por ela reunir as principais informações de corridas de vários hipódromos além de levar as estatísticas da temporada.[29] Seja via programa ou via revista, é a partir deste material, seja de véspera ou minutos antes do páreo correr, que os estudos do páreo começam.

Analisando o programa

O primeiro ponto a ser levando em consideração na análise é avaliar o quadro em que se desenha o páreo num todo, isto é, a categoria do páreo: a distância que será percorrida, a pista e a condição em que a pista se encontra (Tabela 2). E ver que tipo de chamada é o páreo; um páreo comum pode ser destinado para as seguintes combinações da Tabela 3.

Tabela 2

Condição da Pista	**Índice do penetrômetro**
Leve	0 a 3,8
Macia	3,9 a 4,5
Pesada	Acima de 4,6
Encharcada	C/ lamina de 3mm. de água na pista.

Tabela 3

Produtos	Cavalos	de 2 anos	sem vitória
		de 3 anos	até uma vitória até duas vitórias até três vitórias
	Éguas	de 4 anos	até quatro vitórias até cinco vitórias
		de 5 e mais anos	até seis vitórias

[29] A revista não é apenas o único meio que os turfistas têm. Todas as estatísticas, programas e históricos encontram-se disponíveis igualmente no site do JCB. A única diferença entre ele é que na revista está tudo concentrado em um único material.

A classificação da categoria do páreo é importante, pois com ela se credita a importância do páreo e na qualidade dos cavalos nela inscritos (Tabela 4). Quando mais importante for a categoria da prova em que os cavalos são inscritos é de se esperar que sejam cavalos de "categoria" (isto é, no sentido de sua qualidade). Claro, aqueles cavalos que se mantém correndo na mesma categoria serão considerados os melhores cavalos da geração.

Uma estratégia é ver se algum cavalo "caiu" de categoria. Por exemplo, um cavalo que correu uma categoria A, por não ter vitória pode correr uma B e vencer. Ou de A ser inscrita uma categoria C. Já vi isso acontecer algumas vezes; por exemplo numa semana vários cavalos que correram no mesmo páreo em que Bal A Bali foi vencedor, ganharam provas de outras categorias. Não quero afirmar que isto seja uma verdade universalmente válida, mais ela foi observada nessa semana e foi discutida entre os rapazes. Eu arrisquei nesta estratégia algumas vezes em que aconteceu, em alguns páreos acertei e em outros perdi.

Tabela 4

Classificação	**Categoria das provas**
Categoria A	Provas de Grupo[30] – Listed – Provas Especiais – Handicap
Categoria B	2 anos – 3 anos c/ 1 vitória e mais – Pesos especiais
Categoria C	3 anos s/vitória – 4 anos c/ 2 e mais vitória
Categoria D	Restante de chamadas (incluindo claiming[31])

De qualquer forma a categoria e a distância da prova são os fatores primevos na escolha dos cavalos, porque este é o motivo de comparação entre os cavalos que irão competir. É como fazer uma "análise da conjuntura". Análise de conjuntura é, citando o sociólogo Betinho (SOUZA, 2005) é

[30] São três as provas de grupo: grupo I, II e III. Geralmente são Grandes Prêmios (GP).

[31] Claming são páreos em que os cavalos inscritos são passíveis de serem comprados, antes de correrem, por valores de remate, conforme regulamento próprio.

> uma avaliação da situação vista sob a ótica de nosso interesse ou necessidade. Nessas decisões levamos em conta as informações que temos, buscamos nos informar, avaliamos as possibilidades, fazemos hipóteses de desenvolvimento dos fatos, das reações possíveis d[os cavalos], medimos a "força" ou o perigo de nossos eventuais "inimigos" ou dos "perigos" e, a partir desse conjunto de conhecimentos, informações e avaliações, tomamos nossas decisões (p. 7-8)

A comparação entre os cavalos "em papel" se dá olhando o número das campanhas dos cavalos, isso se não os viu correr ou caso não se lembre de tê-los visto correr. Faz-se um cálculo de quantas vezes o cavalo correu, quantas se colocou e quantas ganhou. Tira-se um percentual de aproveitamento de qual deles parece ser melhor. Neste ponto me pareceu que cada um desenvolve sua própria matemática para chegar a tais conclusões, uma vez quem nem todos os resultados são iguais. Até porque não é porque o cavalo tem mais vitória será aquele que irá vencer, afinal de contas, pode ser um vencedor de páreos fracos ou de *claming*. Enfim, *são detalhes*. Mas isso levando em consideração apenas a questão numérica.

Propensão genética

Há outros fatores não-numéricos que entram neste cálculo numérico. Um deles é a linhagem do cavalo. Como disse no capítulo anterior, os Puros-Sangues Ingleses são produzidos por um processo criterioso de seleção genética. Mas além da herança genética há o parâmetro do modelo funcional – se é "*sprint*" ou "*stayer*". Esse modelo funcional distingue a espécie de velocidade dos cavalos impressa naturalmente pelos mesmos no modo de galopar. É no pedigree que estão as indicações mais seguras sobre as potencialidades do cavalo de corrida (BARCELLOS, 2002, p. 54). Portanto, há cavalos com propensões hereditárias para correr páreos curtos e mais e outros para páreos mais longos – ao menos é nisso que se acredita. Seguindo o quadro de propensão à velocidade mais adequada para cada distância, tal como apresentado por Barcellos (p.92-3), fica da seguinte forma:

1. de 1.000 a 1.200 metros são provas destinados aos “sprinters” que são cavalos de velocidade pura, explosão de velocidade.
2. páreos de 1.600 a 1.800 metros são adequados aos cavalos milheiros, pela capacidade de equilíbrio e por manterem duas velocidades.
3. de 2.000 a 2.400 metros são provas de meio-fundo, que exigem cavalos de velocidade e de resistência à fadiga. Este é a categoria dos “clássicos”.
4. carreiras de 2.400 para mais destinada ao “galopadores profissionais” que são incapazes de duas acelerações.

> A existência centenária das tabelas de distância média de cada uma das correntes de sangue do Thoroughbred, o modelo físico bem nítido de “sprinters” e “strayers”, as estatísticas sobre a progênie dos reprodutores, a análise de suas campanhas, a indicação das pistas de preferências e a descrição da forma como atuaram os principais ascendentes servem de guia de corrida e conselheiro (Idem, p. 56).

Não é raro encontrar alguns turfistas que tenham de cor as filiações de alguns cavalos que correm no prado. Já outros se limitam aos “da moda”. Mas no geral, se faz isso por gosto e pelo interesse de conhecer mais sobre os cavalos de corrida.

Assim, conhece-se um pouco das propensões genéticas dos cavalos a partir dos seus pais e, claro, pela confirmação dos resultados na pista. E o mesmo vale para preferência de pista. Praticamente todos os turfistas com que estive partilhavam na mesma opinião de que há cavalos que preferem pista de areia e outros, de grama. Quando há troca de pista, mudam igualmente os seus palpites. O mesmo vale para a condição da pista.

Estatísticas

Um grande auxiliar na avaliação do estudo do programa é o uso das estatísticas. São sete as estatísticas, a saber: de animais, de jóqueis, de treinadores, de reprodutores, de avôs maternos, de criadores e, por fim, de proprietários. A validade das estatísticas é de uma temporada, isto é, de um ano hípico do hemisfério sul – que se inicia em 1º de Julho.

De modo a concluir o tópico anterior, irei iniciar com as estatísticas de reprodutores e de avôs maternos.

A estatística de reprodutores é um ranking das proles de cada um dos pais dos cavalos que estão correndo naquela temporada: consideram-se quantos são ganhadores, o número de vitórias e colocações acumuladas e o somatório de prêmios, em dinheiro, que a sua prole gerou. A dos avôs maternos é similar. Ambas são importantes para os aficionados; alguns deles focam unicamente o fator reprodutor, mas muitos outros levam em consideração as duas informações, uma complementando a outra.

Esses dois rankings servem de parâmetro para ter uma noção de quem sãos os reprodutores e os avôs maternos em evidência. Tal informação serve ao turfista aficionado se orientar na temporada e nas temporadas seguintes quais são os reprodutores com mais crias vencedoras, e assim criar suas preferências de reprodutores. Além disso, os reprodutores em maior evidência provavelmente serão os que receberam os maiores lances nos leilões de reproduções, e, portanto, provavelmente manter-se-á nas próximas temporadas em evidência. Aí, o conhecimento é acumulativo para quem acompanha as carreiras há vários anos.

A apreciação das estatísticas dos criadores e dos proprietários de cavalos de corrida é mais de *status*. Evidentemente que os proprietários e os criadores que lideram suas respectivas estatísticas possuem logo mais *status* do que aqueles que não lideram. Lideram não por necessariamente ter o maior número de cavalos vencedores, mas pela quantia em dinheiro que seus vencedores os proporcionam. Pois o valor da bolsa para corredores de categoria A é maior que a da categoria B, que por sua vez paga mais que os C e assim por diante. Estas estáticas, portanto, apresentam a capacidade do criador em produzir potros e potrancas vencedores e revelam a o cabedal de conhecimento hípico e o poderio econômico do proprietário de poder adquirir os melhores potros e potrancas dos leilões.

O que a pesquisa de campo me sugeriu foi que as estatísticas tanto de criador como de proprietário dependem mais do tempo (número de temporadas) em que se manteve entre as cabeças para se galgar *status* e prestígio. E quando uma coudelaria mantém no ranking das duas categorias, criador e proprietário, há prestígio dobrado. Não é raro ver que as cores de determinados criadores e/ou proprietários tenham com isso ganhado o favoritismo do público apostador que se traduz na movimentação dos rateios dos cavalos. Era visível que

quando que os animais de determinados proprietários estavam sempre entre os favoritos do páreo. Pode se dizer, com segurança, que as cores da farda pesam no rateio dos seus cavalos, mas isso é para poucos.

A estatística de animais é pouco usada pelos apostadores, a não ser para evidenciar os melhores cavalos da temporada, que vem acumulando os melhores prêmios, que é mais interessante se for observada no final de temporada. Os prognósticos e os históricos de campanha possuem mais peso do que as estatísticas dos animais.

Reputação e moral

Deste modo, as estatísticas do jóquei e do treinador evidenciam as qualidades as competências dos respectivos profissionais. Os números de vitórias que o jóquei vai adquirindo durante uma temporada sinaliza uma fase de bom aproveitamento. Claro que dentro de uma temporada os jóqueis podem ter várias fases de bom aproveitamento e de pouca ou nenhuma vitória. De qualquer forma são estas estatísticas aliadas a outras informações que evidenciam quais são os melhores entre os jóqueis e o mesmo vale para os treinadores. A capacidade de preparar os potros com maestria se torna visível pelos números de aproveitamentos que os treinadores obtém, e isso é revelado através das estatísticas.

A reputação destes profissionais vai sendo construída aos poucos, temporada após temporada, ganhando a preferência do público por determinado jóquei ou treinador. E o mesmo serve igualmente para arruinar a reputação deles. Várias e várias vezes notei, nas filas das pules ou mesmo entre alguma rodas de debate, que alguns apostadores, por via das dúvidas, preferem apostar nos jóqueis líderes da estatística – “se está ganhando todas, deve ganhar mais essa”.

E sobre o treinador pode se dizer o mesmo, levando em consideração o nome e a reputação do treinador. Por exemplo, numa análise entre dois ou três cavalos pode-se recorrer ao treinador que sem dúvida está em evidência pela estatística, afinal se está indo bem é porque deve ter um bom trabalho. Assim, estas estatísticas servem para mostrar que há bons profissionais que podem ser um fator decisivo na escolha de onde se apostar.

Até o momento falei da reputação criada e contestada por meio das estatísticas. Mas é importante também a questão da reputação moral que não é contabilizada numericamente. Treinadores e jóqueis podem ter suas reputações destruídas mesmo com uma posição relativamente boa nas estatísticas. Não foram poucas às vezes que ouvi alguns turfistas afirmarem que preferem perder o dinheiro a apostar em determinado jóquei e, claro, o acusando de tudo. Nas tribunas no hipódromo não se falam apenas de corrida e dos cavalos, também se comenta sobre o caráter e a vida desses profissionais e, claro, boatos. Estas histórias e boatos constroem e destroem reputações a ponto de "torcerem contra" ou passar a enxergar com severas críticas e duvidando da honestidade e da integridade do profissional.

Ao que me parece os jóqueis e os treinadores são as figuras de maior suspeita. A responsabilidade do jóquei é saber conduzir o cavalo na pista conforme as instruções do treinador de forma a obter assim tirar o melhor proveito da capacidade do cavalo. A suspeita começa pela condução inapropriada: como cansar o animal antes da hora, não fazer o cavalo dar tudo que poderia dar, não segurar bem as rédeas, chicotear desnecessariamente o animal, chicotear o adversário – de propósito ou sem querer. Se for de propósito é mau-caratismo e se for sem querer é incompetência. Avaliações negativas. Por tais atitudes o jóquei pode ser punido pela comissão de corrida podendo ficar suspenso. Mas o julgamento do público é diferente, às vezes a preferência por um jóquei transborda a qualidade profissional que se tem dele.

A vida fora das carreiras hípicas também é pontuada. Como já disse, não são apenas os cavalos que correm no hipódromo, correm também as histórias e os boatos. Os jóqueis e aprendizes ganham respeito não só pelas vitórias, mas pela dedicação em acordar cedo para encilhar e treinar os potros, pela dedicação ao trabalho e a família, por ser regrado. É sempre um elogio dizer que determinado é "trabalhador", "esforçado" e "dedicado". O inverso também é verdadeiro. "Preguiçoso", "prepotente", "suspeito", "duvidoso", "relaxado" não é nenhuma exaltação, mas desprezo. Atitudes como envolvimento com drogas, falta de controle sobre o peso, hábitos não-saudáveis e ações duvidosas e irresponsáveis também colocam em xeque a reputação.

A maioria dos jóqueis vem de famílias de camadas populares e muitos são filhos de profissionais que trabalham no turfe. Assim como em outros esportes, ser jóquei é uma

oportunidade de ascensão social. A não administração da vida social e desperdício de oportunidades e de dinheiro também recaem sobre eles. E quando casos assim tornam-se públicos costuma-se dizer que o jóquei não soube aproveitar a oportunidade. E estes casos são formas de se atribuir aos jóqueis outras categorias pejorativas e de descrédito.

Tirando o lado da reputação, congrega-se também o estilo e a competência do jóquei combinado com a preferência e aptidão do cavalo que montará. Para alguns, isto parece ser um assunto sério. É comum haver debates onde se alega que cavalo A se montado por jóquei C não tem chance, mas se for conduzido por D, a chance multiplica. Ou que cavalo B corre melhor apenas quando é com o jóquei E. Discussões desta espécie são comuns, sobretudo nos programas de TV entre os cronistas e comentadores, e acredito que são (retro)alimentas por fatores além do estilo de tocar o cavalo e a competência de jóquei pela reputação e a moralidade que o cerca.

E do treinador, espera-se a sensibilidade, a dedicação, o respeito e a responsabilidade ao preparar um cavalo. O descrédito decorre dos empregos de adjetivos depreciativos sobre seu nome, mas sobretudo pelas infrações cometidas. Ele é responsável pela saúde e integridade do cavalo. Ao ser penalizado por ministrar substâncias que alteram o desempenho do cavalo, seja para aumentar ou diminuir o desempenho, seu descrédito cai sobre a competência de treinar cavalos, havendo sempre uma suspeita sobre a dopagem dos seus cavalos. Também recaem sobre mancomunar com jóqueis trapaças e tribofes.

Os proprietários dos cavalos também recebem sua parcela de descrédito, mas diferente dos profissionais não recebem julgamento pela Comissão de Corrida (em tempo, os membros da Comissão de Corridas também são passiveis de suspeitas). Proprietários que têm recorrência com animais dopados também são vistos com suspeita por "comandar" a prática. A reputação deles ao que me pareceu em campo está mais na sua origem econômica; como se sabe alguns proprietários de cavalos de corrida do tempo recente foram e são banqueiros do jogo do bicho (ver SOARES, 1993). Mas ser ou não ser bicheiro não faz ninguém deixar de apostar no cavalo dessa propriedade, essa é a verdade. Quanto ao jóquei e ao treinador... podem até apostar, mas apostam com desgosto. Quando apostam com desgosto é porque se aposta no cavalo. Uma coisa é acreditar na capacidade do cavalo e outra na integridade humana. Todo o resto é *detalhe*.

Olhar

Até o momento fiz uma descrição de algumas análises que são realizadas pelos turfistas enquanto observam os cavalos "*no papel*", seja por meio do programa, pela da revista ou qualquer outra fonte escrita. Ali são observados atentamente as qualidades e linhagens dos pedigrees dos animais, às séries numéricas, estatísticas, sobre a reputação dos profissionais das corridas, bem como o *status* do criador como e do proprietário. Mas é também fundamental ver o cavalo ao vivo, ou melhor, saber como enxergá-lo.

Pelo que pude constar há três momentos em que o aficionado pode ver o cavalo com seus próprios olhos. O primeiro depende da disponibilidade de tempo para ir cedo e assistir os treinos dos cavalos ou da relação que se tenha com um ou alguns treinadores, para visitá-los nas cocheiras e assim olhar e se informar sobre o(s) cavalo(s) sobre sua tutela. Se minhas observações não estiverem equivocadas, não são muitos os que dispõem de dispositivos para isto. O segundo momento acontece horas antes dos páreos correrem quando os cavalos vão sendo encaminhados ao *paddock* (noutra grafia: 'padoque') para serem vistoriados pelo departamento veterinário e preparados para o páreo. Mas são nos momentos antes de entrarem para realizar o *canter* que alguns aficionados ficam ao lado da grade observando os cavalos andando em círculo puxados por seus cavalariços.

Nesse momento, bem próximos dos animais se observa a conformação física do cavalo. Analisa-se o casco, a musculatura das pernas ao caminhar, o jeito de caminhar, a distância do passo da pata anterior com a posterior, a harmonia corporal, a musculatura das ancas, o brilho de pelagem, se está suando ou não, a posição da cabeça, a atenção ou a concentração que o cavalo apresentar, se está agitando, calmo, brincalhão... e, ainda, o que talvez pareça um tanto místico: o que o olhar do cavalo está dizendo.

O último momento é no *canter*. O canter é o galope de curta distância (ou meio galope) para demonstração pública do estado físico dos corredores, montados pelos seus respectivos jóqueis, uns dez minutos, aproximadamente, antes da largada para o páreo. Nesse momento os turfistas têm a oportunidade de ver como o cavalo está galopando em alta velocidade. É um momento que a maioria das pessoas está concentrada observando os cavalos. Tenta-se apreender nos segundos em que os cavalos estão galopando tudo que o cada ele está transmitindo: a coloração do pelo, o desenvolvimento da musculatura, a

desenvoltura do galope, a distância das passadas, a posição do rabo ao correr, as posições das orelhas, como está a cabeça, se o cavalo parece concentrado ou distraído... Em suma: qualquer sinal que parece transmitir algo de vitorioso ou não. Na dúvida, se retorna ao papel.

Parece haver uma certa frustração quando o jóquei faz o canter destribado ou quando o cavalo passa "preso", sendo puxado pelas as rédeas pelo punga[32]. Com isso o público apostador parece demonstrar duas coisas: 1) de que não se querer mostrar aquilo que o cavalo é capaz de fazer e o que não é, 2) de que é um cavalo que está nervoso podendo disparar antes no momento necessário, o que pode ser um sinal de vontade de correr ou nervosismo. A desconfiança é livre. Mas o que importa, no fundo, é o que o cavalo transmite. Esse momento é único, pois o canter não se repete.

Durante a pesquisa de campo houve uma curiosa circunstância que diz a respeito ao olhar, do olhar naturalístico e interpretativo. Estava sentado, como de costume, com os rapazes do lado externo da tribuna assistindo os páreos. Devíamos estar no 5º ou no 6º páreo. Como o tempo estava virando, um deles comentou que o a meteorologia previa chuva para o dia seguinte. Um pouco depois disso, outro apontou para a quantidade de urubus que enchiam o firmamento. Eram inúmeros. Boneca ficou olhando aquilo até que arriscou:

– Se aquele grupo [de urubus] continuar voando por ali [à sudoeste] não vai chover. Mas, agora, se passarem a voar para lá [à su-sudoeste] vai chover.

Ao dizer isto, Boneca estava claramente demonstrando o seu conhecimento naturalístico, de ver e entender o que a natureza informava, para os demais. Mas ninguém pareceu dar grande atenção para a sua previsão do tempo por meio do voo dos urubus. E com o passar das horas, o bando não foi para su-sudoeste, que mostrava que a previsão do Boneca estava indo contra a previsão do tempo.

Longos minutos mais tarde, precisamente no canter do penúltimo páreo do programa, como de costume, todos prestavam atenção aos cavalos que se apresentavam. Após o último potro fazer seu galope, Boneca, novamente, aparece com outra observação, mas dessa vez sobre o canter:

[32] Punga é o profissional que fica na raia montada a cavalo para auxiliar os jóqueis e os cavalos na pista.

- Há muito tempo que não vejo um canter bonito como desse número seis [o Artouche]. Que categoria de galope! Bonito, na medida, como tem que ser. É. Há muito tempo que não vejo um troço assim.

Novamente ninguém pareceu dar atenção para o que disse. Tenho duas hipóteses para esse aparente desdém. A primeira delas, um tanto que banal, seria o descrédito pela previsão de chuva por meio dos urubus. A segunda, a partir da hipologia, é que se tratava de um páreo para produtos de 3 anos sem vitória. O potro Artouche tinha uma campanha de seis corridas: 2 segundos lugares, 1 terceiro lugar e 2 quintos lugares. Mas olhando para a campanha dos adversários era relativamente similar, com pouca discrepância. No entanto, acontece que este era um produto de criação e de propriedade o Haras Santa Maria de Araras, o líder da estatística de criador e entre os primeiros de proprietário daquela temporada. O totalizador sinalizava o favoritismo de Artouche em 2,6 para 1. E, assim, o que Boneca estava falando, a partir do canter, muitos outros também acreditavam, independentemente do que dizia canter. Na verdade, o canter era a confirmação do papel.

Artouche venceu atropelando os adversários nos 100 metros finais. Ninguém ali sentando conosco pareceu ter acertado além do Boneca e de mim, que fui na sua onda. Mas para falar a verdade, também ninguém ficou surpreso com a vitória. Alguns deles haviam apostado no potro do Santa Maria, porém não jogaram-no como vencedor, mas colocando-o na dupla, na exata, etc. Boneca gritava de alegria.

– Você tinha razão, no canter parecia mesmo... – tentei puxar assunto, mas antes mesmo de concluir me atropelou com o ardor da vitória.

– Aqui – se referindo aos rapazes – ninguém sabe de nada. Ninguém sabe nada! É tudo neném! Ninguém sabe é nada! Na próxima vezes que vir um canter assim não vou apostar só 10 Reais, vou apostar 1 milhão! 1 trilhão! E não vou falar nada. Tudo neném!

E no dia seguinte, houve pancadas de chuva.

Aprender a olhar os cavalos enquanto correm, um logo atrás do outro, e tirar dali conclusões não é fácil. É preciso ter visto vários outros galopes de apresentações, bons galopes de excelentes animais. Comparar o que viu no cavalo com o que enxergou no papel, ou o contrário. De qualquer modo, é necessário sempre o acúmulo de conhecimento hípico sobre corredores. Portanto, a hipologia é um processo *continuum* de páreo atrás

páreo, reunião após reunião, de estudos em cima de estudos e de incansáveis observações que vão tornando o turfista "cada vez mais catedrático...".

Os 10 mandamentos de Bull

Quando fui apresentado ao Joemil de Souza, turfista, aposentado e um dos repórteres do programa *Rede Turfe na TV*, uma das primeiras coisas que ele me perguntou era se eu conhecia "os dez mandamentos do turfista". Apesar de já estar fazendo campo há certo tempo, quando o conheci, jamais tinha ouvido falar sobre os tais mandamentos (– talvez por nunca perguntar?). Afirmei que não. Ele disse que me enviaria assim que chegasse em casa o texto por e-mail.

Chegando em casa, nesse dia, corri para o Google buscando por esses dez mandamentos – vai que ele não me manda o e-mail? Encontrei vários outros dez mandamentos, mas nenhum, dos que olhei, era para quem apostava nas corridas de cavalo. No dia seguinte o e-mail estava lá: um arquivo ".PDF" dos dez mandamentos e um ".JPEG" de um flagra de bunda feminina desnuda pelo vento. O texto dos dez mandamentos consistia numa cópia digitalizada de um capítulo do livro do Sergio Barcellos (2002), que dois meses depois eu iria receber das mãos do próprio autor.

O texto dos Dez Mandamentos foi escrito por Phil Bull, "um dos maiores ganhadores do jogo de apostas em cavalos de corridas da Inglaterra, em todos os tempos" (p. 76). Apesar do estatuto de estrangeiro, o seu texto traz alguns estratagemas que os turfistas mesmo desconhecendo a existência do texto seguem, pois ele tem a ver com a seriedade do estudo e da analise da corrida hípica. E é uma visão "interna" do próprio jogador. Não reproduzirei aqui o texto completo de Bull, me limitarei apenas os mandamentos e farei excertos dos comentários que julguei serem de melhor iluminura:

OS MANDAMENTOS

Primeiro: vá às corridas para ver os cavalos, não as pessoas.

"[...] Há três vantagens nisso: as pessoas não me 'derrubam'; ocasionalmente,

todos no hipódromo parecem saber de algo muito especial sobre um determinado cavalo, e eu não; tenho tempo de ver o que realmente vale a pena ser visto nos hipódromos" (p. 76-7).

Segundo: veja os cavalos no padoque.

"É no padoque que 80% dos vencedores de qualquer páreo "*falam*" sobre o que vai ocorrer alguns minutos depois. O apostador tem que entender o que os animais estão "*dizendo*" enquanto caminham desmontados. Um vencedor provável quase sempre exibe isto no pelo; na quantidade exata de "graxa" que carrega; na atitude correta diante do público; no comportamento em relação ao cavalariço que o conduz; na tonicidade dos músculos da anca; no ritmo e determinação das passadas. [...] Se você não sabe, ou não consegue captar estes sinais, ou tem preguiça de ir ao padoque, seu jogo não é esse" (p.77).

Terceiro: confirme no canter o que os cavalos já "informaram" no padoque.

"O canter diferencia os que caminham bem ("*good walkers*"), dos que galopam bem ("*good movers*"). Um bom canter, desses que atraem o dinheiro do apostador – ou fazem dobrar a quantia jogada – pressupõe um animal equilibrado, disciplinado, "on the bit", orelhas posicionadas para a frente, movendo-se com fluidez (principalmente no momento em que todo o peso dos ombros está sendo suportado apenas por uma das mãos), e que diminui seu ritmo assim que solicitado pelo jóquei" (p. 77).

Quarto: jóqueis e treinadores são sempre os piores informantes.

"Se você baseia sua aposta na opinião de jóqueis e treinadores seu destino, a longo prazo, é a falência. [...] Jóqueis e treinadores não foram feitos para o jogo, não são profissionais disso, e confiar cegamente em suas opiniões é um convite ao desastre. [...] O turfe, ao contrário dos demais jogos, é o único em que você pode exercitar seu próprio julgamento, sem depender de ninguém, e sem ter que estar permanentemente escravizado pela opinião de terceiros, ainda que estes sejam os profissionais da atividade" (p.78)

Quinto: tente entender os cavalos e o turfe de modo geral, antes de arriscar seu dinheiro.

"As corridas de cavalo são um esporte secular, regulado por conceitos e lei implacáveis, testados ao longo de anos de experiência. Procure entender o comportamento dos animais em competição, antes de avançar conclusões" (p. 78).

Sexto: só aposte alto quanto quando o rateio é maior do que devia ser.

"[...] Discipline-se para apostar alto somente quando o rateio for maior que as chances efetivas do animal. No jogo em cavalo isto ocorre com inusitada frequência, e esta é a única oportunidade de se ganhar da "banca".

Sétimo: tenha presente que, a longo prazo, apostando alto em todas as reuniões, você é um homem morto.

"[...] Qualquer jogo é sempre de soma algébrica zero. Para que você ganhe muito – e há sempre quem consiga fazer isso – alguém tem que perder muito. Seu problema é estar do lado positivo desta equação" (p.79).

Oitavo: o condicionamento físico dos cavalos, a habilidade dos jóqueis, o número da baliza na largada, o estado da pista, a distância do páreo e os méritos de cada animal indicam sempre quem ganha e quem perde.

"Nenhum apostador pode subestimar estes fatores. O condicionamento físico, por exemplo, piora sempre ao final da temporada. Prefiro um jóquei experiente ao mais talentoso dos aprendizes (salva as provas de distância, onde o peso é crucial). Nunca prestei muita atenção à posição do animal no partidor. O estado da pista é importantíssimo: influencia decisivamente a qualidade da performance. A distância tem enorme significado para os potros, e diminuir de importância a partir dos 4 anos de idade. [...] No caso da distância ideal para um potro, sua raça é o único fator que conta. [...] Quanto aos méritos de um cavalo, somente a observação de suas corridas, e a correta interpretação de seus fracassos, pode revelar quais são eles. Este é um trabalho

penoso e difícil, que só os grandes apostadores conseguem desenvolver. É quase um dom. Descobrir porque um cavalo perdeu é muito mais difícil que saber porque ele ganhou".

Nono: Nunca acredite nas cinco falácias seguintes.

"[1.] De que não se joga em favorito; [2.] de que uma aposta só é realmente boa se puder ser "*defendida*" (exemplo: apostar no vencedor e placê do mesmo cavalo, e outras do tipo); [3.] de que a sorte conta decisivamente neste jogo (pode valer para a roleta, nunca para os cavalos); [4.] de que existem sistemas desenvolvidos em computador que indicam o vencedor; e, finalmente, a pior delas, a [5.] de que o retrospecto do páreo indica quem deve ser o primeiro ou o segundo favorito (normalmente, as publicações especializadas em retrospecto dão apenas um visão pálida e incompleta das chances de cada animal e, na realidade, ajudam pouco; afinal este jogo usa cavalos – seres vivos – e não uma sequência de números e datas, quase sempre ininteligível...)" (p. 80-1).

Décimo: nunca se permita "correr atrás" dos eventuais prejuízos, nem apaixonar-se por um determinado cavalo.

"Perdi muito apostando em Tudor Minstrel no Derby, e em Nijinsky no Champion Stakes. Gostava tanto dos dois que não percebi que o primeiro não tinha distância da prova, e o segundo já acabara no Arco do Triunfo [...]. Quanto a "correr atrás" dos prejuízos – e eles são inevitáveis nesta atividade – entendo que nenhum apostador pode se dar ao luxo de perder o autocontrole e a autoestima. Isso é coisa para amadores, que se irritam e se abatem facilmente com as perdas. Ganhando ou perdendo, tente ser objetivo e adulto, e melhore seu padrão de jogo da próxima vez" (p. 81).

Os mandamentos de Phil Bull oferecem imagem do estudo e da análise hípica e da disciplina que o apostador imprime as carreiras. As lições são inúmeras, mas vemos que os

1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 8º, 9º e 10º fazem referências alguns pontos da *expertise* hipológica já apresentada e ainda abrange para outros detalhes que Bull considera relevante. E é interessante que seus mandamentos são se limitam aos cavalos, mas também ao cuidado com o dinheiro, veja o 5º, 6º, 7º, 9º e 10º.

De qualquer forma, o que perpassa todos os mandamentos do Sr. Bull é o engajamento nos conhecimentos e na hermenêutica hipológica. Além disso, que tudo depende de dedicação ao estudo e treinar o olhar para reconhecer nas séries numéricas e estampando no físico do cavalo a estampa de vencedor. E, não de menor importância, saber que os cavalos estão no reino do imponderável e que por mais do que se possa antever o que pode acontecer é preciso saber que ninguém faz previsão, mas um prognóstico provável do que *pode* acontecer.

Seja através dos mandamentos de Phil Bull ou mesmo por meio do próprio esforço pessoal em apreender sobre as corridas e sobre os cavalos de corridas o objetivo de todo o jogador é encontrar as "leis implacáveis" (5º) para se acertar sempre.

Às vezes, as "teorias" entre os rapazes pareciam mudar. Quando conheci Eduardo e Barroca eles ficavam atento ao peso das bestas. Analisavam na revista os pesos que os cavalos obtiveram vitórias. Notavam o peso que o cavalo apresentava antes da prova e comparavam com as anteriores. Quando um deles estava no mesmo peso ou muito próximo suspeitavam da vitória. Isso pareceu ser a chave interpretativa durante um tempo até que pareceu não mais responder as expectativas. Depois houve uma espécie de obsessão entre os rapazes pelos cavalos que correriam na pista de grama desferrados. Quando um cavalo desferrado ganhava Sergio era o primeiro a sublinhar o aspecto. Cavalo desferrado é o cavalo sem o uso de ferradura. Supostamente, era o que diziam, quando um cavalo está desferrado ele corre "mais à vontade".

De uma forma ou de outra cada turfista parece desenvolver suas próprias "teorias". Ou para ficar com uma fala fabulosa que um senhor: "Todo mundo aqui tem sua t*i*oria, mas tem uns burros que nem isso tem! Não sabem de nada e só falam merda". Mas, como o tempo, essas "teorias" precisam ser revistas, aperfeiçoadas ou abandonadas. Há sempre quem diga que encontrou uma "fórmula", mas logo o encontraremos refazendo seus os cálculos. Porque cada corrida é uma corrida completamente diferente. A derrota de um cavalo não necessariamente justifica sua inferioridade diante do vencedor. Tal como coloca

Bull, “descobrir porque um cavalo perdeu é muito mais difícil que saber porque ele ganhou”. A hipologia não é fácil, e é preciso ter gosto.

Claro que no meio disso se encontrará simpatias ou mesmo manias, os vícios de certos turfistas. Com de um sujeito que me confessou se entrava um cavalo tordilho, mesmo sabendo que vai perder apostava. “Mas, explicou ele, se o cavalo tem as patas brancas... não jogo. Não sei explicar o porquê, eu simplesmente não gosto, nem que seja numa só”. E outro senhor, conhecido por suas manias e posturas excêntricas (como enrolar o dinheiro com elástico e sacos plásticos de mercado), que não apostava em éguas em páreo que corriam machos e fêmeas misturados. Também não apostava em cavalo montado por joqueta, mesmo que todos os fatores indiquem que vá, certamente, vencer. Para ele era uma questão simples: “É biológico. O homem é superior à mulher, tá me entendendo? A menina [a joqueta] pode correr com menos peso porque é mulher, mas não é forte como o homem... é um absurdo isso! É brincadeira um troço desse! Não devia existir. Prefiro perder do que apostar num cavalo montado por uma mulher ou numa égua no meio dos machos. Você tem que saber que a natureza fez do macho mais forte e mais resistente do que a fêmea. É biológico o negócio. Tá me entendendo?”.

Tais manias e superstições não levam ninguém muito longe apostando no prado, isto porque não levam ninguém a *refletir*, isto é, a pensar a corrida com profundidade e racionalidade. A hipologia, como venho dizendo, é uma “ciência” interpretativa e, portanto, significativa; “e o mundo dos significados [...] não é senão o da linguagem” (BARTHES, 2004, p. 58). E assim a capacidade de “ouvir o que os cavalos dizem” tem bem menos de místico do que se possa imaginar. A teimosia, a mania e a superstição são bloqueios a tais capacidades semióticas; e, logo, de se tornar catedrático.

Tornar-se cada vez mais catedrático

O processo de ser tornar um catedrático em matéria de hipismo em alta velocidade, como descrevi até o momento, é contínuo e infindável. O turfista se absorve inteiramente no exercício de desvendar os sinais e os significados inscritos no programa e produzidos pelos cavalos. A partir desses sinais buscam todas as variáveis passiveis de serem somadas

para apurar seus estudos. Não há nada mais denso e tenso do que a escolha de um cavalo, entre tantos outros, para apostar o dinheiro. Tem que ser uma escolha "lógica", isto é, convincente para si de que esta é uma escolha mais acertada do que outras tantas.

Talvez seja preciso dizer, mais uma vez, que *a tensão marca a incerteza*. A tensão é o elemento que confere um valor ético, uma vez que oferecem ao jogador suas qualidades, isto é, suas habilidades, *expertises*, conhecimento, *status*, tenacidade, etc (HUIZINGA, 2010).

E, claro, não se pode ficar com muito "*e se*...". "E se..." não faz ninguém ir a lugar algum ou a realizar alguma coisa, seja nas corridas de cavalo, na antropologia ou mesmo na vida. Enquanto estava receoso se devia apostar ou não durante a pesquisa de campo havia um cavalo. Segundo tudo que estava aprendendo com a pesquisa me pareceu que aquele cavalo venceria o páreo. Tomei nota do número dele. Cheguei abri a carteira e separar o dinheiro. Quando o jóquei o montou para entrar na pista para realizar o canter... O cavalo me olhou, virando a cabeça na minha direção. Eu me enfiei na fila, ia apostar nele. Mas aí vieram os questionamentos: "e se essa aposta prejudicar, de alguma forma, minha pesquisa?", "e se ele perder?", "e se estou sendo afetado (à la Favret-Saada) pelo campo?". Não apostei. Resultado: o cavalo venceu a prova com uma boa pule. Comentei com Quequé e com Pita, desabafando, meu recente infortúnio pela dúvida. Eles riram. "Esse 'e se...' é que é foda. – Disse profeticamente Quequé – Se ficar nessa você não faz nada e também nada acontece".

É claro que agindo assim também não se perde nada, mas em compensação também não se ganha. E sem apostar não se atenta tanto para os erros e deixa-se de correr o risco, a tensão e a adrenalina. É errando e acertando que se aprende sobre as carreiras hípicas como também sobre outros assuntos, porque nos oferece a experiência. Assim é o mundo da percepção – ao menos no sentido dado por Merleau-Ponty (2004) – um mundo revelado por meio dos sentidos e da experiência pessoal. As experiências que temos com o mundo, seus objetos, suas coisas e os seus outros, não são coisas neutras

> que contemplaríamos diante de nós; a cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em

> relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear (MERLEAU-PONTY, 2004 p. 23).

A hipologia é partilhada, o que não significa que seja um conhecimento que se dê com a mesma peculiaridade a todos. E em tempo algum conheci alguém que tivesse aprendido com métodos segundo uma "corrente" de pensamento ou por conhecimento transmitido de pai para filho. Há nela muito da experiência e da preferência individual, caso contrário (em tese) apostariam todos no mesmo cavalo sobre os mesmos argumentos.[33] Dizer que é partilhada significa dizer que muito dos princípios da hipologia estão disponíveis, seja por meio da conversa, nas crônicas turfísticas ou em textos especializados difundidos em toda parte. Enfim, o turfista se informa e se forma.

Aprender a decifrar os enigmas (ou as caixas-pretas) que são cavalos é uma tarefa individual, é preciso ter o gosto. Alguns dos aficionados me revelaram que já levaram os filhos para o hipódromo, porém não "pegaram gosto pela coisa". Nas corridas de cavalo é preciso criar uma identificação ou fascínio com e pelos equinos além de ter prazer pelo estudo hipológico. E isto ficou claro quando o Professor – apelido de um senhor por ser professor de matemática – após alguns páreos acertando, havia acabado de ganhar com uma acumulada de placê que surpreendeu a todos os rapazes. Ele jogou o seu retrospecto de lado dizendo: "Cansei de estudar. Professor não precisa mais estudar" (ambiguidades, sempre ambiguidades!). Os rapazes olharam para ele, mas ficaram em silêncio. Apenas Eduardo se manifestou:

– Que isso?! Aqui o estudo é diferente. Aqui se estuda com prazer.

– Mas eu estou cansado. Vou ficar só assistindo o canter.

Evidente que dois páreos depois o Professor retomou seu retrospecto e, consecutivamente, as análises.

De qualquer modo, a figura do catedrático não é daquele que mais acerta, mas aquele que mais entende, abrangendo, é claro, sua ambivalência. Acertar e errar são

[33] Estava vendo o painel com as indicações dos comentaristas e cronistas do programa da TV. Um senhor chegou atrás de mim, também para tomar notas das indicações. Antes mesmo de analisar me perguntou:
– Será que deram alguma bomba para hoje?
– Não sei. Acabei de chegar.
Comparou os seu papel com a tabela. E concluiu: "Não deram nenhuma bomba. Só indicaram a lógica".

operações de igual valor, são frutos do acaso hípico, da imprevisibilidade comandada pelos cavalos. Afinal, se perguntar, como perguntei, à algum aficionado como sãos os procedimentos realizados pro ele para selecionar um cavalo entre tantos outros para apostar, a resposta será (sim, está era a resposta que ouvia): "É fácil! Cada páreo tem, mais ou menos, oito cavalos. Cada cavalo tem quatro patas. Então, todos têm as mesmas chances de ganhar!".

Ao descrever a rinha de galos balinesas, Geertz (1989), fala das emoções e os sentimentos que ela ressalta (como um vocabulário de sentimentos) para fins cognitivos. São por meio das emoções evocadas através da rinha "que a sociedade [balinesa] é construída e que os indivíduos são reunidos" (p. 210). Assim, para o balinês as apostas nas rinhas são como uma espécie de educação emocional. Destarte,

> os balineses vão às brigas de galos para descobrir como se sente um homem, habilmente composto, afastado, quase obsessivamente auto-absorvido, uma espécie de autocosmo moral, quando, depois de atacado, atormentado, desafiado, insultado e, em virtude disso, levando a paroxismos de fúria, atinge o triunfo total ou o nível mais baixo" (p. 211).

Deslocando essa pedagogia emocional para nosso contexto ocidental, mais precisamente carioca e turfístico, encontramos algo de similar. Um controle sobre si. Alguns deles haviam me relatado algo parecido com que Barroca me disse: "Já perdi muito nisso aqui. Perdi já todo o meu salário, mas eu fui burro em querer recuperar o tinha perdido. Demorei muito tempo para aprender a jogar". E depois ainda me explicou: "O objetivo disso daqui é você chegar em casa e não discutir com o porteiro, não chutar o cachorro e não brigar com a patroa; tem que sair sossegado". É como coloca Bull no seu décimo mandamento: "Ganhando ou perdendo, tente ser objetivo e adulto". Ou seja, "só aposte quando puder se dar ao luxo de perder". Essa é a dica de cocheira sem a menor sujeira de Bukowski (1976), e continua:

> quero dizer, sem depois ter que dormir num banco de praça ou se provar de 3 ou 4 refeições. o essencial é primeiro pagar o aluguel. evitar problemas. terá mais sorte. e lembre-se do que dizem os profissionais: "se tiver que perder, perca com

> classe". noutras palavras, desafie os outros a derrotarem você. se de um jeito ou doutro tiver que perder, então mande tudo para o inferno, pegue alguém para dançar nos portões de saída, a vitória é tua enquanto ninguém te derrotar, até que passem por cima do teu cadáver (p. 113).

Há nisto também outro aprendizado nessa pedagogia das corridas equestres que diz respeito ao dinheiro. O dinheiro – que na visão de Marx (2013) é uma mercadoria fixada no papel de equivalente universal de troca – tornou-se sacralizado, como pontuou Simmel (1998), a

> segurança e a tranquilidade que a posse de dinheiro faz sentir, aquela *convicção* de possuir com ele o centro de valores, contém, de forma psicologicamente pura [...] o centro da equação que justifica, de maneira mais profunda [...] de que o dinheiro seja *o Deus da época moderna* (grifos meus, p. 36).

O que as corridas ensinam, como exemplifica a fala de Barroca, é o controle de si e o controle sobre o dinheiro. Pois o dinheiro não é tudo. Algo contrário à perspectiva utilitarista. Autores como Polannyi (2000) são da posição de que não são as instituições econômicas que orientam o social, mas justamente o contrário: o social é quem prescreve o econômico. A grande maioria dos turfistas que travei contato durante a pesquisa de campo demonstraram que ninguém fica "rico" com as corridas de cavalo. Não é como na loteria federal, não se ganha uma "bolada". O mais próximo que o turfe oferece perto disso são os concursos (as acumuladas especiais, em que se pode ganhar algo acima de 20 mil). Mas, é claro, há pessoas que buscam alguma ascensão social através do prêmio, mas não são muitos. Raros são aqueles que conseguem tal golpe de sorte. A contradição nesse caso não invalida o argumento do não-utilitarismo da pedagogia das carreiras hípicas, se levarmos em consideração que a cultura é ela mesma contraditória e não-prescritiva.

Resumindo: tornar-se catedrático é dominar os variados assuntos sobre cavalos e hipismo em alta velocidade, que podem ser resumidos da seguinte forma: *a)* pedigree, *b)* conformação física, *c)* performance, *d)* estatísticas, *e)* condição da prova e da pista, *f)* competência dos profissionais bem como as *g)* variáveis da corrida. E o *fator animal* não lhe escapa dos cálculos. A imponderabilidade oferecida por este fator é o que faz como que

se esteja sempre aprendendo; “mas, para falar com franqueza, a gente está sempre aprendendo, tanto a respeito de corridas de cavalo como de qualquer outra coisa. e quanto se pensa que já se sabe tudo, o aprendizado mal começou (BUKOWSKI, 1976, p. 113)

Como foi visto, as corridas dão o aprendizado que extrapola a si mesmo. Aprende-se a ser controlar, a ser adulto, o saber perder e saber arriscar. As corridas são a alegoria para a própria vida. E quando assim, por detrás da metáfora da vida, por meio do jogo “o homem cria outro mundo, um mundo poético, ao lado da natureza” (HUIZINGA, 2010). Quando se envolve com as corridas a percepção do mundo não é mais o mesmo. Na minha opinião quem melhor deu a compreensão sobre isso foi o próprio Bukowski (2011). Para ele no hipódromo estava a explicação do mundo.

> Acho que sempre arranjamos alguma coisa para nos atormentar. E, no hipódromo, você sente as outras pessoas, a escuridão desesperada, e como jogam e desistem com facilidade. A multidão do hipódromo é o mundo em tamanho menor, a vida lutando contra a morte e perdendo. No final, ninguém ganha, buscamos apenas uma prorrogação, um momento sem ser ofuscado [...]. Diabos, precisamos de humor, precisamos rir. Eu costumava rir mais, eu costumava fazer tudo mais, exceto escrever, Hoje escrevo e escrevo e escrevo, quanto mais velho fico, mais escrevo, dançando com a morte. Excelente show. E acho que a coisa está boa. Um dia, dirão: “Bukowski está morto”, e daí serei verdadeiramente descoberto e pendurado em fedorentos e brilhantes postes de luz. E daí? A imortalidade é uma estúpida invenção dos vivos. Você vê o que faz o hipódromo? Faz com que o texto flua. Relâmpagos e sorte. O último azulão cantando. Qualquer coisa que digo soa bem porque arrisco quando escrevo. Gente demais é cuidadosa demais. Estudam, ensinam e fracassam. A convenção apaga a sua chama.
>
> [...] Todos nós vamos morrer, que circo! Só isso deveria fazer com que amássemos uns aos outros, mas não faz. Somos aterrorizados e esmagados pelas trivialidades, somos devorados por nada (p. 9, 10 e 11).

Além das corridas de cavalo o que mais poderia oferecer ao espírito humano a oportunidade de meditação sobre si e sobre o sentimento inexato da própria vida? A literatura, talvez...

Capítulo 3: Barbada & Malandragem

Há muito tempo eu não acerto uma
Porque me dão informações erradas
E a grana toda que eu acumulei
Foi empatando nas acumuladas
Que barbada!, Moreira da Silva

O inferno… são os outros.
Entre quatro paredes, Jean-Paul Sartre

Depois de concluir minha monografia e ter sido aprovado na seleção do mestrado, tudo que eu precisava, naquele momento, era um pouco de distração. Com a realização da pesquisa de campo aprendi não apenas a jogar como tomei certo gosto pela prática. Portanto, foi de alguma forma "natural" que voltei ao hipódromo, não para pesquisar, mas unicamente para a diversão.

No meio de uma dessas reuniões a que fui, o pouco do dinheiro que havia levado simplesmente "desapareceu" jogando em alguns páreos. Como não queria voltar mais cedo para casa, tive que me sujeitar a ir ao shopping para sacar mais. Pois não havia nenhum caixa-eletrônico dentro do hipódromo. A ideia de ir até o shopping particularmente me aborrecia; detesto o cheiro e o clima desse tipo lugar. Não sei, simplesmente não me agrada a idaia de passar e passear nesses ambientes. Bom... paciência. Quem mandou ter levado pouco dinheiro?

Voltava tranquilamente para o prado, como dinheiro no bolso, imerso em pensamentos triviais e carnais, do qual pouparei o leitor de sabê-los. Então, não sei se por alguma espécie de habilidade antropológica adquirida ou se simplesmente foi aquilo que José de Alencar apresentou com diálogo do Sr. Loredano em *O guarani*:

> – Em que quereis que um homem gaste seu tempo neste sertão, senão a olhar para os seus semelhantes, e ver o que eles fazem?
> – Com efeito é uma boa distração.

Independente de qualquer de qualquer um dos dois, ao me aproximar do pórtico de entrada para a tribuna social assisti com interesse a uma cena banal: um senhor de saída.

Ainda estava claro o dia, pelo horário a reunião estava na metade. A questão do horário deve ter chamado a atenção do funcionário que trabalha na portaria, pois indagou o homem:

– Mas já se vai?

– Já! Cansei de ser roubado.

Outra pessoa que também estava junto à portaria disse algo que pelo volume da voz e pela distância em que me encontrava não consegui compreender com precisão. Mas acredito que tenha comentado alguma coisa sobre as corridas e ainda perguntando se o Sr. "roubado" retornaria no dia seguinte, isto é, no domingo. Porque a resposta dada foi:

– Amanha não sei, mas semana que vem estou de volta. Um abraço!

Não foi a única e nem a primeira vez que escutava algo a respeito da ideia de "roubo". Era quase recorrente ouvir alguém falar de pilantragem, roubo e malandragem ali dentro. Aliás, foi Jota Santos que me alertou assim que cheguei ao hipódromo que aquilo era um "cemitério de malandro". Ora, mas que diabos há nesse espaço que faz a pessoa sentir-se aborrecida por ter sido "roubada" (metaforicamente ou não) e retornar? Ora, sabemos que acusações similares acontecem em outros espaços como, por exemplo, no futebol. Quem nunca xingou o juiz de ladrão por marcar uma falta que não existiu ou por não marcar uma falta que visivelmente aconteceu?

O que diferencia a corrida do futebol, no caso, é que nas corridas há o envolvimento mais efetivo do espectador do que do torcedor. Não que não exista nenhum envolvimento do torcedor de futebol, mas o envolvimento do turfe é de outra ordem. Explico. A derrota e a vitória para o turfista se concretizam de modo efetivo na vida do sujeito pelo viés econômico. Quando alguém perde muito pode dizer que irá "voltar a pé para casa" (mesmo que não vá) ou quando alguém ganha pode se dizer – na ordem da gozação, geralmente quando ganha pouco – que "hoje não vai ter puta triste na noite". Ou seja, a ausência ou a presença do dinheiro retifica a participação do apostador "no" páreo.

A realização da imersão antropológica me conduziu a pensar o microcosmo social do Hipódromo da Gávea como uma arena social e também num espaço de criação de manutenção do estar em associação, sobretudo uma associação masculina. É por meio das apostas que os homens encontram um meio de disputar e rivalizar entre si por meio do seu reflexo bestial; ao passo que esse mesmo espaço é onde há oportunidade de se estar em sociedade, com laços de sociabilidade que podem ser mais ou menos estáveis e mais ou

menos intermitentes. Minha interpretação, calcada na pela leitura de *Ensaio sobre a dádiva*, de Mauss (2003), é de que a prática seja compreendida como um *sistema de prestações totais*, sendo essas prestações tanto de tipo *Potlatch* e como de tipo *Kula*.

Não encontro ilustração mais adequada do que a história que Boneca contou para os rapazes para introduzir o assunto. A sua história é sobre as suas "desventuras" desde as analises hipológicas até sentar na tribuna para assistir as corridas. Ela foi livremente adaptada por mim, de modo a torná-la mais inteligível conectando os aspectos hipológicos descritos no capítulo anterior com a dinâmica social do social do hipódromo que é assunto do presente capítulo. Dei para essa curta narrativa o título de *O 'inferno' de boneca* fazendo uma alusão tanto ao *inferno* de Dante como o de Sartre.

O 'inferno'de Boneca

Como todo sambista, Boneca é o típico malandro carioca clássico. E, tal como Noel Rosa, nascido e criado em Vila Isabel. Boneca é o mais novo morador de Copacabana. No hipódromo não demonstra ter qualquer inimizade, se relaciona bem em todas as alas. Frequentador antigo das corridas, recebe notícias que não fazem páginas nas revistas e dos jornais do turfe. São os informes da malandragem. E com isto, ele vai ao céu e ao inferno.

Sozinho em casa, Boneca avança a madrugada estudando e analisando com acuidade a programação da reunião do dia seguinte na revista. Examina com esmero todas as informações contidas ali, desde o horário da prova a provável condição física da pista para o dia seguinte, do número da baliza até a posição que cada cavalo alcançou quando entrou na reta da linha de chegada nas últimas provas . Soma as informações, multiplicando com o prestígio e a reputação do jóquei que irá montar; também o treinador que fez o apronto. A moral dos criadores e proprietários. Calcula os históricos de cada cavalo, um a um de páreo a páreo. Pacientemente, continua fazendo seus cálculos: quantas vezes largou, quantas se colocou, quantas venceu. Quais as distâncias que percorreu, quando, com quem e em qual categoria; o tempo de prova; o rateio do dia. Averigua se montará com o mesmo jóquei que obteve vitória ou se vai com algum jóquei competente. Às vezes, vê um nome de corredor já que registrou correr bem, que mesmo sem vencer deu ares de que ganhará a

próxima. E assim computa tudo em sua cabeça e vai marcando suas indicações nas páginas da revista. Não é um cálculo inteiramente numérico, mas hipológico.

Mas, como explicou Boneca, seu martírio começa no momento em que estaciona o carro até se sentar na tribuna. É neste percurso o seu calvário. Ele vai encontrando vários conhecidos, cavalariços, treinadores, catedráticos, proprietários e outros tantos parceiros da malandragem que o vão dando os informes: "Hoje no segundo páreo vamos às forras com o número três, heim!"; "Nos vemos na fotografia no quinto páreo?", "Vai ser barbada para o sexto páreo". Olha nas anotações e não vê o número três, também não está lá a indicação do quinto e nem do sexto páreo, e de muitos outros que foram surgindo. E assim, a cada passo, um novo encontro e uma nova adição e subtração vai acontecendo nos seus estudos de véspera. Suas trifetas, quadrifetas e seus picks vão se transformando. Vão se transformando numa outra coisa.

E no transcorrer das corridas, vai logo, se aborrecendo por ter mudado tudo! O aborrecimento é maior por errar nas indicações alheias, sobretudo quanto a indicação removida ganha. O inferno...

Barbada: jogo e laços

Impossível sair do hipódromo sem ouvir o termo "barbada". Não é necessário ser uma pessoa bem relacionada como o Boneca, o Eduardo, o Gilson, o Oswaldo ou qualquer um dos rapazes antigo ali para escutar as barbadas que o povo anuncia. Para ouvir basta não ser surdo e nem mesmo bobo. Pois não existe, dentro do hipódromo, um local seguro para não se ouvir uma barbada. Ela pode vir das sombras mais escuras das tribunas, de um velho amigo conhecido ou via DDA[34]. Barbadas se pedem e barbadas se dão. E assim como os cavalos elas correm dentro do hipódromo lado a lado com os cavalos. E elas são fortes, dependendo de onde vem; e como vem podem mudar suas escolhas, para o bem ou para o mal.

[34] DDA: "Discagem Direta do Além". É uma brincadeira com aqueles que dizem receber informações do outro plano de turfistas desencarnados.

No dicionário, o verbete diz que *barbada* refere-se ao lábio inferior do cavalo. E no turfe quando um determinado cavalo, frente aos seus oponentes, é considerado superior e que a sua vitória é dada por garantida, diz-se que ele é/será barbada. Apesar do termo ser usado, com o mesmo sentido, em contextos além das corridas, ele é um conceito *par excellence* do mundo do turfe. De toda forma, o uso cotidiano no hipódromo sugere algo mais do que a simples a vitória fácil. E mais, ser o favorito do páreo não quer dizer que seja necessariamente a barbada do páreo. Como visto no capítulo anterior, favorito é o cavalo mais apostado. E um palpite não é necessariamente uma barbada. Barbada é uma categoria singular que representa a si mesma e nada mais.

Quando solicitava aos aficionados que me explicassem o que era barbada, se o que estavam dizendo era barbada ou se estavam vendo uma barbada de verdade, eu era frequentemente cortado como "esse negócio de barbada não existe".

– Mas como não? Se eu ouvi há pouco que...

– Essa coisa não existe, garoto. Só é barbada quando o páreo termina.

E se eu tentasse continuar engatar indagações as coisas se complicavam ainda mais. "Cada páreo tem oito cavalos. Cada cavalo tem quatro patas...". Era de deixar qualquer um transtornado. Cheguei até mesmo a cogitar que poderia ser tabu mencionar ou falar sobre o assunto, mas isso não fazia sentido. Por que não poderiam falar sobre algo de que eles justamente mais falam? Apenas vivenciando o cotidiano das corridas que fui me dar conta que a barbada era um *enigma*, tanto para mim como para eles próprios.

Para não dizer que não consegui absolutamente nada deles referentes às suas explicações sobre que era barbada, ouvi piadas. Mas, é claro, isso veio com o tempo que se passa convivendo com e como eles. E mais uma vez foram elas, as piadas, que me ajudaram a alcançar uma compreensão do que significa ser barbada. Além de nos fazer gargalhar, pode-se dizer que as piadas, ao menos um número restrito delas, podem ser explicativas ou mesmo didáticas. Exponho três delas que consideram colocam tocam no cerne do ser barbada, a primeira já conhecida pelo leitor:

Primeira: O cavalo falante.

Um sujeito estava nas grades olhando os cavalos que estavam circulando no paddock, antes de entrarem para o canter. Olhava para baixo, observando os cascos dos cavalos, analisando aquele que

possuísse pé de vencedor. De repente ele escutou um "psiu". Olhou em volta e não viu ninguém. E novamente, próximo dele, "Ei, psiu!". Procurou e novamente não encontrou ninguém.

"Ei, psiu! Aposta em mim". Ele não acreditou no que podia ser. Ficou quieto e novamente o cavalo passou por ele e disse: Aposta em mim. Com aquilo o sujeito não pensou duas vezes, correu direto para apostar nesse cavalo. Apostou tudo.

No páreo, o cavalo correu, correu, correu e correu... mas nem para a decisão pela fotografia entrou.

O sujeito ficou, é claro, indignado e achou justo ir tirar satisfação com o cavalo. E foi até ele: "Escuta aqui, você me diz para apostar em você e você vai lá e... #@$*&!*! PERDE! Que sacanagem é essa?".

O cavalo apenas respondeu:

"Mas além d'eu falar você quer que ganhe?".

Segunda: A voz misteriosa

O sujeito havia apostado demais e foi, claro, perdendo demais. E acabou apostando mais do que sua condição permitia. Até que perdeu tudo o que tinha e ficou arrasado. Foi para um canto do hipódromo. Queria ficar sozinho para chorar. E chorou desesperadamente. Então uma voz misteriosa o perguntou: "O que foi que te aconteceu para chorar desse jeito?".

"Eu perdi tudo! Tudo! Apostei a mensalidade da escola das crianças, o aluguel do apartamento, o dinheiro das compras. Sou um *descracido* mesmo! Burro! Uma besta em pé!".

"Fique calmo. Eu vou te ajudar. Pegue esse trocado que ainda tem nos seus bolsos e jogue no cavalo seis. E me prometa que nunca mais jogará desse jeito".

O sujeito prometeu ser mais controlado. E foi lá apostar tudo no número que a voz lhe sugeriu. E como isto ganhou. Retornou imediatamente para o mesmo canto e agradeceu a voz misteriosa. E como não havia recuperado tudo que apostou. Suplicou:

"Sabe, ainda estou no pescoço. O prêmio foi bom, mas ainda não dá para a escola das crianças... Por favor, me ajude mais uma vez!".

"Tudo bem. Aposte no dois dessa vez. Escute bem, no dois".

E mais uma vez a façanha se repetiu. E tornou a voltar e agradecer. E novamente solicitou mais uma. A voz concordou e pediu para apostar no sete.

Quando estava na fila para comprar a pule apareceu um careca que veio logo lhe dizer:

"Já está sabendo?".

"Do quê?".

"A barbada desse páreo é o três".

"Ouvi que era o sete".

"O sete? Tá de brincadeira, né? Esse aí é cavalo manco, não corre nada. O três não perde nunca. Estou falando, é barbada certa".

Então no lugar de apostar no sete o sujeito apostou no três. No páreo, deu o sete.

O desespero bateu outra vez, e foi ela por mesmo canto choramingando:

"Eu perdi tudo! Perdi tudo novamente!".

A voz outra vez surgiu para consolar:

"Calma rapaz! Eu estava na fila e também fui pela barbada do careca".

Terceira: O volátil

Nas arquibancadas um sujeito encontra um conhecido, que aproveitando a circunstância foi logo informando:

"Rapaz, que bom que te encontrei agora, se quer acertar nesse páreo aposta no sete. Vai por mim".

E sem perda de tempo o rapaz foi lá fazer a aposta com a sugestão do conhecido. Chegando próximo do caixa ele encontrou outro camarada que tratou logo de dar as boas-novas:

"Olha, fiquei sabendo que o seis vai ser a barbada".

"O outro ali me deu o sete...".

"Sete? Que sete o quê? É seis! Você ouviu errado".

E assim, apostou no seis e deu o sete. Voltou para o mesmo lugar na arquibancada, com o seu conhecido que deu a dica do sete. Sem jeito de falar alguma coisa, ficou quieto. Mas o conhecido foi logo falando:

"Eu não te falei? Pegou uma bolada, heim?".

"Na verdade não. Na hora de comprar a pule encontrei com um conhecido que disse que o seis ia..."

"Não acreditou em mim! Bom, agora não reclame! Vou te ajudar mais uma vez. Escute bem, nesse páreo vai dar o um. Escute bem, o um".

E lá foi ele arriscar mais uma vez, e quem encontra? O amigo da barbada errada, que foi logo se justificar:

"Rapaz! Desculpa! Passaram informação errada para mim também. Mas essa agora não tem erro, é o três. Essa eu ouvi lá na tribuna dos profissionais! Lá não falam de outra coisa. É o três".

E não foi diferente da outra vez: jogou no três e quem venceu foi o um. E quando encontrou o outro amigo ficou sem jeito de contar que não apostou no que ele lhe deu. Mas seu conhecido quis saber:

"Dessa vez foi na que te falei, não foi?".

"Não. Sabe como é, estava apostando quando encontrei aquele amigo que disse e aí vencer o...".

"Xi! Esquece isso. É, você é mesmo teimoso e não me escuta. Que tal esquecer um pouco esse lance de apostar, heim? Faz o seguinte, toma cá este dinheiro e compra um picolé para gente. Tá muito quente. Pode ser?".

E os sujeito foi lá comprar os sorvetes. Mas quando voltou trazia sacos de pipoca.

"PI-PO-CA!? Eu te peço para comprar picolé e você me traz pipoca?!

"Eu estava indo comprar picolé, mas encontrei aquele meu amigo e disse que pipoca está mais

barata e é muito melhor então...".

Além dessas piadas há sempre, com "sorte", durante a realização do trabalho algum momento em que o pesquisador "enxerga" ou "experimenta" as coisas de que tantos os nativos falam. Evans-Pritchard (2005), por exemplo, pesquisou uma sociedade africana que recorria ao conceito de "bruxaria" como a explicação para seus infortúnios, os Azande. Eles lhe diziam que a bruxaria de alguém, a alma do bruxo, emanava uma luz brilhante que podia ser vista à noite indo "embruxar" alguém. Então uma noite passeando atrás de seu acampamento, Evans-Pritchard pode ver[35] a bruxaria passando em seu caminho. Ele perseguiu uma luz querendo descobrir do que se tratava. Para o antropólogo aquela luz que ele viu poderia ser alguém com uma lamparina ou com um punhado de relva acesa indo defecar. A luz desapareceu próxima da moradia de um homem. No dia seguinte, o agregado desse homem morreu, o que correspondia com as histórias que os nativos explicaram: o que ele viu foi a bruxaria (p. 43).

No meu caso foi bem menos místico. Havia sido convidado por Jota Santos para sentar à mesa do salão de aposta da tribuna social com ele e com Dr. Lafaiete. Conversávamos e assistíamos pelas televisões as corridas que aconteciam do outro lado do concreto. Nesse ínterim entre corridas, Jota Santos chamou um treinador que estava por ali próximo de nós. Santos o apresentou dizendo que ele treinava excelentes cavalos, todos muito bons e velozes.

Notei que ele tinha um cavalo inscrito no páreo que ia correr dali a poucos minutos. Queria aproveitar a presença dele e tentei introduzir um assunto. Inventei na hora que ia apostar no cavalo dele. Acreditei que seria educado da minha parte fazer isto. Mas ele logo me informou:

– Este cavalo é bom, mas nesse páreo o _____ será barbada. O cavalo é muito rápido. Se eu fosse você apostaria no que estou te falando; vai ganhar pouco, mas tá bom para quem está começando. É vitória garantida.

[35] Esse "ver" do Evans-Pritchard para mim é um recurso literário, algo como "*yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay*".

Na hora fui tomando por uma sensação de desconfiança. Eu não ia apostar no cavalo que ele disse. Ia apostar num outro. Fiquei confuso. Na hora de comprar a pule resolvi apostar no cavalo que ele sugeriu e, achei que seria também interessante também apostar no cavalo do treinador. Guardei as duas pules em bolsos diferentes da calça. Estrategicamente pensava em abordagens diferentes, caso desse um ou o outro. E me julguei bastante esperto fazendo isso na hora, mas depois fiquei com aquela sensação de ter feito algo de muito errado (e fiz mesmo).

Nisso eu estava certo: foi a maior burrice que fiz. Ganhou o cavalo que o treinador me disse. O cavalo foi ganhando velocidade e se afastando dos demais. Ganhei 1,90 como esse cavalo. Como apostei 1 Real em cada um dos cavalos, fiquei no "prejuízo" de 10 centavos! OK, não foi nada que tenha abalado minhas economias e comprometido a passagem de volta. Mas estava ali a barbada, todos na mesa sabiam que era barbada. O treinador sumiu e não pude lhe perguntar nada.

Pode-se dizer que a barbada tem um efeito de predição (mas não de adivinhação) do futuro, de algo um pouco acima da incerteza, de um futuro (quase) inevitável. Ela é apenas e justamente revestida por essa aura. A barbada é *como se fosse* um palpite. Na verdade, é ela é algo mais que um palpite. É uma informação encoberta pela ideia de privilegio, único e singular. O seu (pres)sentimento é mais forte do que a sua definição.

Assim como nas historietas, o apostador é livre para não apostar em nenhuma delas, mas ao mesmo tempo ele é compelido a apostar na barbada. Esta "aura" só existe porque há um outro para conferir a existência dela pelo signo da "barbada", seja esse outro um cavalo falante, uma voz misteriosa, o careca na fila do caixa, os conhecidos... Dizendo de outra forma: a força da barbada é social.

E a qualquer momento e qualquer lugar alguém pode vir e dar uma barbada. "Nesse páreo tem uma barbada... É imperdível!". O inverso também acontece, e com frequência, de pessoas correndo atrás de barbadas. Geralmente zanzando para lá e para cá, em busca de barbadas. Vão atrás dos profissionais, dos proprietários, dos catedráticos, de Deus, do Diabo e do que mais houver entre ele. E aí iniciam uma nova circulação ao passar para outros. Por tanto, é impossível determinar com exatidão de onde vêm e para onde vão as barbadas. Barbadas são intangíveis e mesmo os mais evolucionistas irão concordar que elas são de geração espontânea.

Estas perseguições por barbadas não são características de hoje. No Rio de Janeiro do tempo de Luiz Edmundo (2003) – na virada do XIX para o XX – já ocorria das pessoas perseguindo os proprietários. Sua descrição é bastante interessante por mostrar quem eram estes proprietários e como eram estes caçadores de barbadas. Eis seu parágrafo:

> No encilhamento desfilam, importantes, os proprietários de coudelarias, graduados do esporte, todos muito risinhos e afáveis, dessorando superioridade e ventura, ensobrecasacados, de calça flor-de-alecrim, coletes de fustão branco, à sombra de enormes chapéus-do-chile. *São sempre rodeados de cavalheiros atentos, caçadores de palpites, ávidos por informes e palpites sobre os páreos que hão de correr, a pedinchar conselhos ou sugestões*. Displicentes e de ar protetor e amigo, estes cardeais do hipismo mal respondem, quebrando no dedo mínimo a cinza clara de enormes e gordíssimos charutos, sempre de Havana, cegando os interlocutores com o brilho singular de seus anéis de preço. São quase todos coronéis, os proprietários de cavalos. E coronéis de infantaria! (p. 528-9. Ênfase minha).

Falei que a barbada é uma informação privilegiada. Isso não significa que haja um consenso geral sobre o que é esse privilegio. Ao menos foi isso que concebi conversando com o Dr. Ismael. Dr. Ismael é um senhor muito comprido e de semblante tranquilo, médico, membro do membro do JCB e responsável pelo departamento de doping, também proprietário de Puro-Sangue Inglês. Para ele estes perseguidores de barbada gostam é de história (ou seria estória?).

Faz bastante tempo, contou-me Ismael, estava embaixo, junto a outros apostadores, conversando com um amigo. Um conhecido deste seu amigo foi até eles para informar que o cavalo Rei-Sol ganharia de barbada. Segundo este conhecido, o cavalo estava apresentado ótimos resultados no treinamento e que estava tudo certo para vencer; seria barbada sem a menor sombra de dúvidas. Acontece que o tal cavalo era de propriedade do Dr. Ismael. O amigo do Dr. Ismael, o apresentou ao seu conhecido dizendo que ele era proprietário do referido animal. Tentando ser gentil, Ismael tratou logo de informá-lo que seu cavalo não estava em tão boas condições assim para ser uma barbada e que não via motivos para o treinador ou quem quer que fosse lhe esconder qualquer informação sobre o estado físico

do seu cavalo. O sujeito olhou desconfiado para o Dr. Ismael. "Você tenta ajudar e eles acham que você está querendo derrubar. Se você diz simplesmente que tem chance ou que não tem chance nenhuma de ganhar ninguém acredita, mas se você conta uma história dizendo que o cavalo isso-e-aquilo, que o cavalo correu assim-assado, aí acreditam. As pessoas gostam é da história", concluiu.

Há ainda os "barbadeiros". Essa categoria é um misto de catedráticos e de caçador de barbada. Geralmente são pessoas que trabalham para determinados proprietários e que estão sempre pelo Jockey Club. Os barbadeiros são estes que a qualquer momento você lhe pedir uma barbada e sempre terá uma para oferecer. Alguns por acertarem mais possuem reputações melhores do que outros e aí não são chamados de barbadeiros: geralmente são pessoas que trabalham para algum stud ou simplesmente pessoas que estão sempre andando pelas cocheiras; são os bens relacionados com os profissionais. O que também não quer dizer que não esteja por aí caçando barbada[36]. O termo "barbadeiro" é um tanto depreciativo – ninguém se autodenomina assim. Ao utilizar este termo aqui, é unicamente para referir a pessoas que marcam palpites para outros, diminuindo um pouco o seu sentido pejorativo que tem no hipódromo.

Como se pode observar, a barbada tem um circuito próprio, particular e complexo dentro do hipódromo[37]. E a partir disso gostaria de fazer uma rápida viagem para outro lugar, para longe do prado, mais precisamente nos arquipélagos do pacífico ocidental, para pensar o circuito da barbada com outro circuito descrito por Malinowski (1978): o circuito do *Kula*.

O *Kula* é o circuito intertribal de trocas que acontecem entre habitantes de uma ilha à outra, formando um circulo. Neste circulo dois objetos, em sentidos contrários, estão em constante troca. No sentido horário movimenta-se o *soulava* – colares feitos de conchas

[36] Quando estive em São Paulo, por conta do Grande Prêmio São Paulo, conheci um assim. Ele dizia ser responsável por supervisionar cavalos de um bicheiro. Ele sempre tinha um cavalo que me indicar para apostar. Todos os cavalos que ele me dava nunca entravam. Ele não parava quieto ia sempre pulando de mesa e em mesa, conversando com um aqui um ali, subindo e descendo o hipódromo atrás de barbada e dando barbada. No dia que o conheci estava desesperado porque não tinha dinheiro para voltar para casa, então emprestei-lhe 10 Reais que ele prometeu me pagar no dia seguinte. Porém no dia seguinte para conseguir reaver o dinheiro que lhe emprestei foi um martírio. Até com barbadas queria me pagar. Foi uma lição e tanto para mim.

[37] Acredito que seu circuito, a propósito, ultrapassem os muros dos hipódromos. Por meio de uma simples ligação ou um SMS pode conduzir a barbada do hipódromo para uma agência a alguns quilômetros dali ou para um apostador *on-line*. E, claro, o caminho oposto também será verdadeiro.

vermelhas – e no sentido contrário segue o *mwali* – braceletes brancos feitos de conchas. As trocas que se estabelecem dentro do *Kula* geram débitos, entre aqueles com quem se troca. Fazendo com que se troque sempre com as mesmas pessoas. Como estas trocas geram obrigações e, assim, mais do que dividas, vínculos são estabelecidos. Sendo como regra: "uma vez no Kula, sempre no Kula". De maneira similar, no hipódromo, os vínculos são estabelecidos por estas barbadas, que são como o *phármakon*: remédio e veneno.

Estes objetos no Kula são valorizados, não necessariamente pelo seu caráter estético ou de valor ritual, mas pelas suas histórias que carregam por estarem no Kula: "a história de cada uma deles [dos colares e braceletes], quando e por quem foram usados, como tinham passado de dono para dono e como a posse temporária desses objetos constituía um grande sinal social de importância e glória para (...) a aldeia" (p. 76). Na minha interpretação do Kula, o valor não está nas coisas em si, mas do "encantamento" social que são atribuídos a tais objetos por meio de suas histórias, como no caso das joias da realeza e de família que Malinowski compara aos objetos no Kula. Apesar sua forma intangível da barbada, ela também é revestido pela áurea mística da história. E pouco importa se elas são verdadeiras ou não. Histórias são fortes quando são sociais. E quando são sociais as histórias são as únicas coisas pelo qual parece valer a pena viver e morrer. Acredito que agora se possa compreender a frase do Dr. Ismael: "As pessoas gostam é da história".

A barbada é palavra. Ela só se "materializa" após o evento da corrida terminar. Antes disso não, é apenas esse poder, esse fascínio que exerce sobre si e sobre o outro. Mesmo não sendo um objeto material a barbada que se dá pede uma retribuição, portanto constitui num sistema de prestação total. Friso, *o universo da aposta hípica é constituído de informações e produção de conhecimento onde o detalhe pode ser crucial para acertar; nesse meio a barbada tem uma força quase-mítica e sócia que se torna um "bem" poderoso para aquele que a domina*. A barbada é o resultado poderosso da hipológia, que tornar a essa "ciência" de inexata para uma provável-exata.

A prestação total implica numa série obrigações complementares: de dar, de receber e de retribuir (MAUSS, 2003). Dito isto, três coisas são fundamentais explicar: I) o que obriga alguém a dar uma barbada, II) o que faz com que alguém aceite uma barbada e III) que retribuição é essa que acontece por meio da barbada. Uma barbada que poderia não ser

dada (ou compartilhada), mas é dada; uma barbada que poderia não ser aceita, mas é ela aceita; a retribuição poderia não acontecer, mas acontece.

As trocas de dádivas e contradádivas aparentemente são compostas de um caráter voluntário, mas que são, no fundo, regidas pela obrigatoriedade. "O caráter primordial da experiência do dom é (...) sua ambiguidade" (BOURDIEU, 1996, p. 7). Está interpretação do *Ensaio* sugere que: ao passo que é generosa e desprendida, aguada uma retribuição; e ainda que não seja generosa, pode esperar retribuição alguma. O fato é que ninguém pode ignorar a lógica da troca, mas age-se como se a ignorassem: "o dom só é de fato dom se não parecer como tal, nem para quem o faz nem para quem o recebe" (p. 10). Ao se dar uma barbada não se verbaliza que se quer algo em troca, mas espera-se algo.

E num geral, as contraprestações não acontecem de forma imediata, num "toma lá, dá cá". Existe um tempo, isto é, um intervalo entre as dádivas e as contradádivas. No turfe isto é nitidamente marcado pelo tempo do páreo. Só e somente só quando o páreo termina[38] que pode haver a contraprestação da barbada. Ou seja, ela se efetiva ou não com a vitória do cavalo indicado como barbada.

Como um dos barbadeiros me explicou: sempre quando uma barbada é dada espera-se que aconteça alguma "satisfação". Essa "satisfação" é, traduzindo por um conceito já utilizado, a contradádiva. A satisfação pode se dar de várias maneiras, o que a determina é o tipo de relação e de status que se estabelece ou se pretende estabelecer entre quem a deu e quem a recebeu. Pois "a obrigação de retribuir dignamente é imperativa. Perde-se a 'face' para sempre se não houver retribuição", sendo preciso "retribuir mais do que se recebeu" (MAUSS, 2003, p. 250 e p. 294). Assim, a retribuição pode ser como 10 ou 20% da pule obtida, como pagamento dum lanche, uma bebida ou simplesmente com o reconhecimento público da moral e da reputação enquanto entendedor do assumo hípico: "catedrático!", "deu aula!", "está sabendo das coisas" etc. O importante é enaltecer sem jamais rebaixar, mesmo que com alguma ambiguidade presente.

– Mas se você me der uma barbada que não é barbada? – continuei a inquirir o barbadeiro.

[38] Existe também um intervalo entre o término da corrida e a confirmação da comissão de corrida, que observa se não houve alguma irregularidade. Mas no geral, para se mostrar que o cavalo é barbada independe da comissão de corrida. Ela apenas dá o aval de que tudo estava certo.

– Aí você me dá uma cacetada! – rindo.

Claro que ninguém acerta um barbadeiro com uma cacetada. Pode até querer, mas para ser sincero, eu nunca vi. As minhas experiências de campo me mostravam que a prestação das barbadas tinha outra faceta: é difícil conseguir de alguém uma barbada, isto é, de qualquer um que não seja um barbadeiro profissional. Isso acontece por dois motivos distintos: I) nem todo páreo tem necessariamente uma barbada e II) dar barbada é se expor; se expor é cair em descrédito perder a reputação – é virar um barbadeiro (categoria acusatória).

Por isso, talvez, das vezes que perguntava se havia alguma barbada diziam que "isso não existe" que "só é barbada quando o páreo termina". E mesmo porque, sem perceber, ao perguntar pela barbada eu estava solicitando uma. Dr. Lafaiete se esquivava das minhas perguntas dizendo: "vai que é seu dia de sorte e atrapalho dizendo algo que eu acho? Vai pelo que achar melhor". Ou quando já tinha uma maior proximidade, como foi com os rapazes, que geralmente amenizavam dizendo que "olha, o outro ali me disse que é...", "... é o que falaram aí, não sou eu que estou dizendo". Ou então quando se dá é mais um palpite e não uma barbada ao dizer "eu gosto desse" ou "torço por esse", sem jamais empregar o termo barbada nas frases. Usa-se essa palavra com parcimônia.

Com alguma frequência enxergava ou estava próximo de alguém aborrecido, chateado mesmo, por ter seguido uma barbada errada. Cansei de ver alguns dos rapazes assim. Mas nada que demore mais do que alguns minutos. O Eduardo às vezes reclamava consigo: "É isso que dá ir pela cabeça dos outros!". E ele me dizia que essas pessoas sempre dispostas a dar barbadas eram "os emissários do Diabo". E explicava: "como o Diabo não pode vir pessoalmente, manda os emissários".

Coexistem, portanto, duas conjunções semânticas para a barbada. De um lado, dá-se a barbada como a finalidade de ajudar alguém, independente se for ajudar ou não. Seria uma forma de ajudar alguém, como no caso da voz misteriosa e do camarada que passava a barbada certa das piadas. Porque o ato da doação é um ato em si de generosidade, "é transferir voluntariamente algo que nos pertence a alguém de quem pensamos que não pode deixar de aceitar" (GODELIER, 2001, p. 22). Nestes casos, não é qualquer um que pode dar barbada. Dá quem aparenta poder ajudar e não quem se apresenta precisar ser ajudado.

Caso contrário, inverteria a hierarquia de "aceitar um dom é mais que aceitar uma coisa, é aceitar aquele que dá exerça direitos sobre aquele que recebe" (p, 70).

Por outro lado, se concebe a barbada como também como uma forma de "derrubar" o outro. Com essa obrigatoriedade da retribuição alguém pode dar barbadas aleatórias de maneira a "jogar com o dinheiro dos outros". Uma história nítida foi Barroca que me contou.

Segundo Barroca, tempos trás havia um guardador de carros que trabalhava no estacionamento do JCB. E para cada carro que entrava ele tinha uma barbada para oferecer. Ele era esperto, não dava nunca a mesma para todos que entravam. E ia registrando pela placa para quem deu cada barbada para evitar repetir e de se confundir. No fim da reunião, ele se desculpava alegando que havia sido mal informado para aqueles que a barbada não entrou. E para quem tinha passado o palpite dizia: "Eu não disse que seria barbada?". Com isso o guardador conseguiu arrumar alguns trocados nas corridas, sem jamais enfiar as mãos nos próprios bolsos. Com o tempo perceberam a malandragem dele e caiu em total descrédito (se isso o levou a perder o emprego não se sabe).

Uma pessoa que sempre passa barbada e, sobretudo, barbadas que não acontecem, é mal vista, como sendo "malandro", de que quer se dar bem à custa dos outros. E claro, passar uma barbada errada pode ser lido como um estratagema de levantar o placar de outro cavalo. No capítulo anterior, disse que quando mais apostado um cavalo for menor será o valor do seu rateio. Ora, a estratégia então é bastante simples de compreender. Ao informar que um cavalo pouco apostado é favorito, faz com que as movimentações do favorito migrem para este outro. Claro que essa estratégia é um pouco difícil de acontecer, porém é completamente possível. Por isso há quase sempre uma desconfiança no ar. Pois lembrando a frase de Quequé: "Nós roubamos ali, na pista".

Mas claro que não se pode julgar tais atitudes como coisas imorais; isto seria não apenas simplório como medíocre. Não se pode perder de vista que a aposta hípica é uma arena social que os homens têm para rivalizarem e disputarem entre si de forma metafórica através dos cavalos apostados.

A malandragem: o jogo é o *potlatch*

A corrida de cavalo por meio das apostas oferece aos homens não só um meio, mas uma arena social onde homens possam disputar entre eles e de se gabarem por suas vitórias e sua destreza no conhecimento hipológico. Como expliquei no capítulo anterior, a bolsa é o somatório do total de apostas que será rateada entre os vencedores. Ou seja, pode-se dizer que quando se acerta o(s) vencedor(es) é subtraído algo do(s) perdedor(es). A disputa se dá por meio do dinheiro. Pois o dinheiro no jogo (seja nas corridas ou mesmo em qualquer outro jogo), como muito bem colocou Whyte (2005), já citado.

O dinheiro é o elemento que acentua a rivalidade da atividade aumentando o próprio risco de perda. "E a essência do espírito lúdico é", escreveu Huizinga (2010), "ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão. A tensão aumenta a importância do jogo, e esta intensificação permite ao jogador esquecer que está simplesmente jogando" (p. 59). Acrescentaria que a tensão acontece porque é um jogo coletivo em que há muito mais em jogo no jogo, pois a honra, o prestígio, a reputação, a virilidade estão anexadas ao dinheiro apostado.

Em nota de rodapé, Mauss (2003) no seu *Ensaio sobre a dádiva*, sugere que "seria oportuno [...] estudar o jogo que, mesmo entre nós, não é considerado como um como um contrato, mas como uma situação na qual se compromete a honra e se entregam bens que poderiam não ser entregues. O jogo é uma forma de potlatch e do sistema de dádivas" (p. 238). Assim, penso a arena da aposta hípica como sendo uma *prestação total de tipo agonístico*, como nomeia Mauss o *Potlatch* (p. 192).

Potlatch é uma palavra kwakiutl para uma grande e solene festa em que duas tribos muito ricas do noroeste americano, os Tlingit e os Haïda, cerimoniosamente realizam enormes prestações jurídicas e econômicas cuja a finalidade é expressar sua superioridade ao outro grupo. É um sistema de trocas que se caracteriza pela violência, pelo exagero, e pelos antagonismos que suscitam (p. 235). Nele

> o consumo e a destruição são realmente sem limites. Em certos potlatch deve-se gastar tudo o que se tem e nada conservar. É uma disputa de quem será o mais rico e também o mais loucamente perdulário. O princípio do antagonismo e da

> rivalidade está na base de tudo. O estatuto político dos indivíduos, nas confrarias e nos clãs, as posições de todo tipo se obtêm pela 'guerra de propriedade' assim como pela guerra, ou pela sorte, ou pela herança, pela aliança e o casamento. Mas tudo é concebido como se fosse uma 'luta'. [...] Os bens se perdem no potlatch como são perdidos na guerra, no jogo, na luta. Em alguns casos, não se trata sequer de dar e de retribuir, mas de destruir, a fim de nem mesmo querer dar a impressão de desejar ser retribuído (p. 238-9).

Afirmar que as apostas hípicas sejam potlatch tal como *o* potlatch não consistiria numa comparação, mas em dizer que são idênticas. Além de incorrer em erro, seria demasiadamente inadequado para os propósitos da análise. O princípio antagônico competido está presente em ambos os contextos, porém ninguém nas corridas gosta de ser "loucamente perdulário" apostando em cavalos. Quem só perde é visto e se considera um "otário". A prestação total implica na noção de crédito, que concentra a ideia mesma de garantia e, sobretudo, de confiança, que é inseparável da ideia de honra. A honra é o que há de mais melindroso nesses processos. "Os homens souberam empenhar sua honra e seu nome bem antes de saberem assinar" (p. 241). A honra é o bem mais precioso que se possa desejar perder.

Como discuti anteriormente, é preciso saber jogar. No caso, saber jogar não é só conhecer as funcionalidades da aposta ou mesmo os conhecimentos hipológicos, mas saber se adequar. Isto é, saber se controlar e aceitar a perda. Um caso análogo é a dos frequentadores do botequim. O indivíduo que num estágio avançado de embriaguez é alguém que não é levado a sério. Ele é ridicularizado pela sua falta de autocontrole (SILVA, 1978, p. 88). No hipódromo um indivíduo que não sabe a hora de parar (de apostar) é visto com um "viciado". E o viciado é aquele que não tem controle sobre si mesmo[39].

Quando alguém apostava de forma que parecia inconsequente e irracional, isto é, apostando com grandes lances, era comum o olhar de espanto. Porque das duas uma: ou a

[39] Do meu ponto de vista não há nada no jogo que provoque o vício, no sentido patológico da expressão. O vício está mais na ânsia de obtenção de lucro, sendo assim seja no jogo ou em qualquer outro em que se possa ter um ganho econômico haverá algum descontrole. Podemos pensar cena clássica da corrida do ouro ou até mesmo nos *workaholics*.

pessoa pode se dar ao luxo de jogar dessa forma ou ela terá problemas em curto prazo. Muitos me aconselhavam, por eu ser bem mais jovem ali, em saber me controlar. E, nisso, admitiram que já haviam perdido muito não sabendo jogar. De qualquer forma, uma coisa importe nisso deve ser aprender: a aposta hípica não é (ou não deveria) ser compreendida com uma forma de obtenção de dinheiro ou de ascensão econômica.

Admito que fui picado pela mosca azul. Senti que estava desenvolvendo alguma habilidade em olhar os cavalos, acertava algumas pules e acha que eu podia aumentar as apostas e assim pode aumentar a aquisição de mais dinheiro. Na realidade, eu não sabia nem a metade do que descrevi aqui. E depois vi que sabia bem menos do que imaginava. De qualquer modo, ao comentar da minha ambição econômica com um turfista, o Seu Alberto, fui informado que isto era tolice da minha parte. "Aqui ninguém fica rico", disse.

Pelo estilo do jogo pode-se pensá-lo como uma bolsa de valores. A cotação dos cavalos assemelha-se a cotação da bolsa. E como diz Weber (2004), na bolsa "o especulador efetua a compra na esperança de revender mais caro, contanto, para o efeito, com uma evolução futura das probabilidades de compra e venda que lhe seja favorável". Nas corridas isso não acontece, a aplicação é "dura": ou se ganha ou se perde. Continua Weber sobre o especulador:

> É desde logo evidente que o seu trabalho não é uma mera operação aritmética, uma vez que o seu êxito depende do fato de a evolução real do preço do produto em questão ser conforme àquela com que o espectador contava. Este deve, por conseguinte, tomar em consideração todos os fatores que podem influenciar a evolução dos preços. Boas condições meteorológicas no Verão permitir-lhe-ão antever uma boa colheita e uma descida do preço dos cereais no Outono; rumores de imbróglios diplomáticos incitarão os respectivos detentores a desfazerem-se do papel-moeda e das obrigações nas potências envolvidas, o que determinará uma descida do preço daqueles valores; se a colheita russa de cereais for boa, o especulador poderá antecipar uma grande exportação cerealífera e, consequentemente, uma grande procura de dinheiro russo para a pagar e uma alta do preço do rublo, etc. Por maior que seja o seu conhecimento da situação presente, o especulador nunca poderá conhecer e controlar todos os incontáveis fatores que influem sobre a tendência para comprar ou vender uma determinada mercadoria ou um determinado título. Desde modo, intervirá

> sempre algum fator sorte (como num jogo de azar) na tentativa de tirar proveito de probabilidades futuras – fator este que a especulação bolsista partilha com qualquer outra forma de comercio (p. 114-5).

A utilização da analogia do jogador pode servir para ilustrar o especulador da bolsa, pois ambos mobilizam informações e conhecimentos para realizarem suas ações. Entretanto, a analogia inversa parece um tanto quanto inoportuna. Pois o objetivo da aposta hípica não é o enriquecimento (ou o empobrecimento) de ninguém. Como afirmei, a aposta hípica é um sistema de prestações de dádiva, e a economia de dádiva seja ela de tipo agonística ou não, não tem e nem pode ter o objetivo do enriquecimento econômico.

A maioria dos aficionados com que travei contato durante do período de pesquisa de alguma forma me mostravam através tanto das suas falas como pelas suas ações que não era nesse local e nessa prática que iriam mudar as suas vidas com um "golpe de sorte". Um golpe de sorte assim seria uma loteria como a Mega-Sena e não nas corridas. O prêmio por maior que seja é incapaz provocar uma ascensão social[40].

Quem pensa nas corridas com a finalidade de só e somente só ganhar mais dinheiro, não entende que ali é uma arena social. Isto é, um espaço destinado à rivalidade metafórica onde o dinheiro é empregado e que o dinheiro é a própria honra.

Esse antagonismo me pareceu sobre o nome da malandragem. Quando meus laços de contato se ampliaram dentro do hipódromo, passei a ouvir que "a malandragem tá jogando toda nesse cavalo".

– Quem é essa malandragem?

– Esse pessoal aí da malandragem, eles estão apostando em peso nesse cavalo.

A resposta é vaga. Mas justamente por ser vaga dá espaço para a ambiguidade tanto o que diz e o que não diz. A malandragem nunca é caracterizada. Ninguém é da malandragem ao passo que todos são da malandragem. A malandragem tem e não tem rosto

[40] Casos de pessoas que ganharam uma quantia razoável existem, mas são poucos. No entanto, essa quantia ganha nunca é algo capaz de transformar a vida de alguém. Claro, um prêmio de 10 mil, por exemplo, se bem investido pode fazer que alguém mude de vida, mas isso não depende do jogo, mas da finalidade de que se dá ao dinheiro ganho.

e nome. O malandro é aquele que se acha mais esperto que o outro. Seu oposto é o otário. Se você não está com a malandragem, você está do outro lado.

A malandragem não tem o mesmo efeito de barbada, mas nada impede que as coisas estejam imbricadas. Ela pode ter o efeito de suspeita, isto é, de uma possível trapaça. De que algo cheira mal no reino da Dinamarca, mas não se sabe necessariamente o quê. E pode ser que seja só um blefe. Por conta do GP São Paulo, conheci no Hipódromo de Cidade Jardim o sr. Paola, que segundo me apresentaram, é um grande jogador de pôquer e um turfista que costuma acertar bastante.

Na segunda-feira após o GP encontrei novamente com Paola e resolvi ir direto ao assunto, não podia perder tempo, estaria embarcando de volta ao Rio de Janeiro em algumas horas.

– Há alguma semelhança do pôquer com as corridas?

Paola pensou alguns minutos e respondeu:

– Sim, há muito em comum.

– O quê?

– Com tempo você vai entender.

Caso possa adiantar esse tempo da compreensão, arriscaria minhas fichas no blefe. A ideia de blefe é iludir outros, seja para os tirarem do jogo ou os fazerem dobrar as apostas. A ideia por trás é a mesma da malandragem. O que potencializa o pôquer como um jogo antitético é o blefe; nas corridas, a malandragem. Que envolve esperteza, destreza e mesmo informantes das alas profissionais.

Um turfista ao dizer que foi "roubado" não está dizendo que foi realmente roubado, na realidade está reafirmando o caráter agonístico de arena social que o hipódromo é. Faz parte do jogo. O sentimento de ser "passado para trás" não culpa os outros, mas a si mesmo por se deixar enganar, de ser feito de otário. Assim, a concepção da malandragem ou mesmo do "roubo" pode ser tanto no seu sentido literal como no figurado.

O roubo e a malandragem são presentes nos primórdios do Turfe na cidade do Rio de Janeiro. Como mostrou Luís Edmundo (2003), sobre o nome de "patotas e tribofes" que seriam as "burlas como se explora a ingenuidade de apostadores" (p. 532). Como é o caso da égua Hirodelle.

De qualquer forma o que ameniza a malandragem é o *fator animal*. Como foi visto deste o primeiro capítulo, o cavalo não faz acordo. Por mais que possam urdir a vitória de um páreo há fatores que estão para além do desejo humano. Claro que este fator não encerra a discussão, mas serve tanto de defesa como de ataque, dependendo do contexto do páreo e das deliberações tomadas pela comissão de corrida.

As apostas, portanto, funcionam num jogo de constantes perdas e ganhos materiais. Se ganha um tanto aqui para se perder outro lá. O objetivo maior é evitar o saldo negativo. Mas a grande disputa não é econômica é de prestígio. E prestígio não há dinheiro que compre.

Arena de reputação

Ao interpretar as relações que se estabelecem nas apostas hípicas sobre a ótica do sistema de prestações de dádiva de Mauss, os dois modelos – o da malandragem e o da barbada – estão mais do que imbricados. Eles fazem não só parte inerente ao jogo de apostas nas corridas de cavalos, como alimentam outro jogo: o de estar em associação no jogo.

Uma vez um dos turfistas me disse que ali dentro não existe amigo, existe colega. Não gostaria de recorrer à semântica das duas palavras, mas de qualquer modo sabemos que ambas tem pesos muito distintos. Uma afirmação como essa sugere que as relações dentro do hipódromo são apenas superficiais. A vivência de campo me mostrava outra coisa. Exemplifico:

Num dia sufocantemente quente desci da arquibancada até o bebedouro, quando passou por mim o Pita. Fazia algum tempo que não o via por ali. O cumprimentei perguntei sobre como ele estava, que andava sumido.

– Estou sempre zanzando para lá e para cá.

Aproveitei também perguntei sobre Jota Santos. Também fazia tempo que não o encontrava. Por onde anda o Santos?

– É... Estou preocupado com o Santos. Faz algumas semanas que não o vejo mais por aqui. Aí, sabe como é...

– Talvez ele esteja cansado, só isso. Dando um tempo com a família, em casa...

– Não! Não é isso. A pessoa só não vem por dois motivos para cá: ou porque quebrou ou... ou morreu.

Apesar da carga dramática da fala de Pita, ela deixa claro o compromisso que se tem em estar lá, seja para dizer que não quebrou e que não morreu. Mas mais do que isso, ela revela a preocupação com o companheiro. Isso não me parece existir com um mero colega.

Nos fins das reuniões era comum encontrar alguns dos barbadeiros ganhando carona. "Você vai para onde? Vamos lá, não vou passar lá, mas te deixo próximo". Mas não só barbadeiros, como os próprios companheiros aficionados. Seria esse ato uma retribuição? Possivelmente, mas é mais do que uma simples retribuição de favores. Seria demasiadamente simplória tal conclusão.

Dou outro exemplo, um que aconteceu comigo. Estava afastado do hipódromo, redigindo um *paper* e os esboços para o presente trabalho que você, leitor, agora tem nas mãos. Sai para resolver algumas coisas a alguns metros de casa. Atravessando a faixa de pedestre escuto uma buzinada. Olhei para o lado: era o Barroca.

– O que você está fazendo aqui nesse fim de mundo? – perguntou colocando a cabeça para fora do carro.

– Eu moro aqui.

– O pessoal lá anda perguntando por você. Você sumiu.

– É, dei um tempo para poder escrever a dissertação.

– Mas vê se aparece.

– Vou tentar.

Eu não devia nada a ele e nem o Barroca me deve qualquer obrigação ou satisfação. Acredito que não me cumprimentou porque se sentiu no dever ou na obrigação de falar comigo. Óbvio que não. Se ele não tivesse buzinado jamais teria olhado para dentro do veículo onde ele estava. Para mim foi algo mais. Com a realização da pesquisa de campo, vivenciando as apostas nas corridas, estabeleci laços, querendo ou não, com estas pessoas. Ao passo que os ia conhecendo, eles, por sua vez, iam me conhecendo. Nada mais justo.

Mas esses laços também podem ser desatados. Uma discussão tensa entre dois aficionados que presenciei mostrou isso. Como quase todas as discussões, esta começou por bobagem. Bastou um fazer um comentário bobo... "Eu já estou cansado de você! Você

é o senhor sabe-tudo! Já estou por aqui...". E assim, farpas desaforos são trocados entre eles. Cada um vai para o seu lado. Mesmo próximos e no mesmo circulo não se falam. Nas reuniões seguintes a mesma cena se repete, até que um dos envolvidos admite, para mim, que ficou sentindo com o que aconteceu: "era parceira de muitos anos". Os outros preferiram não se envolver.

Para Simmel (2006) a ideia de sociedade é a da interação entre os indivíduos. Essa interação é dinâmica. Pois "os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos" (p. 17). Ou seja, a vida social é feita e refeita por fluxos incessantes, de que os indivíduos estão ligados pela influência mútua e pela ação recíproca. E conclui que "a sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas sociação". (p. 18)

(A palavra *sociação* inexiste no dicionário da língua portuguesa. Sociação é um neologismo que o tradutor de Simmel deu para o termo alemão *vergesellschaftet*. A tradução mais adequada é a de associação. Temos a ideia de associação como uma entidade que congrega pessoas de por interesse comum: associação de moradores, associação comercial. E assim raramente usa-se associação como com a ideia de um individuo se juntar a outro, com ou sem alguma finalidade).

As associações são acompanhadas pelo sentimento e a satisfação de se estar em socialização, enquanto um valor de formação coletiva por si mesma. Com isto, Simmel afirma que a sociabilidade é uma forma lúdica de associação e que se comporta do mesmo modo que a obra de arte se e relaciona com a realidade: não há qualquer finalidade objetiva onde nada se busca além da satisfação desse instante (p. 63-64). E a sociação não é apenas de forma positiva, mas também negativa.

No meu entender tornar essa a sociabilidade de Simmel mais relacional e menos mentalista é o sistema de prestação de dádiva de Mauss, pois é a dádiva que torna a sociabilidade mais viável. São por meios de dádivas que laços de associação são estabelecidos. Pois "a diferença", argumenta Hyde (2010), "entre uma doação e aquisição de uma *commodity* é que a doação estabelece uma relação afetiva entre as duas pessoas envolvidas, enquanto a venda de uma *commodity* não deixa, necessariamente, conexão

alguma" (p. 105). Pode ser que existam ressalvas quando as *commodities*, pois podemos estabelecer relações de confiança com um determinado vendedor de camisas ou com um livreiro de confiança. Mas de qualquer forma a relação, em essência, é outra. Ficaria com as palavras do próprio Mauss, quanto à potência geradora da dádiva. Nas dádivas existe a mistura, isto é: "Mistura-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato da troca" (p. 212). Acredito que é nessa mistura e não na interação puramente psíquica entre os indivíduos que a sociabilidade ocorre.

Nos restaurantes baratos do Sul da França os fregueses sentam às suas mesas com desconhecidos. Os comensais dispõem à sua frente uma garrafa de vinho que cordialmente o primeiro enche o copo do próximo e este, por sua vez, retribui a gentileza enchendo do copo do primeiro. Nessa ação banal, que é apresentada por Lévi-Strauss (2009), "do ponto de vista econômico ninguém ganha ou perde. Mas é que na troca há algo mais que coisas trocadas" (p. 98), trocam-se também gentilezas, palavras, amabilidades... "A proximidade espacial transforma-se em vida social por meio da troca de doações. Além do mais, o ato de servir vinho ao outro sanciona outro tipo de troca – a conversa – e daí uma série de envolvimentos sociais se desdobra" (HYDE, 2010, p. 106).

A barbada e a malandragem cumprem esta mesma função: elas geram a sociabilidade dentro do hipódromo. Mais do que dar palpite sobre os cavalos que ganharão, elas iniciam o encontro, o diálogo, a conversa e a amizade, como provém desfazê-las com a disputa, a rivalidade, a competição e ainda refazê-las. A sociabilidade promovida pela troca que é generosa e interessada como também obrigatória e desinteressada, alimentando o encontro amigável e ao mesmo tempo de contenda simbólica fomentada pela aposta hípica.

O ato de dar "manifesta superioridade, é ser mais, mais elevado, *magister*, aceitar sem retribuir, ou sem retribuir mais, é subornar-se, tornar-se cliente e servidor, ser pequeno, ficar mais baixo (*minister*)" (MAUSS, 2003, p. 305). E o dar, no caso da barbada, pode inverter isso, reduzindo aquele quem deu. O ato de dar é potencialmente perigoso, uma vez que pode não acontecer. E a perda é a reputação.

Mas é claro que a perda da reputação não é tão fácil como a escrita dá a entender. Existe toda a justificativa, de que o cavalo não correu tanto, de que a ferradura abriu, de que

o jóquei errou ao chicotear de forma precipitada ou exagerada etc. Alguns se deixam levar por elas. Outros acabam concordando que poderia mesmo acontecer *se* não fosse... A imponderabilidade das corridas somada a inexatidão da ciência hípica tão em sentido ao erro e ao equívoco. Desta forma, preservando, até certo sentindo, o que é mais importante: a honra. Pois nesse jogo é a única coisa que não se pode é perder.

Dos rapazes, o Comandante é quem menos entende de corrida de cavalo. Tem pouca afinidade no estudo do programa, o que poderíamos pensar que o colocaria num estado inferior ao demais "hipológos". Não é que ele não estude, mas parece não confiar no que vê. A sua estratégia para as apostas combinadas (pick7, betting 5, super betting) é mais ouvir os que os outros têm a informar.

O Comandante nunca pareceu ir por qualquer um. Ele tem lá seus os barbadeiros favoritos e, importante, de confiança. Ele senta na tribuna para assistir as corridas trazendo no seu programa marcado com as indicações que lhe dão. E até efetivar a apostas vai acrescentando as combinações com uma ou outra informação dos rapazes. E assim vai montando seu jogo.

As combinações do Comandante são conhecidas por arriscar em alguns páreos a combinação "todos com todos", geralmente em páreo que ninguém arrisca sugerir uma barbada, um indicam alguns bons cavalos que poderiam chegar na frente. Ele sabe que essa estratégia é arriscada por elevar o valor da aposta, sabe que pode se dar um luxo de sustentar tal coisa. Essa é sua garantia de que esse ponto ele não perde. Aí o que o Comandante faz é torcer para não entrar um favorito nesse páreo, para pegar um rateio grande.

Um dia Comandante conversava com Oswaldo, tendo ambos dado conta que estavam para realizar um "bolo" bastante similar. As diferenças das duas combinações interessaram a ambos, porque parecem fazer sentindo de um lado e de outro era um palpite bastante valido. O acréscimo de tais combinações sairia muito caro para eles. Resolveram então se unir, bancando juntos uma aposta com muitas combinações. Ele formaram uma espécie de aliança.

No final da reunião perceberam que esta foi uma aliança muito bem aproveitada. Juntos, Comandante e Oswaldo, acertaram um pick 7 de mais de 20 mil. Nessa noite

formou-se uma fila na arquibancada para quem o Comandante retribuía a todos de forma generosa.

Nas reuniões seguintes, o Comandante estava mais do que com as "contas em dia" com os amigos aficionados e com os barbadeiros, e estava com sua reputação elevada. Havia mais do que ganhar dinheiro; ele acumulou para si honra, prestígio e poder se gabar da sua vitória retribuindo a todos que (um dia) o ajudaram. Nas reuniões que se seguiram ainda se comentava o seu ato generoso. Ninguém tinha nada contra a dizer do Comandante, mesmo que discordasse das suas posturas políticas. Comandante foi superior, um duplo vencedor.

Por essas e outras tantas que as apostas nas corridas de cavalo se tornam um jogo essencialmente social, em que homens por meio dos seus espelhos bestiais rivalizam e das suas convicções hipologicas disputam riquezas, ao passo que por causa deste certame os homens também se unem e se ajudam, pelo prazer de estar em associação. A contradição e a ambiguidade não é o problema, pois onde houver contradição lá estará o social.

Conclusão: Cavalos, Rateios & Barbadas

On the first part of the journey I was looking at all the life
There were plants and birds and rocks and things
There was sand and hills and rings
The first thing I met was a fly with a buzz
And the sky with no clouds
The heat was hot and the ground was dry
But the air was full of sound

I've been through the desert on a horse with no name
It felt good to be out of the rain
In the desert you can't remember your name
'Cause there ain't no one for to give you no pain

America, *A horse with no name*.

Quando fui pela primeira vez ao Hipódromo da Gávea, como não conhecia absolutamente nada, a questão era o que essas pessoas que vão às corridas dizem a respeito do que estão fazendo ali. Isto, na época, me pareceu mais do que um projeto modesto, mas algo sensato a ser feito. Afinal de contras, quando não se sabe muita coisa sobre o local a primeira coisa que fazemos é tratar de nos informar de como é o lugar e como as pessoas ali agem.

E conforme ia me familiarizando[41] com as corridas de cavalo e também criando associando com alguns frequentadores, naturalmente, começamos a nos aprofundar mais naquilo que conhecemos. E começamos a descobrir o quando ainda se desconhece. Alguns episódios e eventos curiosos, o local, como também as pessoas com quem estabeleci contato conduziram-me para questões das quais sem elas talvez não fizesse ou, então, não fizesse da mesma forma. Quero dizer, as indagações que fiz enquanto realizava a pesquisa

[41] É tentador usar logo após "familiar" o termo "exótico", sobretudo previamente informado e formado por textos clássicos da antropologia brasileira como DaMatta e Velho (1978, ambos), pois parece o "ser antropólogo" é um constante *transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico*, como um espécie de chave que se alterna constantemente. Não creio que isso se dê de maneira tão simples, uma vez que o antropólogo realiza as duas operações ele situa-se entre o aquém e além. Isto é, nada mais será para ele tão familiar como antes fora e nem tudo mais será exótico como uma vez foi. Ele, depois, se situa entre os dois mundos: o de cá e o de lá.

de campo eram inúmeras. Em algumas destas indagações eu não cheguei nem perto de esboçar uma explicação razoável para uma resposta sem tantos achismos.

De qualquer forma, busquei ao longo dos capítulos falar sobre o processo do conhecimento hípico e de como a as trocas de barbada são um fator complicador ou agonístico na e para a aposta hípica. De início acreditei que meu escopo era essencialmente a sociabilidade masculina dentro do contexto das corridas, de como se promove os laços sociais em ambiente competitivo. Falhei bastante quanto a isso. Na busca pela sociabilidade foi me aprofundando na pauta do dia do hipódromo, a realização das apostas. Vi que o conhecimento hipológico o valor nesse ambiente social, o que implica no aprendizado constante de interpretar os sinais emitidos pelos cavalos e a analise da leitura das séries numéricas das campanhas e dos retrospectos dos cavalos de corrida e, por fim, as relações humanas que acontecem nas apostas e por meio das apostas.

Como meu interesse era compreender os "comos" e os sentidos pertinentes à prática entre os apostadores de corrida de cavalo, achei que seria bastante óbvio iniciar pelos cavalos. Pois, se estivesse pesquisado os jogadores de poker ou de futebol provavelmente iniciaria pelas cartas e pela bola. Quero dizer, acredito ser necessário olhar para o que eles apontam e não para o dedo que aponta. Afinal o é necessário compreender o arcabouço simbólico e efetivo do elemento máximo da prática. Noutras palavras, o que diabos os apostadores veem quando veem o cavalo.

Os cavalos são provavelmente uma das criaturas mais fantásticas na história do desenvolvimento humano. Estes animais ocuparam e ocupam sempre os espaços do não apenas do lá e do cá, mas do "entre". Isto é, entre o rural e o urbano, entre a guerra e a paz, entre o trabalho e o lazer. A representação deles circula entre o que há de mais viril no homem e o mais sensual nas mulheres. E o que é fundamental para as apostas hípicas: o conhecimento sobre eles. Mas ao passo que são passíveis de serem conhecidos são também totalmente misteriosos, são o ponto fugidio, o *fator animal*.

Por mais que se possa conhecer e entender do pedigree, da dinâmica motora e dos aspectos físicos do Puro-Sangue Inglês, eles ainda sim podem surpreender e surpreendem. E é isso que tanto fascina. Milton Lodi – assim como outros aficionados – contava de alguns cavalos que testemunhou correr que contrariaram as regras e os padrões da lógica, assim como os próprios diagnósticos veterinários, se consagrando como vencedores de

provas de grupo, e imortalizando seus nomes. Casos assim não são comuns, mas acontecem vez ou outra. E é isso que tanto fascina os turfistas: a probabilidade da improbabilidade.

A *expertise* da interpretação símbolos e dos signos hípicos, que chamei de hipologia, são fontes que dão ao turfista aficionado as bases da convicção da sua aposta. Isto é, oferecem uma razão pelo qual se aposta em determinado cavalo e não em outros. Assim, heurística hipológica dos apostadores, por mais que seja marcada por tanta idiossincrasia, tende a encontrar os mesmos resultados, um dos motivos para que o rateio dos favoritos pague tão pouco. Fora as histórias e as barbadas que surgem junto ao conhecimento hípico. Mas há sempre uma esperança de enxergar esses elementos e algo que ninguém mais viu.

O hipódromo proporciona, como as corridas, um ambiente onde o público aficionado rivaliza por meio das apostas com suas riquezas colocando em jogo não apenas o dinheiro, mas a honra, o prestígio, a estima e o *status* conjuntamente colocando-os em uma relação recíproca, onde associações s são constantemente feitas, desfeitas e, novamente, refeitas. A barbada e a malandragem nesse movimento constante de distensão e extensão, de competitividade e de amizade, tornam a aposta hípica ao mesmo tempo agonística e congregadora, e o hipódromo um local para se rever os rapazes e disputar contra os rapazes.

Nessa arena há, mais do que uma simples competição econômica de status, espaço para aproximar os homens. Espaço onde estes homens compartilharem momentos entretidos como o espetáculo para se desafiarem e, também, para conversarem pelo prazer de estar espontaneamente em associação.

A aposta hípica enquanto uma atividade de disputa entre homens oferece aos seus interessados a emoção da competição, uma distribuição lúdica de economia num jogo de status e, sobretudo, um pretexto para estarem juntos em associação. Muitos destes homens vão lá por gostarem da estar lá, sem necessitar de um pretexto.

O hipódromo representa na vida deles não só momentos de lazer, mas um local para o escape dos problemas cotidianos e da vida trivial. Um espaço onde mais do que oferecer uma certa liberdade, os preenchem de sentido, junto de homens e cavalos. Pois se não houve qualquer sentido na prática porque haveriam de voltar constantemente? O "gosto pela coisa" só se dá por esse sentido. Pois há algo nele que transcende a briga por status.

Ninguém, a menos que perca descontroladamente apostando, perde o status. O status é muito mais no sentindo em jogo e no jogo. A reputação é circunstancial. O movimento pendular de perder e ganhar, oferece a constate pedagogia de aprender a estar do lado certo do jogo. Aprender sobre os cavalos é aprender sobre si, sobre saber perder e parar. Em suma, o autocontrole. Pois é preciso saber que nesse jogo, há algo que, no fim, não corresponde à previsão e aos desejos humanos.

Demorei vários e vários dias até perceber que a resposta para interpretar o ato das apostas hípicas estava no que me levou até as carreiras: Charles Bukowski. Bukowski escreveu inúmeras crônicas, em algumas delas fez apenas sutis menções e noutras escrevia sobre as corridas de cavalos. Alguns o consideram misógino, machista, violento ou mesmo obsceno pelo conteúdo da maioria dos seus textos. Penso que isso não passa de uma precipitada moralidade que parece confundir o autor e sua obra. Tenho a impressão de que Bukowski passa na sua escrita sua perspectiva amargurada e descrente que parece vagar para uma total indiferença. Seus escritos estão entranhados de tal perspectiva de mundo, porque é assim que o mundo lhe parece. Ao menos é esta a visão que tenho enquanto seu leitor e não como crítico literário ou mesmo seu biógrafo.

O ambiente das corridas descrido por ele parece sempre imundo, habitado por pervertidos, pés-rapados e outros tantos degenerados que ficam circulando feitos abutres. Talvez seja assim que o Hipódromo de Hollywood era visto por ele ou como sempre desenhei na minha imaginação de leitor. De qualquer forma, isso pouco importa. Percebi uma recorrente aproximação do hipódromo e as apostas com o mundo assim como a vida. Por exemplo, numa descrição da ação de um dos seus personagem:

> [Jack Hendley] abriu o programa e recomeçou o trabalho, pensando ao mesmo tempo na multidão que se reúne nos hipódromos – uma fera imensa, imbecilizada, gananciosa, solitária, malévola, mal-educada, bronca, hostil, egoísta e viciada. o mundo, infelizmente, vivia infestado de bilhões de criaturas que não teme nada para fazer a não ser matar o tempo e matar a gente (1985, p. 77).

Ou ainda: “frequentar o hipódromo ajuda a compreender como a gente, e também o resto da humanidade, é”. Pois vai emendar que “as corridas de cavalo revelam logo onde sou fraco e onde sou forte” (p. 84).

E foi a partir dessa leitura que pude me dar conta algo que os rapazes pareciam dizer por meio de suas ações. O ato de apostar se revela como um misto de loucura e ousadia que desafia os outros a lhe provarem que está errado, da mesma forma em que se aposta num animal que pode estar dizendo “aposta em mim” ou dizendo qualquer outra coisa, mas que não se sabe muito bem. Afinal de contas, cavalos não falam. Ou falam?

Nas corridas assim como na vida é preciso ser um pouco idiota às vezes e arriscar em um cavalo ou em qualquer outra incerteza. Pois no final das contas a própria vida é a grande incerteza. E gostaria de citar outra vez minha passagem favorita dele:

> Só aposte quando puder se dar ao luxo de perder. Quero dizer, sem depois ter que dormir num banco de praça ou se provar de 3 a 4 refeições. O essencial é primeiro pagar o aluguel. Evitar problemas. Terá mais sorte. e lembre-se do que dizem os profissionais: “se tiver que perder, perca com classe”. noutras palavras, desafie os outros a derrotarem você. se de um jeito ou doutro tiver que perder, então mande tudo para o inferno. Pegue alguém para dançar nos portões de saída, a vitória é tua enquanto ninguém te derrotar, até que passem por cima do teu cadáver. O preço que se paga geralmente não é muito caro, pois o público detesta o que chama de “desistente” – um cavalo que já amanhece encilhado e ainda consegue perder. para eles não há nada pior. Para mim, um “desistente” é qualquer cavalo que não ganhe a corrida (1984, p.113).

No fim estamos todos apostando em algum tipo de cavalo, cavalo-animal ou cavalos-nós, tentando acertar aqui e ali. Com esperança ou não, mas só para ver no que vai dar. A ciência inexata é uma grande lição do hipódromo. Se que quando nos achamos mais esperto demais vemos que estamos enganados. Que confiar nos outros pode nos levar tanto ao céu como ao inferno. A ambiguidade e a contradição são inerentes as corridas e a vida. E isso não é nenhuma barbada.

Apêndice A – Mapa do Hipódromo Brasileiro



Apêndice B – Glossário de termos turfísticos

Ano Hípico: período compreendido, no hemisfério sul, entre 1º de julho a 30 de junho. A cada novo ano hípico todos os cavalos mudam suas idades (ver "*Idade Hípica*") e uma nova temporada se inicia, recomeçando as estatísticas.

Canter: o galope de apresentação de curta distância realizando antes do páreo para demonstração pública do estado físico do cavalo.

Cavalariço: profissional que presta serviço de assistência ao treinador nas cocheiras e responsável pela movimentação dos cavalos.

Claming: prova em que os animais inscritos são passiveis de serem comprados por valores de remate, conforme um regulamento próprio.

Criador: Pessoa física ou jurídica proprietário de égua reprodutora.

Descarga: a redução do peso básico atribuído ao cavalo em relação a uma determinada chamada.

Desferrado: Ou desferrageamento, significa que o cavalo que corre sem nenhuma ferradura.

Disco de Chegada: marco de referência da linha de chegada.

Dupla: Modalidade de aposta que consiste que apostar no dois cavalos primeiros cavalos, independente da ordem de chegada.

Enturmação: o agrupamento do cavalo para efeito de corridas, pelo critério de vitórias ou prêmios, em primeiros lugares.

Exata: Modalidade similar a "*Dupla*", porém deve se acerta a ordem exata de chegada do primeiro e do segundo colocado.

Ferrageamento: a aplicação do conjunto de ferraduras aprovadas pela Comissão de Corridas.

Forfait: pagamento pela retirada de um cavalo inscrito no páreo sem justificativa. (ver "*Retirada*").

Handicap: a denominação do páreo no qual, através de uma escala de peso, se procura equilibrar a disputa entre os cavalos que nele participarem.

Haras: o estabelecimento de criação de cavalos de corrida.

Idade hípica: o número de anos do cavalo, contados a partir de 1º de julho do ano de nascimento ou do ano anterior, quando o nascimento ocorrer no primeiro semestre (ver "*Ano Hípico*").

Inscrição: ato onde o proprietário ou o treinador increvem o(s) cavalo(s) para participação em determinado páreo.

Lasix: (Furosemida), medicamento tanto para humanos como para os animais usados para hipertensão artéria e edemas cardíacos, hepáticos e renais.

Jóquei: o profissional autônomo habilitado para conduzir cavalo em treinamento ou em páreos.

Jóquei-aprendiz: o profissional autônomo, aluno ou não da Escola de Preparação de Jóqueis, autorizado a montar cavalos em treinamento ou em determinados páreos.

Paddock: recinto do hipódromo destinado à permanência dos cavalos antes do seu ingresso na pista de corrida.

Páreo: a reunião dos cavalos inscritos para participarem de uma prova.

Partidor (Stanting-gate): o equipamento usado para dar a partida do páreo.

Placê: Modalidade de aposta em que o cavalo escolhido se chegar até 2º lugar que o prêmio está garantido.

Programa: ver "*Programa de corridas*".

Programa de Corridas: o conjunto de páreos que formam uma reunião turfística.

Proprietário: pessoa física ou jurídica que é titular do direito de propriedade sobre cavalos (ver "Stud").

Pule: Bilhete de aposta e o valor apregoado a aposta de cavalo.

Quatrifeta: Modalidade de aposta que consiste em acertas a ordem dos quatro primeiros cavalos.

Redeador: o profissional que, sob a responsabilidade de um treinador, o auxilie na preparação dos animais nos trabalhos de pista.

Retirada: o cancelamento da participação do cavalo do páreo tido como inapto, na ocasião da corrida, pelo departamento veterinário (ver "*Forfait*").

Segundo-gerente: o preposto do treinador que o auxilia e o substitui em suas ausências.

Sobrecarga: o peso acrescido à carga do cavalo para equilíbrio do páreo (ver "*Descarga*").

Servente de cocheira: o profissional que presta serviço de limpeza nas cocheiras.

Stud: termo pseudomínico do proprietário ou de co-proprietário de cavalos de corridas.

Treinador: o profissional autônomo habilitado a tratar e preparar os cavalos sob sua responsabilidade.

Trifeta: Modalidade de aposta em que se indicam, em ordem de chegada, os três cavalos vencedores.

Vencedor (ou ponta): Modalidade mais simples de aposta, onde se indica o cavalo que provavelmente ganhará o páreo.

Bibliografia:

ABUJAMRA, Samir.
2011. *Turfe: História e Memória*. S/local: Arte & História.

ADELMAN, Miriam.
2012 As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 19, n. 3, mar.

ADELMAN, Miriam; MORAES, Fernanda Azeredo de.
2008. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. *Esporte e Sociedade*. Níterói, ano 3, n.9.

BARCELLOS, Sérgio.
2002. *Cavalos de corrida: uma alegria eterna*. Rio de Janeiro: Topbooks.

BARTHES, Roland.
2004. *Inéditos, I: teoria*. São Paulo: Martins Fontes.

BLAY, Jean-Pierre.
1994. Gentleman tropical e mundo hípico na cidade do Rio de Janeiro (1868-1932). *Revista do IHGB*, 155 (382).
2007. Espaços urbanos, práticas físicas e sociedade esportiva na cidade do Rio de Janeiro no século XX. *Revista do IHGB*, 168 (437).

BOURDEIU, Pierre.
1996. Marginalia, algumas notas adicionais sobre o dom. *Mana*. Rio de Janeiro, v.2, n.2. Out.

BUKOWSKI, Charles.
1976. *Crônicas de um amor louco*. Porto Alegre: L&PM.
1985. Fabulário geral do delírio cotidiano. Porto Alegre: L&PM.
2011. *O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio*. Porto Alegre: L&PM.

CASSIDY, Rebecca.
2002. The Social Practice of Racehorse Breeding. *Society and Animals*, v.10 (2).
2004. Afterword: manufacturing gambling. *Oceania*. Vol. 84, nov.
2014 'A place for men to come and do their thing': constructing masculinities in betting shops in London. *Britsh Journal of Sociology*. V. 65, nº 1.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto.
2006. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP.

CARVALHO, Ney O. R (Editor).

1998. *Jockey Club Brasileiro 130 anos: Rio de Janeiro, um século e meio de turfe*. Rio de Janeiro: Jockey Club Brasileiro.

CIRLOT, Juan-Eduardo.
1984. Dicionário de símbolos. São Paulo: Editora Moraes.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain.
1998. *Dicionário de Símbolos : Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número*. Rio de Janeiro: José Olympio.

CROSBY, Alfred W.
2011. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DaMATTA, Roberto.
1978. O oficio de etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: NUNES, Edson de Oliveira (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
1983. Introdução: Repensando E. R Leach. In: DaMATTA, Roberto (org.). *Edmund Leach: antropologia*. São Paulo. (Coleção grandes cientistas sociais)

DELORT, Robert.
2006. Animais. In: LeGOFF, J.; SCHMITT, J-C. (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor.
2011. *O Jogador (do diário de um jovem)*. Porto Alegre: L&PM.

DOUGLAS, Mary.
2012. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.

DUBY, Georges.
1989. *A sociedade cavaleiresca*. Lisboa: Teorema.

EDMUNDO, Luís.
2003. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial.

EVANS-PRITCHARD, Edward E.
2005. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar.
2008. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva.

FLORI, Jean.
2006. Cavalaria. In: LeGOFF, J.; SCHMITT, J-C. (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC.

GEERTZ, Clifford.

1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT.

2012. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.

GODELIER, Maurice.

2001. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HAUDRICOURT, André-Georges.

2013. *Domesticação de animais, cultivo de planta e tratamento do outro*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. (Série tradução)

HUIZINGA, Johan.

2010. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.

2013. *O Outono na Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: Cosac Naify.

HYDE, Lewis.

2010. *A dádiva: como o espírito criador transforma o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LATOUR, Bruno.

2000. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP.

LEACH, Edmund.

1983. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: DaMATTA, Roberto (org.). *Edmund Leach: antropologia*. São Paulo. (Coleção grandes cientistas sociais)

Le GOFF, Jacques.

2011. Heróis e maravilhas da Idade Média. Petrópolis: Vozes.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela F. F.

2013. Estar lá e não estar, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life. In: *Revista Cronos*. V.12.

LÉVI-STRAUSS, Claude.

1989. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.

2009. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes

.

MALINOWSKI. Bronislaw.

1978. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção os Pensadores).

MAGNANI, José Guilherme Cantor.

2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 17, nº 17.

MARX, Karl.
2013. *O Capital: crítica da economia política: livro 1*. São Paulo: Boitempo.

MAUSS, Marcel.
1972. *Manual de Etnografia*. Lisboa: Pórtico.
2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

MELO, Victor Andrade de.
2000. Cidade Sportiva: o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903). *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.7, n.1.
2010. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX. MARZANNO, Andrea e MELO, Victor Andrade de (orgs). *Vida Divertida: História do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri.
2011. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ.

MERLEAU-PONTY, Maurice.
2004 *Conversas, 1948*. São Paulo: Martins Fontes.

MEZRICH, Ben.
2006. *Quebrando a banca: como seis estudantes ganharam milhões em Las Vegas*. São Paulo: Companhia das letras.

MONTAIGNE, Michel de.
2010. *Os ensaios: uma seleção*. São Paulo: Companhia das letras.

MORAES, Fernanda Azeredo de.
2009. *Sobre glórias do passado: um estudo sociológico sobre homossocialidade, espaço, masculinidade e envelhecimento*. Monografia. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná.

PEIRANO, Mariza.
1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PÉTONNE, Collete.
2008. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, n. 26, 2º sem. Niterói: EdUFF.

POLANYI, Karl.
2000. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janerio: Campus.

PRESTERUDSTUEN, Geir Henning.

2004. Horse race gambling and the economy of ‘bad money’ in contemporary Fiji. In: *Oceania*. Vol. 84, nov.

RIBEIRO, Renato Janine.
2006. Hobbes: o medo e a esperança. In: WEFFORT, F. C (org). *Os clássicos da política, 1*. São Paulo: Ática.

RICHARDS, Keith.
2010. *Vida*. São Paulo: Globo.

ROJO, Luiz Fernando.
2014. Gêneros ao mar. Texto apresentado em reunião do Núcleo de Estudos sobre Corpo e Gênero (NECGen/UFF). Niterói.

SILVA, Luiz Antonio Machado da.
1978. O significado do botequim. In: KOVARICK, Lúcio (org). *Cidades: Usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense.

SIMMEL, Georg.
1998. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UNB, 1998.
2006. *Questões fundamentais da sociologi*a. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SAHLINS, Marshall.
2003. *Cultura e Razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar.

SOARES, Simone Simões Ferreira.
1993. *O jogo do bicho – a saga de um fato social brasileiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SOUZA, Herbert José de.
2005. *Como se faz análise de conjuntura*. Petrópolis: Vozes.

THOMAS, Keith.
2010. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.

TURNER, Vitor.
2005. *Floresta de Símbolos: Aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF.

VELASQUEZ, Rafael.
2012. *Cavalos, Rateios & Barbadas: uma aposta etnográfica nas corridas de cavalos no Hipódromo da Gávea, Rio de Janeiro*. Monografia de conclusão de curso: Universidade Federal Fluminense.

VELHO, Gilberto.
1978. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

WEBER, Max.
2004. *A bolsa*. Lisboa: Relógio D'Água.

WHYTE, William Foote.
2005. *Sociedade de esquina: a estrutura de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar.